

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
PROJETO EXPERIMENTAL EM JORNALISMO I – MONOGRAFIA

HUGO CHÁVEZ, O DITADOR:
o discurso da revista Veja sobre o presidente da Venezuela

Angelo Kirst Adami

Porto Alegre, 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
PROJETO EXPERIMENTAL EM JORNALISMO I – MONOGRAFIA

HUGO CHÁVEZ, O DITADOR:
o discurso da revista Veja sobre o presidente da Venezuela

Angelo Kirst Adami

Orientador: Sean Hagen
Co-orientadora: Marcia Benetti

Porto Alegre, 2008

Dedicatória

Para minha filha, Carolina, que me faz desejar ser sempre uma pessoa melhor. Que com seus posicionamentos sinceros me faz constantemente repensar meus próprios conceitos. Que com seu carinho, amor e humanidade me dá a certeza de que vale a pena lutar por um mundo mais justo e mais feliz. Que pela falta que senti durante os momentos de estudo me fez ter certeza do quanto aqueles momentos eram realmente importantes.

Para minha esposa, Márcia, há quase 15 anos minha parceira, meu amor. Sempre um exemplo de integridade e dedicação, além de uma companheira amorosa, com quem partilho sonhos, ideais e vida com prazer e com a certeza de ter feito a escolha certa.

Para meus pais, José Antônio e Jeanete, pelo incentivo nesta jornada de estudos, e pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida.

Para meus irmãos, Felipe e Joana, pessoas queridas a quem admiro para além dos laços familiares.

Agradecimentos

À minha companheira de vida e de profissão, Marcia Veiga, que foi fundamental para a concretização do presente trabalho e desta jornada de estudos da qual mais uma etapa chega ao fim. Agradeço pelo conhecimento partilhado, pelas inúmeras sugestões, pelas leituras críticas, pelo constante apoio e incentivo e pela confiança sempre manifesta. Sem ela, esta conquista não teria sido possível.

Aos colegas de trabalho, que souberam compreender a importância deste momento e permitiram que eu me dedicasse a ele com a atenção e a seriedade necessárias.

Aos meus amigos, que tornaram a caminhada mais agradável e prazerosa, e que estiveram sempre à disposição nos bons e nos maus momentos. Em especial a Alinne Bonetti, pela disponibilidade, paciência e sugestões, em especial na fase de preparação deste trabalho.

Aos professores da Fabico, que contribuíram todos, cada um a seu modo, para o acúmulo de saber que me permite hoje pleitear a graduação em jornalismo.

Aos meus orientadores, Sean Hagen e Marcia Benetti, pela generosidade em partilhar seus conhecimentos, pela sabedoria em me apontar caminhos, pelas cobranças sérias quando necessário, pela coragem em sugerir recuos quando entenderam necessário e pela confiança em minha capacidade melhor aproveitar este momento acadêmico.

Resumo

O presente trabalho pretende analisar o discurso da revista *Veja* sobre presidente da Venezuela, Hugo Chávez. A seleção do *corpus* levou em conta as edições da revista em que Chávez aparecia ou era mencionado na capa. Foram selecionadas 12 edições da revista e 15 reportagens, de abril de 2002 a março de 2008. O objetivo é demonstrar como *Veja* constrói a imagem de Hugo Chávez como um ditador. Para isso, buscamos mapear os atributos associados pela revista à forma pela qual o presidente da Venezuela exerce o poder, identificar as marcas discursivas construídas por estes atributos e perceber de que forma *Veja* articula este discurso com o contexto brasileiro. Estudamos o jornalismo a partir da perspectiva construcionista, e utilizamos como metodologia a Análise do Discurso de linha francesa. A análise das 211 seqüências discursivas recortadas permitiu identificarmos quatro formações discursivas principais, através das quais *Veja* apresenta Chávez como um ditador: 1) o Autoritário; 2) o Caudilho Populista; 3) o Clone; e 4) a Ameaça.

Palavras-chave: Jornalismo, *Veja*, Hugo Chávez, ditadura, democracia, análise do discurso.

Sumário

1. Introdução.....	2
2. Jornalismo.....	7
2.1. Jornalismo e construção da realidade.....	7
2.2. O lugar da revista Veja.....	17
3. Hugo Chávez.....	23
3.1. Caminhada rumo ao poder.....	23
3.2. Chávez na presidência.....	31
3.3. Hugo Chávez e Brasil: um breve histórico.....	42
4. Análise.....	45
4.1. Democracia e ditadura.....	45
4.2. O Ditador: primeiras considerações.....	49
4.3. O Autoritário (FD 1).....	51
4.4. O Caudilho Populista (FD 2).....	64
4.5. O Clone (FD 3).....	67
4.6. A Ameça (FD 4).....	79
5. Conclusão.....	88
Referências.....	91
Anexos.....	93
Anexo 1.....	94
Anexo 2.....	107

1. Introdução

Desde a queda da União Soviética e a consequente conquista da hegemonia do cenário político mundial pelos Estados Unidos, houve um crescente esvaziamento do embate polarizado entre o que convencionalmente denominamos de esquerda e direita no âmbito político-econômico. Passamos a conviver cada vez mais sob o discurso da inevitabilidade da abertura dos mercados, da globalização, da livre iniciativa e de outros preceitos do neoliberalismo, vertente moderna do pensamento liberal que sempre forneceu a base ideológica direitista. O ideário de esquerda, órfão do referencial representado pelo bloco socialista do Leste Europeu, parecia definhando junto com o último grande representante vivo dos tempos da Guerra Fria, o presidente cubano Fidel Castro.

Nos últimos anos, no entanto, a América do Sul vivenciou o que podemos chamar de uma guinada à esquerda. Diversos países elegeram presidentes de tendências socialistas. São os casos de Luis Inácio Lula da Silva, no Brasil, Nestor Kirchner, na Argentina, Tabaré Vazquez, no Uruguai, Evo Morales, na Bolívia, e Michelle Bachelet, no Chile. A maioria desses presidentes ascendeu com discursos moderados, distantes do socialismo soviético e aos quais foram agregados elementos do liberalismo, como a livre circulação de capitais, a limitação da interferência do Estado sobre o mercado e a manutenção das políticas econômicas praticadas pelos antecessores.

Houve um personagem desta inflexão esquerdista, porém, que chegou ao poder e nele se mantém há quase dez anos sustentando um discurso marcadamente nacionalista, socialista, estatizante e crítico aos EUA. Além de contrariar diametralmente a cartilha neoliberal que se apresentava como “inevitável”, seu discurso costuma ser proferido de forma contundente, para não dizer beligerante. Trata-se de

Hugo Chávez, que ocupa o cargo de presidente da Venezuela desde 1999. Para além do discurso, algumas ações igualmente polêmicas, aliadas à importância econômica venezuelana no cenário mundial, devido às grandes reservas de petróleo que possui (as maiores fora do sempre conturbado Oriente Médio), o colocaram no foco das discussões internacionais. Sua *práxis* política, marcada pelo deslocamento da democracia representativa para a participação popular direta, através de referendos e plebiscitos, apresenta inúmeras divergências em relação às práticas previstas no modelo apresentado pelo liberalismo como o único possível de democracia. Sob seu comando, a Venezuela aproximou-se de países tidos como “vilões” por boa parte da opinião pública internacional, como Irã, Iraque, Líbia e Cuba. Ao mesmo tempo, ampliou a influência política e econômica sobre países próximos, sob o argumento de expandir a “Revolução Bolivariana” e implantar o “socialismo do século XXI” na América. Por tudo isso, vem angariando admiradores ardorosos entre os movimentos de esquerda, tanto quanto opositores ferrenhos entre os defensores do capitalismo. Foi capaz de reacender as disputas ideológicas entre esquerda e direita e as discussões acerca dos conceitos de democracia e ditadura.

Mas o interesse por Hugo Chávez certamente não seria tão grande, não fosse a participação ativa dos meios de comunicação em sua trajetória. Tirado do anonimato por uma rápida, porém marcante aparição na televisão, como veremos adiante, o presidente venezuelano chegou ao poder com o apoio de boa parte da mídia de seu país. Logo, no entanto, entrou em sérios atritos com esta. Ciente da importância dos meios de comunicação, lançou mão de veículos estatais, transmissões em cadeia nacional e até mesmo da não renovação de concessões de televisão como forma de se fazer presente na disputa pelos espaços de informação. Chávez é pródigo ainda em conquistar espaços na mídia internacional. Carismático e dono de posições controversas, não raro se envolve em situações que tornam quase obrigatória a produção de notícias a seu respeito¹.

Também no Brasil o presidente venezuelano vem sendo sistematicamente pauta dos veículos de imprensa, em referências normalmente marcadas por fortes posicionamentos ideológicos. À polarização que costuma acompanhar qualquer

¹ Lembramos aqui, a título de exemplo, de duas situações recentes. Em novembro de 2007, em plena reunião da Cúpula Ibero-americana, no Chile, Chávez desentendeu-se com os representantes da Espanha, ainda por conta do apoio que este país teria dado à tentativa de golpe de Estado que sofreu em 2002. O incidente resultou na célebre frase “Por que no te callas?” (Por que não te calas?, tradução nossa), proferida pelo rei da Espanha, Juan Carlos I, e que foi repetida à exaustão pelo mundo inteiro. Já em maio de 2008, ganhou destaque internacional a declaração de Chávez associando a chanceler alemã Ângela Merkel ao nazismo.

discussão acerca de Hugo Chávez, somam-se as disputas internas pelo poder, que passam necessariamente, no contexto da modernidade, pelos meios de comunicação, principal arena política da sociedade. As seguidas trocas de elogios entre Lula e Chávez, que costumam destacar as afinidades ideológicas mútuas, mesmo em situações em que estão em jogo conflitos de interesses entre os dois países, fazem do líder venezuelano alvo de constante atenção. Assim, justifica-se o interesse deste trabalho em estudar como este personagem é retratado pela mídia nacional, em especial pela revista *Veja*.

Veja é a maior e mais influente revista brasileira. Com tiragem semanal superior a um milhão de exemplares, circula majoritariamente por um público de alto poder aquisitivo e nível de instrução muito acima da média nacional, ao qual se convencionou chamar de “formador de opinião”. Tais características conferem à linha editorial da revista grande relevância como objeto científico, uma vez que ela é realmente capaz de influir na percepção da realidade por parte de muitos brasileiros.

Uma primeira análise das referências a Chávez nas páginas de *Veja* indicou uma postura marcadamente crítica da revista. Ainda na fase de preparação do presente trabalho, nos deparamos com outras duas monografias² que confirmam essa percepção de um tratamento ideologizado e negativo de *Veja* em relação ao presidente venezuelano. Assim, assumimos como proposta partir dos estudos já realizados e aprofundar suas investigações. Para isso, tomamos como hipótese a noção vislumbrada a partir do manuseio do *corpus*, de que a revista brasileira apresenta Hugo Chávez como um ditador, e buscamos as marcas discursivas utilizadas para a construção desta imagem.

O *objetivo geral* desta pesquisa é demonstrar como *Veja* constrói a imagem de Hugo Chávez como um ditador. Os *objetivos específicos* são: a) mapear os atributos que a revista associa ao presidente de Venezuela, no que diz respeito à forma como este exerce o poder; b) identificar as marcas discursivas constituídas por estes atributos e como elas formam os efeitos de reiteração e paráfrase ao longo do *corpus*; e c) perceber de que forma *Veja* articula este discurso com o contexto brasileiro.

Para a constituição do nosso *corpus*, selecionamos dentre as edições de *Veja*, desde janeiro de 1998, aquelas em que a capa fazia referência a Hugo Chávez, seja como matéria principal, seja como chamada de capa, seja como citação em outra

² “A notícia impressa: uma análise do discurso sobre Hugo Chávez na revista *Veja*”, de Ana Paula Faria, e “Contribuição ao estudo das abordagens midiáticas: a Venezuela de Chávez através das revistas *Veja* e *Carta Capital*, entre abril de 2003 e agosto de 2004”, de Juliano Bruni Pereira.

matéria destacada, seja somente através de imagem. A escolha do ano de 1998 como marco inicial deve-se ao fato de ter sido este o ano da campanha presidencial que levou Chávez à presidência da Venezuela, ainda que ele tenha anunciado a intenção de concorrer já no ano anterior³. Como resultado, obtivemos um total de 12 edições que trouxeram Chávez na capa, com 15 matérias relacionadas ao assunto e 212 seqüências discursivas.

Como *metodologia*, recorreremos à Análise do Discurso (AD) de linha francesa. Benetti (2007, p. 111) lembra que “o texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que inicia *em outro lugar*: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário”. O que é anterior e exterior ao discurso jornalístico é parte indissociável do próprio texto. A Análise do Discurso é um método que permite, ao pesquisador, problematizar a conjugação de forças que determinam o discurso – entre elas, o poder da ideologia. A camada discursiva, mais visível, nem sempre revela com clareza a camada ideológica, que lhe é anterior e subjacente. A AD é um método preocupado em desvelar o processo discursivo, indo a seus modos de funcionamento.

É neste quadro que utilizamos dois conceitos fundamentais: Formação Discursiva (FD) e paráfrase. Formação Discursiva pode ser definida como uma região formada por um sentido nuclear. Para compreender como um discurso – como o jornalístico – constrói sentidos, buscamos reunir todas as marcas textuais que convergem para estes sentidos nucleares estabelecidos na observação do *corpus*. As FDs que se tornam predominantes tomam forma a partir do movimento de paráfrase, que é a reiteração de um sentido. É pela paráfrase que o sentido se consolida, atravessando textos diversos ao longo de diferentes seqüências discursivas (SDs) – trechos recortados pelo analista, a partir da questão ou problema de pesquisa, em função de sua operacionalidade metodológica e relevância de conteúdo analítico.

Além da adequação aos objetivos do presente trabalho, a AD é condizente pela perspectiva teórica a partir da qual pensamos o jornalismo, a Teoria Construcionista. No primeiro capítulo, desenvolvemos este entendimento, relacionando a produção jornalística com a construção da realidade. Fazemos ainda uma breve explanação sobre a revista *Veja*, focada na sua importância no cenário informativo nacional e nas suas características discursivas.

³ Fizemos também um rápido levantamento nas edições de fevereiro de 1992, quando ocorreu um golpe de Estado do qual Chávez era um dos líderes, e que foi responsável por tirá-lo do anonimato, mas não localizamos qualquer menção em capa para o incidente ou seus participantes.

No segundo capítulo, discorreremos sobre Hugo Chávez, destacando sua trajetória política na Venezuela, suas relação com os meios de comunicação, sua importância no contexto mundial e um breve histórico de sua ligação com o Brasil.

O capítulo três inicia pela exposição de alguns conceitos relacionados à ditadura e à democracia, fundamentais para a análise feita na seqüência. Logo depois, passamos à análise do *corpus* da pesquisa, apresentando as formações de sentido identificadas e as intenções percebidas no discurso da revista Veja.

2. Jornalismo

2.1. Jornalismo e construção da realidade

O mundo em que vivemos se torna cada vez mais complexo, por conta da impressionante quantidade de informações que recebemos de incontáveis fontes. Os avanços tecnológicos recentes, em especial na área da comunicação, tiveram como consequência redimensionar nossas noções de fronteiras, distâncias e tempo. A fim de podermos nos situar diante dessa realidade multifacetada, no vemos obrigados a buscar apoio em “ferramentas” que nos auxiliem a compreender e contextualizar fatos que ocorrem nas mais diversas partes do mundo e que, muitas vezes, acabam tendo influência direta em nosso cotidiano. Não é simples, por exemplo, entender como uma crise no mercado imobiliário estadunidense pode desestabilizar a economia brasileira, ou porque a nacionalização de empresas na Venezuela causa reações tão fortes no cenário político nacional. E uma das principais ferramentas para isso é o jornalismo, que cada vez mais vem atuando como instrumento “pedagógico”, como instrumento de construção de valores e da “realidade” atual. Para Fischer (1997, p. 62), verificamos hoje em dia

[...] o deslocamento de algumas funções básicas, como a política e a pedagógica, que gradativamente deixam seus lugares de origem – os espaços institucionais da escola, da família e dos partidos políticos –, para serem exercidas de um outro modo, através da ação permanente dos meios de comunicação.

O jornalismo é um dos responsáveis por dar sentido ao mundo que nos cerca, mas ao fazê-lo, se torna um dos responsáveis por construir nossas noções do real, já

que, “[...] se por um lado deriva da fala de indivíduos inseridos historicamente em seu tempo, sendo efeito dos sentidos dominantes nesses contextos, por outro tem o poder de nomear, consagrando ou ocultando sujeitos, políticas, instituições, práticas e ideologias” (BENETTI, 2007, p. 1/2). Por conta da imagem construída de isenção, de local de circulação de verdades, o jornalismo reveste-se de uma importância ainda maior, a ponto de ser hoje a principal arena pública de debates, ainda que esse caráter público não garanta a todos iguais condições de acesso. Os grandes embates políticos contemporâneos passam necessariamente por uma disputa de forças e espaços junto aos meios noticiosos. A forma como os meios de comunicação abordam os fatos, portanto, adquire um componente ideológico importante, que é repassado ao seu público e contribui de forma significativa nas discussões que se estabelecem sobre o tema. Assim, entendermos como se estruturam e funcionam os veículos de informação e qual a dinâmica de produção das notícias que veiculam se torna fundamental para entendermos como se dá a construção da nossa própria realidade, ou, no caso específico do presente trabalho, da imagem que se pretende construir em relação a um personagem político de grande destaque no cenário mundial recente, o presidente venezuelano Hugo Chávez.

Inicialmente, cabe referir que o jornalismo, ainda que seja muitas vezes visto como um instrumento de defesa da sociedade contra eventuais abusos de poder, mantém uma relação íntima com este, a ponto de ser muitas vezes chamado de “o quarto poder”⁴. É hoje fundamentalmente um negócio, que tem como produto a ser oferecido a notícia, sua mercadoria, e como tal tem interesses a defender, em especial no campo político e ideológico. Isso tem a ver com a própria história dos meios de comunicação, intimamente ligada com a expansão do capitalismo. Thompson (1995, p. 277) afirma que

O surgimento da comunicação de massa é uma característica constitutiva fundamental das sociedades modernas. É um processo que esteve interligado com o desenvolvimento do capitalismo industrial e com o surgimento do moderno estado-nação. É também um processo que transformou, profundamente, as maneiras como as formas simbólicas circulam nas sociedades modernas.

Para Sodré (2002, p. 64), “a mídia fala do mundo para vendê-lo ou para agilizá-lo em termos circulatórios – sua verdadeira agenda é a do liberalismo comercial.” Traquina (2004) é um pouco menos radical e propõe que enxerguemos o

⁴ Numa alusão à sua influência em relação aos demais poderes presentes na maior parte das sociedades ocidentais modernas: executivo, legislativo e judiciário.

campo jornalístico como composto por dois pólos distintos: o primeiro, ideológico, seria aquele no qual o jornalismo é definido como “[...] um serviço público que fornece cidadãos com a informação de que precisam para votar e participar na democracia e age como guardião que defende os cidadãos dos eventuais abusos de poder” (TRAQUINA, 2004, p. 27); o outro, econômico, em que o jornalismo estaria associado ao ganhar dinheiro, pelo que se deixariam de lado os valores associados à ideologia profissional em nome da audiência e da venda de jornais, telejornais e revistas. Sobre este pano de fundo, no qual os pólos coexistem em constante conflito, se movimentariam diversos “jogadores”, em constante interação com os profissionais do campo jornalístico, cada qual tentando “mobilizar, para suas estratégias comunicacionais, os seus acontecimentos, os seus assuntos, as suas idéias e valores” (TRAQUINA, 2004, p. 28).

Os primeiros “jogadores” a serem destacados neste campo são os proprietários dos veículos de informação. Em que pese ser em boa parte constituído por concessões públicas, o “mercado” da comunicação brasileiro está sob o domínio de poucos grupos familiares, que detêm em suas mãos os principais veículos de comunicação. É a visão destes grupos oligárquicos, poderosos representantes das elites nacionais, e a daqueles que com estes mantém relações de interesse, que vemos primordialmente representada e propagada pelos veículos informativos e de entretenimento, se constituindo num dos principais filtros pelos quais os acontecimentos passam antes de chegar ao leitor⁵.

Os jornalistas, no entanto, também exercem papel fundamental na definição dos temas e pautas da agenda jornalística. Exercendo sua atividade nas organizações jornalísticas, eles acabam de certa forma por submeter-se ao constrangimento organizacional vigente. Assim, acabam por produzir as notícias tendo em mente, ainda que inconscientemente, seus superiores hierárquicos (editores e chefes de redação), suas fontes, os anunciantes e, sobretudo, seus colegas jornalistas. Nessa linha, afirma Marocco (1998, p. 92):

A mídia amplia a voz de uma parcela da população, que normalmente ouve porque essa voz é endógena ao campo do jornalismo. Os jornalistas, de fato, ampliam a voz de que se reconhecem, a voz do sistema social em que nascem, vivem, ganham o seu dinheiro e se produzem.

Não perdem, porém, toda a sua capacidade de influência. Como afirma Traquina (2004, p. 26), o trabalho jornalístico é altamente condicionado, mas, devido à

⁵ Ao utilizarmos a palavra leitor, no presente trabalho, estamos nos referindo não só ao leitor propriamente dito (de um texto escrito), mas também a ouvintes e espectadores, que “acessam” o texto a partir de outros suportes.

sua “autonomia relativa”, tem “poder”, e, por consequência, os seus profissionais têm poder, constituindo-se como participantes ativos na construção das notícias e, portanto, também da realidade. Tais perspectivas, ainda que destaquem fortemente os limites e limitações da área de atuação dos profissionais, estão de acordo com o prisma pelo qual enxergamos o campo jornalístico, que vai ao encontro das teorias construcionistas surgidas na década de 70. Para elas, as notícias têm papel importante na construção do que entendemos por realidade, e são “[...] o resultado de processos complexos de interação social entre os agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da *comunidade profissional*, dentro e fora da sua organização” (TRAQUINA, 2004, p. 173). Assim, o jornalista ocupa papel ativo na seleção e produção das notícias e, por consequência, na construção da própria realidade.

Este papel ativo do jornalista, que contraria diametralmente a noção das notícias como um espelho da realidade⁶, se constitui em diversas instâncias, e não é necessariamente consciente e, menos ainda, necessariamente tendencioso para uma determinada ideologia qualquer, ainda que por uma série de fatores, como veremos adiante, acabe normalmente apoiando o poder estabelecido e a manutenção do *status quo*. Traquina (2004) defende que a construção social do que é notícia, resultado das interações entre diversos agentes sociais, se dá em três níveis. O primeiro é o da interação dos jornalistas com as fontes de informação. Destas, algumas gozariam de acesso regular aos profissionais da comunicação, enquanto outras necessitariam “perturbar a ordem” para obter o seu acesso. O segundo nível se dá na interação dos jornalistas com os demais membros da sua comunidade profissional, com os quais há uma identidade profissional, cultural e de valores. Estas interações acontecem dentro e fora das redações, durante o tempo todo, e são de suma importância, uma vez que são os jornalistas que, em última instância, decidem o que é ou não notícia. O terceiro nível é o da interação silenciosa dos jornalistas com a sociedade, através dos valores sociais que definem o que é normal ou anormal, aceitável ou desviante, legítimo ou ilegítimo, contribuindo, também de forma decisiva, na definição do que é notícia. O autor afirma que “[...] as notícias têm uma estrutura profunda de valores que os jornalistas

⁶ A teoria do espelho entende que “[...] as notícias são como são porque a realidade assim as determina” (TRAQUINA, 2004, p. 146). O jornalista, por esta teoria, é um simples mediador, que reproduz, de forma imparcial e com base no respeito às normas profissionais, os acontecimentos na notícia. Estas seriam, portanto, um “reflexo” fiel da realidade.

compartilham, como membros da sociedade, com a sociedade” (TRAQUINA, 2004, p. 29).

Notícias, sob o enfoque da teoria construcionista-interacionista, “[...] são o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)” (TRAQUINA, 2004, p. 180). Dentre os inúmeros acontecimentos que constituem a matéria-prima “bruta”, são selecionados aqueles considerados dignos de adquirir existência pública na forma de notícia, isto é, ter noticiabilidade, ou ainda, valor-notícia, e a autoridade para efetuar esta seleção é reivindicada pelos profissionais do jornalismo.

Sobre valor-notícia, Posada (1992), aponta quatro considerações fundamentais na sua formulação. A primeira diz respeito ao conteúdo da notícia, ao acontecimento que se transforma em notícia. Estes estão diretamente relacionados à importância e ao interesse. A importância é definida pela hierarquia dos sujeitos envolvidos no acontecimento noticiável, enquanto o interesse, o preferido pelos jornalistas por soar mais nobre, refere-se diretamente ao que pode chamar a atenção do leitor, o fato curioso ou relevante, e está relacionado diretamente, por conseguinte, à imagem que o jornalista faz de seu público. A segunda refere-se à disponibilidade de material e aos critérios relativos ao produto informativo, ou seja, aos processos de produção. Além da necessidade de acesso a material que permita escrever sobre um acontecimento e contextualizá-lo, este deve possuir características específicas, como brevidade e qualidade. A terceira tem a ver com a imagem que os jornalistas têm de seu público, e relaciona-se diretamente, portanto, com a primeira. Esta imagem pode configurar-se como um problema, na medida em que, uma vez que a meta dos veículos de comunicação é manter a audiência, o interesse presumido dos leitores por determinados acontecimentos ganha preferência em relação aos fatos. A quarta consideração refere-se à competição existente entre os meios presentes no mercado informativo, que pressiona os jornalistas rumo a uma constante busca por exclusividade.

Os acontecimentos que passam pelos critérios de noticiabilidade e acabam veiculados nos meios de comunicação, transformando-se em notícia, assumem então um papel importante na construção da nossa realidade cotidiana.

A notícia é uma instituição social e uma realidade histórica, legitimadas socialmente para cumprir a função de estruturar a realidade mesma. Os meios de comunicação são o lugar onde se produz a realidade das sociedades industriais contemporâneas. Dentro dessas análises, a linguagem ocupa um

lugar central. A forma como se constrói socialmente a realidade é atribuindo-lhe sentido, ou seja, nomeando-a (POSADA, 1992, p. 123, tradução nossa).

A fim de que esta atribuição de sentido se concretize, é necessário que haja um entendimento entre quem produz a notícia e quem a recebe, o que implica a existência de um campo comum de valores e significados, dentro do qual as informações são interpretadas.

Um acontecimento só “faz sentido” se se puder colocar num âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais. Se os jornalistas não dispusessem – mesmo de forma rotineira – de tais “mapas” culturais do mundo social, não poderiam “dar sentido” aos acontecimentos invulgares, inesperados e imprevisíveis que constituem o conteúdo básico do que é “noticiável” (HALL et al., 1993, p. 226).

Para além do entendimento simbólico, Benetti (2007) afirma que o entendimento entre o jornalista e o leitor se dá mediante um acordo tácito, um contrato de leitura que define o *gênero do discurso jornalístico*, construído historicamente, e que tem como base a noção de que o jornalismo é um discurso comprometido com a verdade. Partindo dessa premissa, amparam este campo profissional as ilusões de que:

a) o jornalismo retrata a realidade como ela é; b) tudo que é de interesse público assim é tratado pelo jornalismo; c) o compromisso com a verdade não se subordina a nenhum outro interesse; d) o jornalismo ouve a melhores fontes, e as fontes oficiais costumam ser as mais confiáveis; e) os melhores especialistas são aqueles que falam na mídia; f) todos que têm algo relevante a dizer têm espaço no jornalismo dito sério ou de referência; g) jornalismo e propaganda não se confundem (BENETTI, 2007, p. 2).

A autora destaca ainda que a crença do leitor em tais princípios (ilusórios, como bem referido) não é exatamente

[...] “uma escolha” [...], pois abrir mão dessa crença significa abrir mão de uma voz estruturadora do real. Por meio dessa voz, é possível saber não apenas o que anda acontecendo no mundo, mas também, e especialmente, o que importa saber sobre o que anda acontecendo no mundo. O jornalismo escolhe o que “vale a pena” relatar, quem tem mais confiabilidade ou mais apelo para se constituir como fonte e então constrói os relatos, estabelecendo os critérios de relevância e os parâmetros de normalidade da sociedade (BENETTI, 2007, p. 3).

Já falamos anteriormente sobre como o jornalista escolhe o que “vale a pena” retratar, sobre o que ele escolhe, bem como sobre a forma com que são construídos os relatos, sob o prisma dos valores sociais compartilhados por este profissional com seus colegas e com a sociedade (ou pelo menos a parte desta à qual ele tem acesso mais direto), da qual faz parte. Cabe ainda fazermos referência, de forma mais específica, ao

outro componente fundamental da estrutura de construção da notícia: a fonte. O acesso das fontes aos meios de comunicação, como já referimos, não está distribuído de forma igualitária entre os agentes sociais. Molotch e Lester (1993) destacam a existência de três tipos de acesso: o habitual, o disruptivo e o direto. O acesso habitual é “concedido” àqueles indivíduos ou grupos que estão tão bem situados socialmente que suas necessidades de acontecimento correspondem aos interesses diretos da atividade jornalística. A fala do presidente da República, por exemplo, por princípio terá lugar em um jornal. O acesso disruptivo depende de seus agentes “promoverem” a notícia, desestabilizando a ordem rotineira, causando choque ou surpresa. O acesso direto é reservado aos próprios jornalistas, que podem, a partir da investigação ou da percepção profissional, dar lugar a uma notícia. Por este prisma, qualquer um pode se tornar uma fonte para os jornalistas. Molotch e Lester (1993, p. 44) salientam, no entanto, que o acesso habitual é uma das “importantes fontes e sustentáculos das relações existentes de poder”.

Traquina observa os critérios utilizados na avaliação das fontes como sendo a autoridade, a produtividade e a credibilidade. As fontes costumam ser utilizadas mais pela posição que ocupam do que propriamente pelo que sabem. Quanto maior o *status* da posição do indivíduo, tanto maior será a confiança das pessoas em sua autoridade, e conseqüentemente tanto maior será a sua credibilidade. Além disso, em virtude da necessidade de economia de tempo e recursos, o jornalista costuma limitar o número de fontes consultadas. Assim, uma fonte com boa produtividade, isto é, que forneça dados suficientes para embasar uma notícia, é uma boa fonte. Ainda relacionado aos critérios de economia na produção de notícias, está o fator credibilidade. A fim de evitar demasiados procedimentos na checagem das informações, fontes que anteriormente forneceram material credível têm boas chances de serem novamente utilizadas, até se transformarem em fontes regulares. Há que se considerar, acrescentamos, que fontes credíveis asseguram a credibilidade do próprio jornalista. Por conta destes critérios, não é difícil compreender o processo de institucionalização das fontes, uma limitação das vozes que falarão através da mídia, que tenderão inevitavelmente, pela rotina a se constituírem a partir das vozes “oficiais”. “Para além disso, os jornalistas aplicam, profissionalmente, os mesmos critérios que os indivíduos utilizam na sua vida de todos os dias, conferindo uma maior confiança às pessoas que se parecem com eles.” (GANS⁷

⁷ GANS, Herbert. *Deciding What's News: a Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. New York: Pantheon Books, 1979

apud TRAQUINA, 2004, p. 193). Na mesma direção, Veiga (2005) afirma que os jornalistas, impregnados pela subjetividade de seus próprios valores, muitas vezes buscam fontes que corroborem o seu ponto de vista.

Os profissionais que atuam nos meios de comunicação (jornalistas, publicitários ou relações públicas) são também normalmente originários de setores privilegiados da sociedade, distanciados dos locais em que se verificam as mazelas sociais mais graves. Assim, não bastassem as diretrizes propostas pelos veículos de comunicação, sejam estas linha editorial ou a vontade do anunciante ou proprietário de uma empresa, os próprios profissionais acabam por reproduzir visões parciais de mundo, a partir de suas próprias concepções, inconscientemente insensíveis a indivíduos que não fazem parte do seu círculo habitual (VEIGA, 2005, p. 36).

Traquina vai além, ao afirmar que, por conta da relação estrutural dos jornalistas com o poder, frequentemente estes assumem papel secundário na definição dos acontecimentos noticiosos, uma vez que reproduzem “[...] as definições daqueles que têm acesso privilegiado, como que de direito, aos *media* como ‘fontes acreditadas’” (TRAQUINA, 2004, p. 179).

O importante da relação estruturada entre os *media* e os *primary definers*⁸ institucionais é que permite aos definidores institucionais estabelecer a definição ou *interpretação primária* do tópico em questão. Então esta interpretação “comanda a ação” em todo o tratamento subsequente e impõe os termos de referência que nortearão todas as futuras coberturas ou debates (HALL et al., 1993, p. 230, grifo dos autores).

Esta relação estrutural se dá não só por conta dos valores habitualmente partilhados por estas duas instâncias, os meios de comunicação e o poder instituído⁹, o que facilita a comunicação entre estes setores, mas também pelas rotinas de produção das notícias. Traquina (2004) destaca que os fatos passíveis de virarem notícias não têm hora nem local definidos para acontecerem. No entanto, os jornalistas vivem sob a tirania do fator tempo. Não lhes é permitido, por exemplo, deixar de publicar um jornal num determinado dia por falta de notícias. Assim, eles são obrigados a lançar mão de algumas estratégias para fazer frente ao caráter imprevisível dos acontecimentos, impondo uma certa ordem no tempo e no espaço. Citando Tuchman¹⁰, afirma que, para

⁸ Os *primary definers*, ou definidores primários, são normalmente “porta-vozes” que ocupam posições de poder ou de *status* social elevado, tendo, portanto, suas opiniões aceitas de forma privilegiada, pois considera-se que teriam acesso à informação mais precisa ou especializada em determinados assuntos do que a maioria da população.

⁹ Aqui entendido não só como os órgãos governamentais e seus ocupantes, mas também todo aquele que possui *status* social elevado, que ocupa um lugar entre a “elite” da sociedade.

¹⁰ TUCHMAN, Gaye. *Making News by Doing Work: Routinizing the Unexpected*. American Journal of Sociology, Vol. 79, nº 1

_____. *Making News: A study in the construction of Reality*. New York: The Free Press, 1978. Publicado também na Espanha, *La production de la notícia*, em 1983

“organizar” os acontecimentos no espaço, as empresas jornalísticas lançam mão de uma “rede noticiosa” que possa “capturar” os acontecimentos. As três estratégias que ele apresenta como sendo comumente utilizadas para isso são:

1) A territorialidade geográfica – as empresas jornalísticas dividem o mundo em áreas de responsabilidade territorial; 2) a especialização organizacional – as empresas jornalísticas estabelecem “sentinelas” em certas organizações que, do ponto de vista dos valores-notícia, produzem acontecimentos julgados com noticiabilidade; 3) a especialização em termos de temas – as empresas jornalísticas auto-dividem-se por seções que enchem certas rubricas do jornal (TRAQUINA, 2004, p. 181-182).

Como consequência destas estratégias, apenas os acontecimentos ocorridos nos locais cobertos por esta “rede” serão passíveis de se tornarem notícia. Logo, as notícias terão tendência a “ocorrer” em certas localidades, e em outras não. Indo além, acabamos por concluir também que determinadas fontes serão mais provavelmente utilizadas, e mais facilmente acessadas, em função de estarem ou não em contato com as localidades cobertas pela rede noticiosa, e acabam se constituindo como fontes “habituais”. A Venezuela, desde que Chávez assumiu o poder e promoveu alterações em posições mantidas há bastante tempo pelos governos anteriores, como veremos no capítulo 2, passou a fazer parte desta rede, sendo pauta constante na mídia internacional e brasileira.

Em relação à ordem dos acontecimentos no tempo, é preciso compreender a lógica das rotinas produtivas. Considerando que nas horas “normais” de trabalho é que se encontram disponíveis o grosso dos repórteres e fotógrafos, espera-se que os acontecimentos “noticiáveis” ocorram dentro deste período, sendo necessário um acontecimento claramente identificável como possuindo valor-notícia para justificar a cobertura em outros horários. As empresas jornalísticas trabalham ainda com o agendamento dos acontecimentos previstos, organizando o próprio trabalho com certa antecedência. Além disso, “o ritmo do trabalho jornalístico, o valor do imediatismo, a definição do jornalismo como relatos atuais sobre acontecimentos atuais, têm como consequência uma ênfase nos acontecimentos e não nas problemáticas” (TRAQUINA, 2004, p. 184), uma vez que aqueles são mais facilmente observáveis que estas por estarem definidos no espaço e no tempo. Assim, também em função do tempo há uma tendência de o jornalista contar com um leque de fontes com as quais sabe que poderá contar quando necessário, a fim de responder às suas “necessidades de acontecimentos”. Lembrando a visão da teoria construcionista-interacionista de que a produção de

notícias é um processo interativo de negociação constante entre diversos agentes sociais que atuam ativamente, destacamos as três categorias de pessoas que Molotch e Lester identificam como diferentemente posicionadas perante a organização do trabalho jornalístico:

Primeiro, há os *promotores de notícias* (*news promoters*), aqueles indivíduos e os seus associados [...] que identificam (e tornam-na assim observável) uma ocorrência como especial, com base em algo, com alguma razão, para os outros. Em segundo lugar, há os *new assemblers* (jornalistas, editores e *rewritemen*), que, trabalhando a partir dos materiais fornecidos pelos promotores, transformam um perceptível conjunto finito de ocorrências promovidas em acontecimentos públicos através de publicação ou radiodifusão. Finalmente, há os *consumidores de notícias* (*news consumers*) (por exemplo, os leitores), que analogamente assistem a determinadas ocorrências disponibilizadas como recursos pelos meios de comunicação social e criam, desse modo, nos seus espíritos, uma sensação de tempo público (MOLOTCH e LESTER, 1993, p. 38, grifo no original).

Os autores distinguem ainda, entre os promotores de notícias, os “executores” – aqueles que fazem o acontecimento, que dele participam – e os “informadores” – aqueles que não participam do acontecimento, mas assumem o papel de informar a mídia sobre a existência do mesmo. Devemos considerar que a transformação de um acontecimento em notícia significa dar existência pública a este acontecimento, ou seja, transportá-lo para o universo do “real” de uma parcela da sociedade que de outra forma sequer tomaria conhecimento dele. Neste sentido, afirma Augusti (2005, p. 46) que “a relevância da existência social de outros campos sociais é diretamente proporcional à presença que eles efetuam nos meios de comunicação. A difusão dos meios de comunicação orienta a produção de outros campos”. Essa afirmação explica o interesse no acesso privilegiado à mídia por parte de determinados grupos, bem como a luta por espaço de outros, todos visando ocupar o papel de promotores de notícias. Essa concorrência entre os promotores envolve dois aspectos vitais:

- 1) a definição das ocorrências e/ou as questões que merecem ser constituídas em notícia, e ganham assim o direito de existir enquanto recurso do discurso nos assuntos públicos e também o direito de figurar na agenda jornalística, e
- 2) a definição das ocorrências e/ou as questões de uma outra forma, nomeadamente a definição de seu enquadramento, isto é, a forma como será apresentada e possivelmente interpretada pela opinião pública. (TRAQUINA, 2004, p. 186)

Traquina afirma que por conta disso, nas sociedades midiaticizadas, o campo jornalístico constitui um alvo prioritário de ação estratégica dos diversos agentes sociais, em especial os do campo político. E se, no Brasil, são os telejornais e programas

jornalísticos os responsáveis pela popularização da agenda jornalística, como afirma Kucinski, são os jornais impressos (e aqui, acrescento, as revistas impressas), por seu caráter documental, que “dão as bases de partida dos processos de definição da agenda de discussões e de produção do consenso” (KUCINSKI, 1998, p. 23). No mesmo sentido, transporto o pensamento de Veiga (2005) sobre o jornal impresso para a revista, por entender que sua perspectiva se aplica inteiramente ao caso. Para a autora,

O jornal tem entre suas principais características o fato de ser um veículo que, mesmo de massa, interessa e significa apenas a uma parcela mais privilegiada, que no caso do Brasil, é formada por pessoas oriundas de classes sociais privilegiadas, que também é composta pela minoria alfabetizada do país em condições de compreender um texto escrito (VEIGA, 2005, p. 46).

Ela segue ressaltando que é exatamente o fato de circular junto a um público restrito e seletivo que concede ao jornalismo impresso seu peso na esfera pública de debates. A revista *Veja*, como veremos a seguir, traz uma série de elementos que a coloca exatamente na perspectiva de “construtora da realidade”, e insere-se como um dos principais veículos de comunicação brasileiros também pelo fato de possuir um público leitor altamente elitizado, tido como “formador de opinião”, constituindo-se como uma publicação de grande interesse para quem pretende fazer valer seus valores e idéias. Por este prisma, constitui-se como um veículo digno da análise que aqui pretendemos desenvolver.

2.2. O lugar da revista *Veja*

A revista *Veja*, objeto de análise do presente trabalho, é o “carro-chefe” das publicações do Grupo Abril Cultural. Publicada desde setembro de 1968 e hoje a maior revista semanal do país, coloca-se explicitamente como um veículo de informação com pretensão de construir a realidade de seus leitores. Logo ao abrirmos a página eletrônica do que a revista denomina “*Veja mídia kit*”¹¹, nos deparamos com a seguinte frase, de autoria do presidente da Editora Abril, Roberto Civita, sobre os objetivos da publicação:

Ser a maior e mais respeitada revista do Brasil. Ser a principal publicação brasileira em todos os sentidos. Não apenas em circulação, faturamento publicitário, assinantes, qualidade, competência jornalística, mas também em

¹¹ http://veja.abril.com.br/idade/publiabril/midiakit/veja_editorial_missao.shtml, acesso em 01/05/2008

sua insistência na necessidade de consertar, reformular, repensar e reformar o Brasil. Essa é a missão da revista. Ela existe para que os leitores entendam melhor o mundo em que vivemos (grifo no original).

Veja pretensamente fala de um lugar claro, com objetivos definidos, e possui grande alcance junto a um público “qualificado” e formador de opinião. Começamos por situar a importância da revista Veja no cenário midiático brasileiro, em especial no mercado editorial de revistas. Dados extraídos de seu sítio eletrônico informam que o total de exemplares impressos em janeiro de 2008 atingia 1.063.653 revistas. Deste número, aproximadamente 85% destinavam-se a assinantes, o que demonstra uma relação de fidelidade com a publicação e garante forte respaldo econômico. A quantidade de leitores da revista, de acordo com projeções, alcançava a expressiva cifra de 6.973.000. Tais dados a colocam como a 4ª revista semanal de informação no mundo, atrás apenas de *Time*, *Newsweek* e *U. S. News and World Report*.¹²

Este significativo alcance ganha relevância se considerarmos as características do público consumidor de Veja. Os leitores estão situados principalmente nas classes A e B (34% e 39% do total, respectivamente), e o índice dos que têm curso superior ou pós-graduação é 263% maior que a média da população brasileira.¹³ Isso os coloca como uma espécie de elite nacional, o que se costuma chamar de “formadores de opinião”. “É gente que no trabalho, em casa, na escola ou no bar, influencia outros brasileiros com sua visão de mundo. A maneira como Veja expõe a realidade é, deste modo, reproduzida muito além dos limites de seus próprios leitores” (HERNANDES, 2004, p. 14).

Hernandes afirma também que a Veja, assim como sua editora, a Abril Cultural, não fazem cerimônia em afirmar os valores que defendem: capitalistas e neoliberais, muitas vezes apresentados sob o eufemismo da “livre iniciativa”. “Trata-se do grande filtro que impõe o que entra ou não na publicação” (HERNANDES, 2004, p.14). Deste lugar bem definido,

a revista procura “explicar” as coisas do mundo para seus leitores e, para isso, recorre freqüentemente ao “conhecimento legitimado”, por meio de vozes consideradas autorizadas (professores, especialistas em áreas específicas, universidades, institutos de pesquisa etc.) e de dados comprobatórios (índices, porcentagens, gráficos, quantidades, datas) (NASCIMENTO, 2002, p. 174).

¹² http://veja.abril.com.br/idade/publiabril/midiakit/veja_circulacao_cobertura.shtml, acesso em 01/05/2008

¹³ http://veja.abril.com.br/idade/publiabril/midiakit/veja_perfil_perfildoleitor.shtml, acesso em 01/05/2008

Explicar, de acordo com Nascimento, é próprio de quem julga deter um saber. No mesmo sentido se posiciona Benetti (2007), que destaca a capacidade de produção de sentidos da revista num contexto de formação de opinião. “Veja construiu, de si mesma, uma forte imagem de legitimidade para proferir saber – frente a um suposto não-saber dos leitores, da população em geral e, em certos momentos, das próprias fontes” (BENETTI, 2007, p. 9). Pode-se afirmar que a revista conseguiu ao longo de sua existência instaurar uma *comunidade discursiva*¹⁴ na qual seus leitores se sentem inseridos, se reconhecem como sujeitos e identificam valores a partir dos quais podem agir socialmente. Para Benetti, Veja tem ciência do valor simbólico da instauração desta comunidade e a utiliza para estabelecer com os leitores um processo de reconhecimento e compartilhamento de saberes. E, a julgar pelas declarações do editor Júlio César de Barros¹⁵ (apud HERNANDES, 2004), sabe bem como fazê-lo. Ele conta que durante um período de menos de dois anos, que terminou em abril de 2000, a revista fez pesquisas para saber quais eram as matérias e seções mais lidas, além da opinião dos leitores sobre as reportagens, pesquisas estas que acabaram descartadas porque os resultados coincidiam com as expectativas da redação, eram redundantes em função do “conhecimento empírico e da experiência acumulada”.¹⁶

Esta imagem de auto-suficiência que Veja tem de si mesma fica mais evidente se considerarmos o seguinte trecho, extraído da seção Carta ao Leitor da edição comemorativa de 30 anos:

O que se está publicando é apenas o suficiente para contar o que as reportagens continham de mais significativo. [...] O resultado é um conjunto de leitura dinâmica e agradável, que não apenas narra histórias importantes. O material mostra também a interpretação e as conclusões que VEJA tirou a partir delas.¹⁷

¹⁴ Segundo Benetti, a produção do texto jornalístico exige o posicionamento de dois parceiros, que historicamente estabeleceram um contrato de leitura: o jornalista, que estaria “autorizado” a retratar a realidade; e o leitor, que estaria “capacitado” a compreender esse relato. Esse movimento de posicionamento é capaz de gerar identificações entre um leitor e um jornalista, um leitor e um veículo, um grupo de leitores e um veículo. A partir desta identificação, se cria a chamada comunidade discursiva: um grupo para o qual certas regras fazem sentido e no qual certos sujeitos se reconhecem como iguais porque compartilham sensações, desejos, pensamentos e valores.

¹⁵ Entrevista gravada por Hernandez em 6 de outubro de 2000. Na época, Barros era secretário de redação da revista Veja.

¹⁶ Benetti (2007) destaca a existência de três sujeitos envolvidos no texto jornalístico em termos discursivos: o jornalista (autor), o leitor virtual (o sujeito para quem o autor enuncia e com quem interage ao pensar a pauta, buscar a fonte e produzir o texto), e o leitor real (aquele que efetivamente lê o texto, e que eventualmente se manifesta junto à redação por carta, e-mail, telefone ou pessoalmente). A julgar pelas declarações de Barros, no caso de Veja há uma significativa proximidade entre o leitor virtual e o real.

¹⁷ http://veja.abril.com.br/30anos/p_006.html, acesso em 01/05/2008

Para Hernandes (2004, p. 71), a passagem indica que “a revista coloca sua função jornalística no mesmo nível de importância dos fatos mostrados”. Para o autor, ainda, Veja busca reforçar e valorizar “a própria imagem, seu papel de testemunha, mediadora, organizadora e intérprete da história que apresenta ao seu público” (Idem, p. 71)¹⁸. Ao se colocar como “intérprete” da realidade, a revista parece assumir a existência de um forte componente subjetivo em suas matérias. Não é isso que ocorre, no entanto. O discurso construído por Veja conduz o leitor à conclusão de que a perspectiva apresentada é a única possível.

Uma das estratégias utilizadas pela revista na tentativa de convencer sobre a verdade de seu discurso é transmitir uma idéia de “presença”, de alguém que acompanha os fatos, vinculada às suas opiniões e interpretações. Para isso, costuma tomar como suas muitas das declarações de seus entrevistados. As declarações em discurso direto são utilizadas principalmente para reforçar pontos de vista já defendidos nas reportagens. Além disso, Veja busca transmitir ao leitor uma comprovação referencial concreta, um “efeito de realidade”, a partir de fatos ocorridos com “seres de carne e osso num tempo e espaço reconhecíveis como ‘existentes’”, permitindo-lhe interpretar os relatos como situações “reais”. “Mas o uso de termos concretos, palavras e imagens que remetem a coisas, pessoas e situações reconhecíveis como presentes no mundo revelam uma grande cobertura figurativa” (Idem, p. 129). Para o autor, o uso das figuras de linguagem e o recurso ao concreto demonstram também o desejo de Veja de assumir um tom didático, professoral, em relação ao leitor, colocando-se como detentora de um saber maior que o dele.

As figuras de linguagem (ironia, metáforas etc.), bem como a adjetivação, outro recurso bastante utilizado nas matérias, evidenciam ainda, a todo instante, a presença da opinião do jornalista, que costuma também, muitas vezes, encerrar a matéria com um julgamento, um juízo de valores, correspondente à opinião da revista (GOMES e HOLSBACH¹⁹ apud AUGUSTI, 2005).²⁰ Essa subjetividade bem demarcada, para Hernandes, não é contraditória com a busca de um efeito de objetividade nos textos de Veja. “Isso porque a publicação quer fazer crer que apresenta

¹⁸ Aqui Hernandes faz referência a outra passagem da edição especial de 30 anos, na qual Veja relembra “grandes momentos” cobertos pela revista. Entendemos, no entanto, que esta intenção identificada pelo autor não se aplica somente a esta edição, mas à postura de Veja de uma forma geral.

¹⁹ GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello; HOLZBACH, Ariane Diniz. *O discurso sobre saúde na revista Veja*. In: Anais do II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Salvador, 2004.

²⁰ Os autores apontam esta característica – a finalização da matéria com a opinião do jornalista – como sendo uma tradição entre as grandes revistas brasileiras.

a interpretação da notícia como a verdade última e incontestável” (HERNANDES, 2004, p. 127). Veja se pretende objetiva porque fala a “verdade”, e esta não necessitaria de discussão. Assim, sequer há a obrigatoriedade de ouvir o outro lado, abrir espaço para defesa. É assim que Hernandes interpreta o real significado do “compromisso” assumido entre a revista e o leitor e resumido nas palavras de Roberto Civita: “Informa-lo corretamente, contar-lhe a verdade e opinar – sempre – com coragem e independência” (CIVITA apud HERNANDES, 2004, p. 124).

Outro aspecto importante de se destacar é a forma como as reportagens são produzidas em *Veja*, e que remetem aos editores, em detrimento dos jornalistas responsáveis, o papel preponderante no conteúdo final das notícias, e portanto a construção da realidade a ser apresentada. Ao contrário dos jornais diários, em que o fator tempo permite que muitas matérias sejam publicadas quase sem alterações pelos editores, a revista, de periodicidade semanal, segue uma dinâmica de grande circulação nos textos produzidos.

As reportagens são muito mais trabalhadas e controladas e, geralmente, um produto de diversas mãos. O repórter, que já vive sob a camisa-de-força da pauta, na maioria das vezes, após a apuração dos dados, não tem controle do que será pinçado do seu relatório e considerado relevante no texto final. Quanto mais importante for um assunto, mais circula entre os editores, mais envolve diferentes áreas, sucursais, agências de notícias e de imagens. (HERNANDES, 2004, p. 28)

Com isso, garante-se uma maior uniformidade nas perspectivas e, por conseguinte, na realidade retratada nas páginas de *Veja*. Apesar disso, as matérias atualmente costumam ser assinadas, o que reforça a idéia da responsabilidade do autor por seu conteúdo, e garante maior credibilidade junto ao leitor.

Por tudo isso, compartilhamos a visão de Augusti (2005), para quem o jornalismo praticado por *Veja* assume um caráter normatizador, capaz de ditar regras aos leitores e determinar aspectos da sua vida particular. Apresentando-se como detentora de saber, conhecedora da verdade, capaz de indicar os melhores caminhos, interpretando os fatos da melhor (talvez única) maneira pela qual podem ser interpretados, *Veja* se coloca como uma fonte de conhecimento quase inquestionável para seus leitores. A julgar pelos dados veiculados no já referido “*Veja* mídia kit”, assim é também reconhecida por muitos de seus leitores, que aparentemente participam de forma convicta de sua comunidade discursiva. Elencamos a seguir alguns dados²¹

²¹http://veja.abril.com.br/idade/publiabril/midiakit/veja_editorial_pesquisa.shtml; acesso em 01/05/2008

obtidos no site da revista que embasam esta constatação: 96% dos leitores de Veja acham imprescindível (bastante/muito importante) ler a revista; 73% reconhecem que os temas são tratados de forma séria; 69% acreditam que Veja traz informações confiáveis; 67% afirmam sentir-se bem informados, 65% dizem sentir-se mais inteligentes e 63% sentir-se bem ao ler Veja. Comparando a publicação com revistas em geral, TV, telejornais e programas de atualidades, 84% dos leitores afirmam que Veja ajuda a formar opinião, 82% dizem que Veja possibilita ganhar conhecimento para opinar com outras pessoas, e 72% dizem que Veja dá idéias úteis e práticas.

Cruzando tais dados com as afirmações de Hernandez sobre a capacidade dos leitores de Veja de influenciarem outras pessoas com sua visão de mundo, percebemos o poder que a revista detém na construção da realidade, não só daqueles que a acessam diretamente, mas da sociedade brasileira como um todo. Isso já seria justificativa suficiente para elegermos este veículo como objeto de pesquisa. No entanto, as declarações de Tales Alvarenga, que dirigiu Veja de 1998 a 2004, reforçam a escolha. Ele afirma que a revista dá grande destaque à editoria Internacional. “Veja procura refletir, mais do que no passado, as coisas que estão alterando a história fora daqui. É a revista brasileira que mais capas publica a respeito de assuntos internacionais” (ALVARENGA apud HERNANDES, 2004, p. 35). Assim, reveste-se de maior relevância estudarmos de que forma a revista estrutura seu discurso em relação ao presidente da Venezuela, Hugo Chávez, que, como veremos adiante, representa em muitos aspectos a antítese das idéias que Veja defende.

3. Hugo Chávez

3.1. Caminhada rumo ao poder

Para compreender como a revista qual Veja constrói a imagem de um ditador e que escolhas faz em seu discurso, é necessário conhecer melhor aquele de quem Veja fala - no caso do presente trabalho, Hugo Chávez, atual presidente da Venezuela. Figura carismática e polêmica, pelo menos desde 1992 Chávez vem gravando de forma irrevogável, e sempre como protagonista, seu nome na história política do continente sul-americano. Visto inicialmente como alternativa para romper com a tradição de governantes ineficientes e corruptos, mesmo após liderar uma tentativa de golpe de Estado, passou a ser acusado de autoritarismo depois de se eleger através do voto popular. Ao longo de sua trajetória, angariou o apoio de uma grande parcela da população mais pobre de seu país, bem como o apoio aberto de diversos líderes políticos das mais diversas partes do globo, muitos destes quase tão controversos quanto o venezuelano. Ao mesmo tempo, atritou-se de forma irreconciliável com a elite e a mídia venezuelanas e ganhou a inimizade de lideranças do quilate de George W. Bush, por exemplo, presidente da nação mais poderosa do mundo, os Estados Unidos da América (EUA).

Para nos aprofundarmos na personalidade de Hugo Chávez, utilizaremos como base o livro “Hugo Chávez sem uniforme: uma história pessoal” (MARCANO e TYSZKA, 2006), que traçou uma biografia do líder venezuelano até pouco antes do referendo realizado em agosto de 2004, quando a população daquele país iria às urnas decidir sobre a permanência ou não deste na presidência, o que abordaremos à frente.

Acrescentaremos ainda informações de outras fontes, a fim de completar a história até os dias recentes. Pretendemos com isso destacar algumas das facetas que evidenciam o caráter complexo do líder venezuelano e que o levaram a ser amado e idolatrado por muitos, bem como odiado e demonizado por outros tantos. Pretendemos ainda apresentar a importância dos meios de comunicação em sua trajetória política e contextualizar minimamente o palco principal onde Chávez atua, a Venezuela.

A Venezuela é um país que tem sua relevância mundial associada às enormes reservas de petróleo que possui, das quais advém sua base econômica. Para se ter uma noção da importância estratégica que essa fonte de riqueza representa, é o terceiro maior exportador de petróleo para os Estados Unidos e o maior fora do Oriente Médio, zona de eternos conflitos e instabilidade, e com a qual as relações estadunidenses têm ultimamente sofrido grandes estremecimentos, em especial após as guerras com o Iraque, em 1991 e 2003, e a invasão ao Afeganistão no pós 11 de setembro. O país sul-americano, ao contrário, sempre foi extremamente dependente das relações de importação e exportação com os EUA. Assim, a Venezuela funcionava como uma espécie de garantia de que eventuais crises de fornecimento por parte do mundo árabe poderiam ser administradas de maneira satisfatória pela potência do norte.

Desde a ascensão de Hugo Chávez e as profundas mudanças que este promoveu, em especial no que diz respeito à política externa, a relativa tranquilidade estadunidense na questão energética se viu ameaçada. Além disso, a aproximação com antigos desafetos dos EUA - como Fidel Castro, em Cuba, e os países do Oriente - seja por afinidades ideológicas, seja por interesses comerciais, aliada a uma onda de nacionalismo e tendências esquerdistas que se espalharam pela América do Sul em momentos muito próximos da eleição de Chávez, como Lula, no Brasil, Evo Morales, na Bolívia, e Nestor Kirchner, na Argentina, trouxeram a Venezuela para a pauta da imprensa internacional.

O que se viu então, majoritariamente, foram posicionamentos críticos em relação às medidas adotadas pelo presidente venezuelano e em relação a ele mesmo, em repetidas tentativas de associá-lo ao autoritarismo, a idéias ultrapassadas, a planos obsoletos. Em contrapartida, Chávez ocupou um lugar deixado vago desde o desmantelamento da União Soviética, como ícone de uma alternativa viável para a cartilha neoliberal difundida internacionalmente pelos poderosos representantes do

capitalismo. Essa polarização se encaixa perfeitamente à personalidade de Hugo Chávez, marcada pelo carisma, pela beligerância e pela polêmica.

Hugo Rafael Chávez Frias surge para o mundo em fevereiro de 1992, quando é um dos mentores de um movimento golpista militar que visa derrubar o então presidente da Venezuela Carlos Andrés Pérez. O levante dura pouco mais de meio dia, e começa a desmoronar exatamente após a rendição de Chávez e seu apelo aos companheiros para que se entreguem também. Por ironia, este apelo à rendição é o responsável por catapultar o insurgente ao estrelato, como veremos adiante.

A história do golpe, no entanto, começa a ser construída pelo menos 15 anos antes. Nessa época, o então tenente Chávez forma seu primeiro grupo de conspiradores, junto com três companheiros de caserna. A partir de então, começa a relacionar-se clandestinamente com diversos movimentos esquerdistas, dentro e fora do exército, muitos dos quais com propostas de tomada do poder pela força. Impulsionado pelo desejo de chegar ao poder, que já então manifestava a pessoas próximas, e auxiliado por sua facilidade de comunicação e pela influência que tem sobre os colegas, participa de forma cada vez mais ativa das articulações conspiratórias. Utiliza-se do período em que atua como instrutor da Academia Militar para difundir seus ideais entre os cadetes e atrair novos militantes para a causa revolucionária, demonstrando ousadia e temeridade ao promover a “conscientização” inclusive nos horários normais de aula (MARCANO e TYSZKA, 2006). É nessa época, também, que participa da criação de uma célula militar que dará a base para o movimento golpista de 92, o Exército Bolivariano Revolucionário (EBR-200), posteriormente rebatizado Movimento Bolivariano Revolucionário (MBR), quando passa a incorporar civis.

A tolerância e ineficiência da inteligência militar, uma estratégia equivocada²², ou mesmo a simpatia de oficiais de alta patente, como se chegou a cogitar mais tarde, estimulavam os conspiradores. Apesar da intensa atividade, do pouco cuidado com que atuavam e de terem sido alvos de algumas denúncias, eles foram pouco incomodados. A ação mais efetiva aconteceu a 6 de dezembro de 1989, dia de eleições regionais, quando praticamente todos os chefes do MBR, incluindo Hugo Chávez, foram detidos e levados para o Ministério da Defesa, sob a acusação de manterem um complô para o assassinato

²² Há suspeitas de que o governo Pérez sabia das articulações para um golpe, porém acreditava que este seria facilmente controlado e permitiria o fortalecimento do presidente (MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 115).

do presidente Carlos Alberto Pérez e de todo o alto comando militar. Após longos interrogatórios, porém, todos foram liberados por falta de provas.

Em meados de 1991, começam a se desenhar as condições necessárias para o tão almejado golpe. Os militares líderes do movimento ascendiam a postos de comando. O governo sofre constantes acusações de corrupção e impunidade e forte oposição popular. Nos três primeiros anos do mandato que se iniciara em 1989, foram registradas nada menos que 120 marchas e 46 greves em todo o país. Além disso, 81% da população afirmava ter perdido a confiança em Pérez, e 57% desejava um novo governo. Até mesmo um golpe militar se apresentava como uma possibilidade para quase um terço dos venezuelanos (MARCANO e TYSZKA, 2006). Cabe lembrar, aqui, a forte relação da Venezuela com governos militares, apesar de o país ostentar a mais antiga democracia sul-americana. Boa parte dos governos venezuelanos desde o século XIX foi exercida por pessoas ligadas ao universo militar. O historiador Elias Pinto Iturrieta (apud MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 127) esclarece essa preponderância:

[...] A sociedade venezuelana do século XIX sempre confundiu o homem de ação com o homem de armas, e sempre procurou entregar o poder ao homem de armas. A vida tem girado muito em torno dos homens de armas, que formam uma mitologia necessária na sociedade venezuelana.

Talvez por tudo isso, os rebeldes acreditassem que contariam com o apoio da população.

A “Operação Zamora” é ativada pouco antes da meia-noite de 3 para 4 de fevereiro de 1992, mas começa a fracassar logo no início, quando Pérez consegue escapar de todas as tentativas de captura. A idéia de prender o presidente e criar um “vazio de poder”²³, que eles próprios se encarregariam de preencher, cai por terra. A perda do embate também pelos meios de comunicação é o próximo revés. Parte do plano revolucionário era tomar o canal estatal de televisão e transmitir uma mensagem gravada de Chávez apelando aos venezuelanos para que se unam ao levante. No entanto, nenhum dos responsáveis por essa missão soube transformar o vídeo, gravado em VHS, para o formato U Matic, necessário para efetuar a transmissão. Assim, o que se vê em seguida, para surpresa dos insurgentes, é o rosto de Carlos Andrés Pérez, anunciando o golpe e denunciando “que uns ‘facinerosos’ pretendem acabar com a democracia e que a ação está destinada ao fracasso” (MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 88). Logo, líderes

²³ A tese do “vazio de poder”, ironicamente, seria usada anos depois, contra o próprio Chávez. Sobre isso, falaremos adiante.

políticos venezuelanos aparecem em defesa da democracia. Do exterior, onde a sublevação já foi noticiada, começam também a chegar manifestações de apoio ao presidente. Enviam mensagens, entre outros, George Bush, então presidente dos EUA, e Fidel Castro.

Ao amanhecer, apesar de novo pronunciamento presidencial afirmar que o golpe foi contornado, muitas posições ainda não haviam sido recuperadas. O ministro da defesa, Fernando Ochoa, entretanto, convicto de que o responsável principal é Chávez, inicia tratativas para que ele se entregue. Até aqui, o governo conseguira neutralizar, na medida do possível, as principais chances de sucesso dos golpistas, mas comete alguns erros que serão mais tarde muito bem capitalizados. Um dos enviados para negociar com Chávez é um general que, apesar de não estar diretamente vinculado a este levante, é antigo conspirador, e além disso amigo do líder rebelde. Dessa forma, Chávez consegue boas bases para sua rendição, inclusive sair armado do Museu Histórico Militar, onde se encontrava, sob a alegação de que temia por sua vida, e acompanhado somente pelo general amigo, Ramón Santeliz, e pelo outro general encarregado da negociação, Fernán Altuve. Além disso, o grupo leva quase duas horas para percorrer um caminho que normalmente é feito em 15 minutos, o que leva a supor que a demora fora “para destruir provas e documentos comprometedores” (MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 93).

O Ministério da Defesa, no intuito de controlar os focos de rebelião remanescentes evitando enfrentamentos e novos derramamentos de sangue, convence Chávez a gravar uma mensagem apelando aos companheiros para que também se rendam. Mas, em face da urgência da situação, a mensagem foi gravada diretamente pelos jornalistas e meios de comunicação, sem qualquer edição. Este foi o segundo erro, e o desenrolar dos acontecimentos dá os primeiros indicativos da consciência do apelante acerca da importância da imagem e de sua grande capacidade de expressão, qualidades das quais fará uso inúmeras vezes ao longo de sua trajetória política.

Hugo Chávez não é um neófito da comunicação. Pelo contrário, desde cedo no quartel sente-se atraído pelo microfone, que ocupa seguidamente nos atos culturais das Forças Armadas. “Ajudam-no a sua elocução, sua eloquência, sua paixão, um certo histrionismo inato, do qual dá mostras cada vez que lhe aproximam um microfone nos atos culturais das Forças Armadas” (MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 53). Logo depois de sua formatura na Academia Militar, em 1975, quando assume como chefe de

pelotão de comunicações, mantém um programa de rádio e escreve uma coluna semanal para um jornal. É, portanto, alguém afeito à exposição pública, que não treme ao ser o centro das atenções. Assim, apesar de abatido com a derrota, antes de falar Chávez se apruma, aparece “ereto, com o uniforme de pára-quedista e a boina vermelha” (Idem, p. 97), e fala de improviso. Transcrevemos aqui a íntegra do breve discurso, de pouco mais de um minuto, a fim de podermos contextualizar adequadamente as análises que dele foram feitas:

Antes de mais nada, quero desejar bons dias a todo o povo da Venezuela, e esta mensagem bolivariana é dirigida aos valentes soldados que se encontram no Regimento de Pára-Quedistas de Aragua e na Brigada Blindada de Valencia. Companheiros, lamentavelmente, por enquanto, os objetivos que nos propusemos não foram atingidos na capital. Quer dizer, nós, aqui em Caracas, não conseguimos controlar o poder. Vocês o fizeram muito bem aí, mas já é tempo de refletir, e virão novas situações e o país tem que rumar definitivamente para um melhor destino. Assim, ouçam o que digo. Ouçam o comandante Chávez, que lhes lança esta mensagem para que, por favor, reflitam e deponham as armas, porque já, na verdade, os objetivos que traçamos em nível nacional, é impossível atingi-los. Companheiros: Ouçam esta mensagem solidária. Agradeço-lhes sua lealdade, agradeço-lhes sua valentia, seu desprendimento, e eu, perante o país e vocês, assumo a responsabilidade por este movimento militar bolivariano. Muito obrigado. (MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 97-98)

O discurso foi imediatamente transmitido por todas as emissoras de televisão, e a partir de então a rebelião ganha um rosto. Chávez deixa o anonimato e assume definitivamente a condição de protagonista político. A transmissão causa forte impacto nos espectadores. A imagem altiva de Chávez em nada aparenta a recente derrota, e alguns elementos do conteúdo da fala, destacados por Marcano e Tyszka (2006, p. 98), ajudam a compreender o efeito que esta causou. Primeiro, o início, com uma saudação ao povo da Venezuela, surpreendente para alguém insone, que recém se entregara e convidava os companheiros a fazerem o mesmo. O trecho final, em que ele chama para si a responsabilidade do golpe, surge como uma raridade num país em que “parece não haver um só político que assuma responsabilidades” (MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 98). Além destes, a expressão “por enquanto” soa como uma ameaça, uma promessa de continuidade, de novas tentativas. A transmissão é repetida à exaustão e funciona para promover o futuro presidente. A rebelião é controlada já no início da tarde, mas todos querem agora saber quem é aquele homem convertido instantaneamente em celebridade, que ideais o movem. Paradoxalmente, é o fracasso no golpe que levará Chávez a ser conhecido em toda a Venezuela, o que posteriormente terá papel fundamental para sua chegada ao poder pela via democrática.

Os insurgentes são presos e permanecem incomunicáveis por 17 dias. Enquanto isso, jornalistas varrem o país em busca de informações, entrevistam familiares, amigos e conhecidos, e aos poucos a nova estrela torna-se mais conhecida. Descobre-se que Hugo Chávez nasceu em Sabaneta, no estado agrícola de Barinas, em 28 de julho de 1954. De origem humilde, filho de um professor e uma dona de casa, e segundo de seis irmãos, foi criado pela avó, como forma de amenizar a situação familiar. Durante a adolescência, passa a freqüentar a casa de um antigo militante comunista, José Esteban Ruiz Guevara, de cujos filhos era amigo inseparável. Foi Ruiz Guevara quem introduziu Chávez na literatura política, nas idéias de esquerda e nas histórias dos revolucionários venezuelanos Ezequiel Zamora e Simón Bolívar, conhecimentos dos quais faria muito uso mais tarde. Em 1971, ingressa na Academia Militar, muito mais como forma de seguir os estudos e ganhar a vida, como fazem muitos jovens pobres na Venezuela, do que, naquele momento, por desejo de construir uma carreira militar. Ali, como já vimos, passa a levar vida dupla. Milita na clandestinidade, mas pouco fala de política em casa, onde o pai era militante do tradicional partido democrata cristão Copei²⁴, e diante de seus superiores, no exército, demonstra disciplina e obediência. Já se destaca, porém, por seu carisma, como afirma o ex-chefe do Exército Carlos Julio Peñaloza (apud MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 103). Para ele, Chávez era um oficial carismático, qualificado, com grandes condições de liderança, e que contava com o apreço dos superiores e o carinho dos subalternos.

Mas se aos poucos a figura do líder rebelde ia sendo construída, das motivações do golpe e dos planos de governo caso chegassem ao poder quase nada se sabia. As escassas informações obtidas à época davam conta de que os insurgentes pretendiam julgar sumariamente e fuzilar os corruptos. “Limpa-se a pátria com sangue” (MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 104), dizia um documento assinado pelo MBR. Ao conceder sua primeira entrevista, em 29 de fevereiro de 1992, Chávez é vago a respeito e, além de confirmar a frase do panfleto, vai pouco além de dizer que o grupo golpista pretendia “nomear uma junta cívico-militar, ditar medidas econômicas ‘antipacote’ e assegurar que sua luta ‘é contra a corrupção e este governo’” (MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 105). Somente anos mais tarde se obtém informações mais concretas sobre as

²⁴ A Venezuela, nas quatro décadas que antecederam o governo Chávez, observou a alternância no poder entre somente dois partidos, a Ação Democrática (AD), social-democrata, e Comitê Eleitoral Independente (Copei), democrata cristão, que ora atuavam em oposição, ora como aliados.

medidas pretendidas, que incluíam, entre outras, o fechamento do Poder Legislativo e das instituições democráticas e a criação de tribunais de exceção.

De qualquer forma, Hugo Chávez já ascendeu à condição de ídolo. Ao se abrir o cárcere à visitação, filas se formam diante de sua cela para conhecê-lo e até para pedir-lhe autógrafos. O povo, a sua maneira, demonstrava estar saturado de suas elites políticas e da corrupção que as acompanhava. E Chávez soube usar essa revolta a seu favor. Desde o início busca legitimar seus atos associando-se à figura do grande herói da independência venezuelana, Simón Bolívar, e consegue vincular simbolicamente o golpe à figura do Pai da Pátria, resgatando o culto a este mito e colocando-se como o herdeiro de sua bandeira libertária. Desde então, busca trabalhar a simbologia de modo a vincular sua vida ao seu mentor ideológico. O resultado disso é que Chávez converte-se também num mito, objeto de culto e de veneração. Outras histórias vão surgindo e alimentando essa imagem. Boatos circulam dando conta de que Chávez se considera a reencarnação do revolucionário federalista Ezequiel Zamora, e um fato ocorrido dentro da prisão e registrado pela imprensa o vincula misticamente a outro herói venezuelano de menor envergadura, Pedro Pérez Delgado, o Maisanta²⁵. A maioria das histórias e das simbologias tem origem na trajetória de Chávez, não são criadas na cadeia. No entanto, é a partir daí que elas começam a vir à tona, conferindo a ele uma aura heróica, lendária. Enquanto seus companheiros de levante permanecem quase anônimos atrás das grades, Chávez se torna uma personalidade. Os acontecimentos políticos do ano seguinte, quando Carlos Andrés Pérez é afastado da presidência por malversação de recursos públicos, reforçam junto à população a idéia do acerto e das boas intenções do golpe fracassado. Mas o mito ainda passará por uma fase de baixa antes de reerguer-se definitivamente.

Chávez sai da prisão em 1994, beneficiado por uma medida do presidente que substituiu Pérez, Rafael Caldera, o primeiro em muitos anos a eleger-se de forma independente, fora do eixo AD/Copei²⁶. Muitos de seus companheiros de insurreição acabam ocupando cargos no novo governo, mas Chávez se mantém irredutível. Fora do cárcere, o interesse da mídia sobre ele cai abruptamente. Sem deixar de manter contatos

²⁵ O fato em questão foi a entrega a Chávez de um escapulário de Maisanta, em uma cerimônia na qual, ao final, o neto deste, que fez a entrega, afirmou: “Ele acaba de reencarnar-se no senhor”. Maisanta foi um guerrilheiro venezuelano que no início do século XX se opôs ao ditador Juan Vicente Gómez. Consta que Chávez seria neto, por parte de mãe, de um dos filhos ilegítimos do revolucionário. (MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 128/131)

²⁶ Caldera, porém, fora membro fundador do Copei e já exercera o cargo de presidente, entre 1969 e 1974, por este partido.

políticos, ele passa então a percorrer a Venezuela a bordo de uma caminhonete, discursando para a população de cada pequeno povoado que encontra. Logo percebe que há uma boa receptividade a suas idéias, mas que os anseios populares afastam-se da solução violenta e esperam por uma via eleitoral viável. Aí, aparece o Chávez político, capaz de perceber as mudanças de contexto e adaptar-se a elas sempre que julgar oportuno. Se antes, com o bipartidarismo, a única maneira que entendia possível para a chegada ao poder era através da luta armada, agora vislumbra um novo caminho. Assim, cerca de dois anos depois de libertado anuncia a intenção de aderir ao processo democrático. Essa guinada, no entanto, mantém aberta a porta da revolução, até para não desagradar a muitos dos setores que militam com ele, fortes adeptos da luta armada. A ambigüidade demonstrada, que permite não descartar nenhuma possibilidade de ação, é outra marca característica de Chávez.

3.2. Chávez na presidência

Em 1997 Chávez se torna candidato a presidente da Venezuela, disputando as eleições que ocorrerão no ano seguinte com o lema “Pela Assembléia Constituinte, Contra a corrupção, Pela defesa das dívidas sociais, Por aumento geral de soldos e salários. Governo bolivariano já.” A campanha começa tímida, e poucos acreditam em possibilidades reais de vitória, mas a paixão com que o ex-revolucionário conduz sua candidatura logo desperta a atenção. “Chávez é emoção. Tem uma telegenia natural. É simpático, divertido, consegue empatia com grande facilidade. Carismas como o seu são muito valiosos dentro da indústria da publicidade e do mundo do espetáculo. Produz fervor, fidelidade” (MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 234). Mais uma vez seu domínio midiático e sua personalidade o levarão a aglutinar forças em torno de si, incluindo, desta vez, os meios de comunicação. O discurso beligerante e agressivo, que preocupa seus assessores, é contrabalançado pela incorporação à campanha da esposa à época, Marisabel Rodríguez, bonita, espontânea e inteligente. Os índices nas pesquisas crescem continuamente, e o resultado final é uma vitória com maioria significativa: 56,2% do eleitorado.

A eleição não muda a lógica do confronto que pautou Chávez ao longo da campanha. Um dia depois das eleições, ele exige, sem sucesso, que Caldera lhe entregue a presidência (MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 156). No discurso de posse, no dia 2 de fevereiro de 1999, exagera os dados negativos sobre o país que recebe, defende a rebelião da qual tomou parte anos antes e anuncia sua primeira medida, por decreto: a convocação de um referendo popular sobre a convocação de uma Assembléia Constituinte. Assume o poder sem contar com maioria no Congresso Nacional, onde seus aliados conquistaram cerca de 20% das cadeiras, e sem maioria nos governos estaduais, mas logo fará sentir sua força. Atrita-se com a Corte Suprema de Justiça e com o Legislativo, segue vociferando contra as elites em nome do povo, como se estivesse em um palanque, e, por sua performance, logo é apelidado de “furacão Chávez”. Aproveitando-se do momento de enorme respaldo popular, consegue o que quer. Aprova a realização de uma nova Constituição, e seus apoiadores conquistam 95% das cadeiras em disputa. Isso lhe permite redigir a nova Carta Magna quase exatamente como deseja, o que inclui, entre outras coisas, a extensão do mandato presidencial de cinco para seis anos, a possibilidade de reeleição e a mudança do nome do país para República Bolivariana da Venezuela. Mas nem tudo são rosas no novo governo. Denúncias de corrupção envolvendo assessores próximos do presidente, conjugadas à sua postura personalista, acabam fazendo com que perca a aliança e a amizade de alguns de seus mais antigos aliados, como o companheiro no golpe de 1992, comandante Jesús Urdaneta.

No cenário internacional, a situação não é menos complexa. Logo que assume a presidência, Chávez comanda uma cruzada pelo aumento do preço do petróleo. Para isso, procura todos os líderes dos países filiados à Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), organiza a segunda conferência do cartel (a primeira fora em 1975) e cobra de seus membros a observância dos acordos quanto a preços e fixação de cotas de venda. No cumprimento desta missão, não hesita em se aproximar de algumas das figuras mais polêmicas, temidas e odiadas pelo mundo ocidental, como o líder líbio Muammar Kadhafí e o iraquiano Saddam Hussein. Em relação a este último, foi o primeiro a romper o isolamento imposto por Washington desde a guerra do Golfo, em 1991. Quanto ao intento principal, o sucesso é absoluto. De pouco mais de 10 dólares por barril, em fins de 1998, o preço do petróleo salta para a casa dos 40 dólares em 2004. No entanto, tanto a meta alcançada quanto as novas alianças venezuelanas deixam

os EUA em estado de alerta. Chávez não parece se importar, tanto é que estremece ainda mais as relações diplomáticas com os estadunidenses ao recusar ajuda após um desastre natural que matou milhares de pessoas, considerado o maior da história da Venezuela, e ao criticar os bombardeios contra o Afeganistão, mostrando fotos de crianças mortas, em seu programa semanal na televisão²⁷. Cabe destacar que, em que pese as relações EUA/Venezuela já terem sido mais amistosas, nenhum dos dois países, ao menos até agora, pôde prescindir do outro como parceiro comercial. O comércio entre ambos se mantém em alta, com a potência do norte sendo o principal comprador do petróleo venezuelano e o principal exportador de produtos ao país sul-americano.

Mas o realinhamento da Venezuela em nível mundial não está somente vinculado a interesses financeiros. Hugo Chávez, seguindo a linha ideológica pregada por seu ícone Simon Bolívar, busca uma aproximação maior com os vizinhos continentais, manifestando o sonho de unificar a América Latina. Fidel Castro, enquanto permanece na presidência de Cuba, é um dos principais parceiros, trocando o fornecimento de petróleo subsidiado por auxílio médico, o que mais uma vez causa polêmica interna e externamente. Dentro da Venezuela, por permitir que médicos cubanos prestem atendimento sem o devido reconhecimento das organizações médicas do país. Fora, pelo caráter polêmico do ditador caribenho, execrado pelo mundo capitalista. Houve aproximação grande também com a Bolívia, onde o elegeu-se o nacionalista Evo Morales, de origem indígena e ex-líder sindical cocaleiro, e com outros países onde a esquerda ascendeu ao poder, como a Argentina e o Brasil, apesar de alguns momentos de estremecimento, em especial em relação a este último. No início de 2008, Chávez entrou em atrito com a Colômbia, em um incidente que chegou a causar temor de conflito armado, ao posicionar-se ao lado do Equador em uma questão de desrespeito às fronteiras deste.

Os quase dez anos do governo Chávez na Venezuela foram marcados internamente por muitas vitórias políticas e por algumas derrotas, todas com sua marca peculiar, o conflito. A identificação do presidente com a parcela mais pobre da população foi facilitada por sua origem humilde, fato que este faz questão de lembrar repetidas vezes, seja diretamente, seja por referências culturais ou piadas, pelo linguajar próximo da fala popular, seja por seus traços físicos, igualmente identificados com os traços do povo simples venezuelano, o que lhe valeu entre os opositores o apelido

²⁷ Faremos maiores referências ao programa de televisão de Hugo Chávez adiante.

racista de “El Mono”²⁸ (RAMONET, 2008). Tais fatores, aliados ao constante e forte discurso contra as elites, nos quais usa seguidamente a terceira pessoa do plural, colocando-se ao lado do povo, fizeram surgir uma admiração que muitas vezes beira o fanatismo e despertaram o interesse político de uma fatia da população normalmente apartada desta arena, num país onde o voto é facultativo (BARTLEY e O'BRIAIN, 2003). Em contrapartida, criou-se uma oposição radical, inicialmente constituída por aqueles que se viram alijados do poder com a ascensão de Chávez, e logo engrossada pelos que pouco a pouco foram sofrendo perdas com as medidas implementadas ao longo do tempo, bem como por muitos antigos aliados que romperam definitivamente com o presidente e passaram a combatê-lo politicamente. A polarização extremada pauta o convívio entre estes dois grupos, com enfrentamentos que chegam, em alguns momentos, às vias de fato. O primeiro round da batalha, como já vimos, foi vencido pelos partidários de Chávez, com a aprovação da nova constituição, denominada, como se poderia supor, bolivariana.

Nas eleições marcadas para o ano 2000, em face da reforma constitucional, Chávez amplia sua vitória, reelegendo-se para um mandato de seis anos com margem maior do que a da eleição anterior, e desta vez com ampla maioria no Parlamento. Com condições bastante favoráveis, solicita ao Legislativo que lhe conceda cada vez mais poder, o que obtém sem maiores obstáculos. No entanto, já no início do ano seguinte sofre o primeiro revés, com pais e professores, especialmente os da classe média, indo às ruas contra as novas diretrizes propostas para a educação. Apesar de conclamar seus seguidores às ruas, Chávez acaba capitulando e retira o projeto. Ainda em dezembro de 2001, uma série de 49 decretos-lei gera forte reação dos empresários e dos meios de comunicação. O decreto mais polêmico, que passa a vigorar, não por acaso, no dia do aniversário da batalha em que seu herói Ezequiel Zamora derrotou as forças da oligarquia rural, submete a atividade agropecuária às determinações do governo, que passa a ter ingerência sobre o que vai ser produzido. Em resposta, a maior central sindical (Confederação de Trabalhadores da Venezuela), comandada pela AD, e a maior patronal do país (Fedecâmaras), organizam a primeira greve da era Chávez, e a primeira em que atuam unidas na história do país. Quase metade dos decretos é então negociada, mas o presidente segue bradando contra a oposição (MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 180-182).

²⁸ “O Macaco”, na tradução para o português.

É no ano seguinte, 2002, que o confronto atinge seu ápice. A popularidade do presidente, apesar de ainda alta, está em queda, e a oposição se faz ouvir em manifestações de rua e panelaços. Novas medidas polêmicas, como a nomeação de uma nova direção para empresa estatal Petróleos da Venezuela (PDVSA) e a luta de Chávez contra os meios de comunicação, elevam ainda mais a mobilização contra ele. No dia 11 de abril, uma multidão que gira entre meio e um milhão de pessoas marcha até o palácio do governo para pedir a renúncia do presidente, saindo do caminho previsto e permitido pelas autoridades. Chegando ao centro administrativo, a marcha se depara com manifestantes pró-Chávez, que se posicionavam para defender o Palácio de Miraflores. As explicações para o início do confronto são diversas e conflitantes, com acusações de parte a parte, mas o fato é que alguns tiros partindo de local não identificado precipitaram confrontos e correria, com mortos e feridos de ambos os lados. Chávez faz um pronunciamento em cadeia nacional, mas as emissoras privadas, num evidente desafio, dividem a tela e mostram simultaneamente o presidente e as imagens conturbadas dos choques entre facções. Em resposta, o governo corta a transmissão dos canais privados até o final do pronunciamento (MARCANO e TYSZKA, 2006). Durante a madrugada, Chávez é detido por militares em um quartel, e um general anuncia em todos os canais de TV que o Alto Comando Militar solicitara a renúncia do presidente, em virtude dos acontecimentos da tarde anterior, e que este aceitara. A intenção era utilizar o mesmo argumento do evento fracassado de 1992, de um “vazio de poder”, e assim evitar que a tomada de poder fosse classificada como golpe. Pouco antes do amanhecer do dia 12 o novo governo é anunciado, com Pedro Carmona, presidente da Fedecâmaras, assumindo a cadeira presidencial interinamente.

A história começa a mudar quando, naquele mesmo dia, uma das filhas de Chávez consegue denunciar que o pai não renunciara e que estava preso. Em seguida, o fiscal geral da república Isaías Rodríguez afirma na mídia que o governo interino é inconstitucional e que ocorrera um golpe de Estado. A população começa a sair às ruas para protestar e cobrar informações sobre o paradeiro do presidente deposto. Enquanto isso, Carmona anunciava “uma série de decretos que dissolviam todos os poderes públicos e suprimiam a denominação ‘bolivariana’ do nome do país” (MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 219). As medidas desagradam até mesmo uma parcela da população que se opunha a Chávez e causam cisão entre os militares que apoiavam o levante. Mais uma vez, a capacidade de comunicação de Chávez se manifesta. Com a cumplicidade de

um dos soldados que o guardava, leva a público uma mensagem manuscrita sucinta, mas de poderosa simbologia. Suas palavras: “Ao povo venezuelano... (e a quem possa interessar). Eu, Hugo Chávez Frias, venezuelano, Presidente da República Bolivariana da Venezuela, declaro: não renunciei ao poder legítimo que o povo venezuelano me deu. Para sempre!”²⁹ (analítica.com³⁰, tradução nossa). Ao “por enquanto” da mensagem de 1992 soma-se agora o “para sempre”. A essas alturas, apesar do boicote das televisões privadas, que exibem continuamente filmes e seriados, as críticas ao novo governo são cada vez mais numerosas, e há cada vez mais gente protestando nas ruas. A situação se torna insustentável para os golpistas, e à noite Pedro Carmona põe o cargo à disposição, entrando para a história com a alcunha jocosa de “Pedro, o breve”. Por volta da meia-noite, Chávez é reconduzido ao poder.

Ainda que muitos dos acontecimentos daqueles poucos dias de tumulto não tenham sido satisfatoriamente esclarecidos até hoje, os indícios mais consistentes apontam que o golpe teria contado com a participação de setores do exército e da igreja, membros do empresariado, dos meios de comunicação e dos partidos políticos. Há também fortes rumores de apoio estadunidense, em especial pela rapidez com que o governo dos EUA manifesta apoio ao novo regime. Mas a tentativa de alijar Hugo Chávez do poder acabou tendo resultado contrário ao que esperavam os conspiradores. O presidente eleito saiu fortalecido do episódio. Garantiu maior legitimidade internacional e ganhou argumentos para desqualificar a oposição. Além disso, o golpe frustrado acabou promovendo uma “limpeza” nas instituições, com a saída dos opositoristas mais ativos de cargos de poder.

Ainda em 2002 tem início outro foco de conflito entre situação e oposição, que só vai se resolver em meados do ano seguinte. A 2 de dezembro, a oposição convoca uma greve nacional com o objetivo de forçar Chávez a realizar um referendo sobre sua permanência no poder. O movimento paredista se estende por 63 dias e chega a paralisar por completo a indústria petrolífera, gerando um impacto econômico de 10% do Produto Interno Bruto. Ao longo deste período, ocorrem novos conflitos nas ruas entre manifestantes das duas “facções”. Para Marcano e Tyszka (2006), os meios de comunicação, ainda que não de maneira tão unificada quanto por ocasião do golpe, em

²⁹ Al pueblo venezolano... (y a quien pueda interesar). Yo, Hugo Chávez Frias, venezolano, Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, declaro: No he renunciado al poder legítimo que el pueblo venezolano me dió. ¡¡Para siempre!!

³⁰ Documento eletrônico não paginado

abril, promovem a greve e estimulam o enfrentamento. Para combater o movimento, o governo apela para diversas medidas, como a militarização o setor petroleiro, convocação de aposentados para o trabalho e solicitação de ajuda aos aliados no Oriente Médio para atender aos compromissos de exportação, e não cede às exigências dos grevistas. Por fim, com os grevistas completamente desgastados perante a população, Chávez triunfa, e em seguida ordena a demissão de cerca de 18 mil petroleiros da PDVSA, assumindo o controle da empresa. Sem desistir do referendo, no entanto, a oposição sai em busca de assinaturas para sua realização e atinge o número necessário em junho de 2004.

Neste período, Chávez consegue reverter uma tendência de queda de popularidade ao implantar as “misiones”, que visavam, entre outras coisas, combater o desemprego, o analfabetismo e a fome, e tinham como base o pagamento de auxílios financeiros e a distribuição de bolsas de estudo. As medidas foram taxadas de populistas pela oposição, que as via como uso de recursos do Estado para a permanência no poder e acusava o governo de não manter controles eficazes em sua execução. Em agosto, a população decide pela permanência do presidente com quase 60% dos votos válidos, em eleição auditada pelo Centro Carter, do ex-presidente estadunidense Jimmy Carter. Apesar disso, a oposição sustenta ter havido fraude e manipulação dos resultados (AUDITORIA confirma vitória de Chávez em referendo na Venezuela, 2004³¹).

Em 2006, Chávez é reeleito presidente por mais seis anos, com 62% dos votos, e já no ano seguinte desperta polêmica, convocando novo referendo popular para alteração da constituição venezuelana. Entre as propostas, a redução da jornada de trabalho de 44 para 36 horas, o fim da autonomia do Banco Central, a proibição do latifúndio e a possibilidade de reeleições presidenciais ilimitadas. Como já ocorrera nos outros enfrentamentos políticos, este foi marcado por campanhas fortes e polarizadas, e por baixas do lado chavista. O ex-ministro da defesa e antigo colaborador, general Raúl Isaías Baduel, retirou-se da campanha de Chávez acusando-o de pretender um “golpe constitucional”. Às vésperas da eleição, os institutos de pesquisa apontavam para a aprovação da reforma constitucional por margens que variavam de 6 a 12%, e a oposição mais uma vez acusava o governo de fraude e ameaçava não reconhecer o resultado das urnas (JARDIM, 2007). No entanto, para surpresa geral, Chávez é derrotado por pequena margem (51% a 49%), sofrendo a primeira derrota eleitoral

³¹ Documento eletrônico não paginado.

significativa em nove anos de governo. Chávez reconhece a derrota publicamente e afirma, no dia seguinte às eleições: “Por enquanto, não conseguimos” (CHÁVEZ reconhece derrota em referendo de reforma constitucional, 2007³²). Deixa no ar, mais uma vez, a idéia de que novas investidas e novos confrontos voltarão a acontecer.

As relações de Chávez com a mídia merecem atenção especial. Como já vimos, o povo venezuelano toma conhecimento da existência de Hugo Chávez exatamente em uma transmissão televisiva, por ocasião do golpe de 1992. Ele surge “como a encarnação perfeita da antipolítica, como uma imagem possível do desespero e da impaciência de uma maioria diante de uma elite que já nem sequer é capaz de ler o que se passa no país” (MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 232). O rebelde derrotado soube utilizar-se dessa imagem, e já da prisão estabelece uma relação próxima com os meios de comunicação. Das duas horas diárias em que um telefone ficava à disposição dos insurgentes reclusos, de meia a uma hora eram utilizadas por Chávez para declarações e contatos com jornalistas, gerando atritos entre o grupo. O futuro presidente, no entanto, acaba se fortalecendo “como símbolo absoluto do movimento” (MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 233). Para isso contribui também sua personalidade cativante. A jornalista Ángela Zago (apud³³ MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 233), primeira a escrever uma apologia dos golpistas, declara: “Quando chego ao cárcere, não vou conhecer Hugo Chávez, vou conhecer todos. Mas quem é o mais falador, o mais espontâneo, o mais simpático? Chávez”.

Após a saída da clausura, Chávez vê sua popularidade entre os meios de comunicação minguar pouco a pouco. Para isso contribui sua postura radical, à época, contra a democracia e os processos eleitorais. Ao decidir participar das eleições em 1998 e amenizar o discurso, ele retoma a relação com a mídia, mais uma vez fazendo uso de seu carisma pessoal e da desenvoltura diante das câmeras. O resultado é um apoio significativo de quase todos os veículos de comunicação à sua candidatura. A fase inicial de seu governo, ao longo de 1999, ainda é de proximidade e apoio, mas essa boa relação começa a ruir pela suscetibilidade de Chávez às críticas. O jornalista Rafael Poleo (apud³⁴ MARCANO e TUSZKA, 2006, p. 238), de oposição, acrescenta que muitos dos meios de comunicação venezuelanos “se auto-enganaram com a suposição

³² Documento eletrônico não paginado.

³³ ZAGO, Ángela. *La rebelion de los ángeles*. Caracas: Warp Ediciones, 1998.

³⁴ POLEO, Rafael. *Os meios de comunicação como fator de poder no processo venezuelano*. In: DIAS Rangel, E. et al. *Chávez e os meios de comunicação*. Caracas, Alfadil Editores, 2002.

de que poderiam controlar Chávez como até então haviam controlado os políticos de origem popular, uns mais, outros menos”.

Ciente do papel fundamental da comunicação, e como forma de promover a difusão das informações da forma que julgava mais apropriada, o governo passou a criar veículos de informação a ele vinculados. A primeira experiência é o jornal diário “O Correio do Presidente”, que não durou muito tempo. A seguir, Chávez criou um programa semanal no canal estatal, o “De frente com o presidente”, no qual respondia a perguntas de pessoas do estúdio ou por telefone. Também deu apoio a diversos outros projetos de comunicação, como a criação de mais um canal estatal, mídia eletrônica, jornais e revistas (MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 235/236). Outra demonstração da noção da importância que Chávez tem em relação aos meios de comunicação aparece no filme “A revolução não será televisionada”. Em uma reunião com seus assessores de governo, às vésperas do golpe de abril de 2002, o presidente cobra deles que, nos seus deslocamentos pelo interior do país, busquem sempre falar aos veículos de mídia locais e alternativos, como forma de romper o bloqueio promovido na época pelos meios privados.

O grande êxito de Chávez na área da comunicação, no entanto, e também um dos mais polêmicos, foi o programa dominical “Alô, Presidente”, cuja primeira exibição aconteceu em maio de 1999. Sem horário fixo para começar e terminar, é conduzido pelo próprio Chávez, que, sem roteiro fixo, conta piadas e histórias, traz convidados nacionais e estrangeiros, ouve e responde à população que entra em contato por telefone e fala das ações e projetos do governo. Como forma de garantir a atenção do público, e inclusive dos demais meios de comunicação, muitas vezes são feitos anúncios exclusivos de medidas e atos governamentais, o que faz do programa pauta para os jornalistas no dia seguinte.

As rugas com a mídia venezuelana, porém, têm influência de muitos outros fatores. Um deles é a Lei Orgânica de Telecomunicações, implementada pelo governo em 2002, e que entre outras coisas “atribui ao Executivo Nacional o poder de suspender a transmissão de qualquer meio de comunicação, para resguardar os interesses da nação” (MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 242). Outra lei, sancionada em fins de 2004 sob a denominação de “Lei de Responsabilidade Social para Rádio e TV” e apelidada de “Lei da Mordaza” pela mídia local, impõe restrições de horários para determinadas programações e “proíbe transmissões que incitem ‘à quebra da ordem pública’ ou sejam

‘contrárias à segurança nacional’” (VILA-NOVA, 2004). Mais um foco de conflito são as transmissões em cadeia nacional, das quais Chávez faz uso de maneira bastante freqüente e muitas vezes sem um motivo que as justifique. Um exemplo claro do uso exagerado desse expediente ocorre no dia 28 de abril de 2004, quando o presidente comemora no ar seu aniversário de 50 anos. Por sua vez, os canais privados venezuelanos partilham de um posicionamento crítico em relação ao governo, e em pelo menos duas oportunidades podem ser acusados de terem agido incorretamente contra Chávez, como já referimos. A primeira delas durante o golpe de 2002, e a segunda durante a greve de 63 dias entre o final de 2002 e o início de 2003.

O evento de maior destaque da relação conflituosa de Chávez com a mídia local, e que rapidamente ganhou destaque na imprensa internacional, foi a não renovação da concessão da Rádio Caracas Televisão (RCTV), uma das mais populares da Venezuela, em maio de 2007. A decisão foi recebida com fortes manifestações de desagrado pela maior parte da população do país, e com acusações de censura e ameaça à liberdade de imprensa por boa parte dos meios de comunicação mundiais. Ainda assim, Chávez confirmou o impedimento da emissora de transmitir em sinal aberto, deixando-lhe como alternativa manter-se no sistema a cabo, e colocou no ar, em seu lugar, mais um canal estatal. No dia do fechamento, mais uma vez houve enfrentamentos e tiroteios nas ruas, mostrando que a relação entre situação e oposição se mantém acirrados.

Há ainda uma série de outras críticas contra Chávez. Uma delas é que vem ocorrendo uma confusão entre o público e o privado, em especial pelo fato de praticamente toda a família Chávez (as exceções são a mãe e um dos cinco irmãos) estar atualmente envolvida com a política, ocupando cargos eletivos ou por nomeação, e que teve como emblema a comemoração do aniversário do presidente, com a exibição de toda a família, em cadeia nacional. A essa somam-se algumas acusações de enriquecimento ilícito e de malversação de fundos, bem como de que a corrupção combatida por Chávez antes de assumir o poder continua tão presente quanto antes. Acusam-no ainda de manter relações com movimentos guerrilheiros como o exército de Libertação Nacional (ELN) e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), aos quais se recusa a classificar de terroristas. A reforçar estas suspeitas, há o fato de Chávez ter intermediado a libertação de alguns reféns das FARC, recentemente, e de ter tomado parte de um conflito diplomático com a Colômbia por esta ter invadido

o território equatoriano e matado diversos membros guerrilheiros, entre os quais o segundo no comando da guerrilha, Raúl Reyes, conforme fartamente noticiado pela mídia brasileira e internacional ainda no início de 2008. Nenhuma destas acusações, no entanto, foi comprovada até hoje.

Acusam-no ainda de demonstrar obsessão pelo poder, com o que colaboram declarações do próprio Chávez, que já afirmou: “Não me retirarei antes do ano 2021. Assim, vão se acostumando” (DURÁN apud³⁵ MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 349). A data não foi escolhida por acaso, e serve para reforçar a ligação que Chávez procura construir com Simon Bolívar. É nesse ano que será comemorado o bicentenário do acontecimento máximo da guerra pela independência da Venezuela, a Batalha de Carabobo. Essas declarações reforçam a tese dos que vêem no presidente venezuelano um político com fortes traços autoritários, ou mesmo um ditador. Ao mesmo tempo, Hugo Chávez vem se mantendo no poder desde 1998 através do sufrágio popular, em reiteradas votações, e, se por vezes toma medidas questionáveis em relação à liberdade e às instituições de seu país, soube respeitar a recente derrota eleitoral, por ocasião da segunda proposta de reforma constitucional, e nunca se ouviu falar tanto em referendos, consultas populares e eleições quanto na história recente da Venezuela.

A personalidade polêmica de Hugo Chávez trouxe de volta à pauta questões que pareciam superadas no cenário mundial e, em especial, na América do Sul. A questão da ditadura, que parecia somente fazer sentido no tempo presente em referências quase folclóricas a Fidel Castro, ou a países nos quais os interesses financeiros fomentam guerras sob o argumento da ameaça à liberdade mundial e da promoção da democracia, como os do Oriente Médio, agora ressurgem no cenário sul-americano. Mais do que isso, essa questão é levantada em um país no qual as decisões são muitas vezes respaldadas pelo voto popular, recaindo a discussão somente acerca da manipulação de ideologia ou de resultados. Vêm à tona também a velha polarização política entre “esquerda” e “direita”, ao apresentar um novo pólo à disputa, em substituição ao declínio soviético. Para complexificar a questão, o novo ícone de boa parte das forças da “esquerda” afirma não ser nem de direita, nem de esquerda. “‘Sou bolivariano’, diz” (MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 25). Expressões como populismo e nacionalismo, que pareciam começar a não mais fazer sentido em tempos de globalização, ocupam novamente muitos espaços na mídia, e já há algum tempo. A isso

³⁵ DURÁN, A. *Venezuela em llamas*. Caracas: Grupo Editorial Random House Mondadori, 2004

se soma a relevância dos meios de comunicação na história desse líder complexo e contraditório, a favor e contra ele, o que hoje o faz mais conhecido do que a maioria dos, senão de todos os líderes da América Latina. Por tudo isso, muitas das questões relacionadas a Hugo Chávez, à Venezuela e às fortes disputas que lá ocorrem extrapolam as fronteiras daquele país e viram pauta de veículos de informação e tema de acaloradas discussões, normalmente com bem marcadas posições pró ou anti-Chávez. A análise a que este trabalho se propõe agora é perceber que aspectos da personalidade multifacetada deste personagem a revista *Veja* destaca em seu discurso, e que lhe permitem traçar sua imagem como a de um ditador fanfarrão.

3.3. Hugo Chávez e Brasil: um breve histórico

Logo após sua primeira eleição, em 1998, o primeiro país para o qual Hugo Chávez viajou foi o Brasil, na época ainda governado por Fernando Henrique Cardoso (FHC). Desde então, as relações entre os dois países vêm sendo marcada por um movimento de aproximação, caracterizado em boa parte pelo empenho pessoal dos respectivos chefes de Estado (CERVO, 2001). Na área econômica, desde meados de 1999 foram estabelecidos diversos acordos alfandegários, tendo as negociações se estendido em seguida em direção ao Mercado Comum do Sul (Mercosul). Em meados de 2001, Chávez e FHC anunciaram o compromisso de formalizar, em curto prazo, acordo de livre comércio entre o Mercosul, que tinha como membros plenos na época Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, e a Comunidade Andina, composta por Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. Apesar das intenções declaradas, no entanto, o processo de emparceiramento progride em ritmo lento, como veremos adiante.

Com a eleição de Luis Inácio Lula da Silva para a presidência do Brasil, em 2002, a expectativa era de estreitamento das relações, sobretudo pelas posições esquerdistas de ambos e pela relação de proximidade que mantinham desde a vitória eleitoral de Chávez. Em dezembro de 2002, antes mesmo de tomar posse, o presidente eleito brasileiro intercedeu junto a FHC solicitando o envio de um carregamento de

petróleo a fim de minimizar o problema de desabastecimento de combustível na Venezuela, em face da greve geral que paralisou boa parte daquele país. FHC aceitou e, em 28 de dezembro de 2002, o navio petroleiro Amazon Explorer descarregava mais de meio milhão de barris no país de Chávez, sob fortes protestos da oposição venezuelana. Já no cargo de presidente, uma das primeiras ações internacionais de Lula foi propor a criação do “Grupo de Amigos da Venezuela”, visando intermediar a grave crise entre Chávez e a oposição. O Grupo, integrado também por Chile, Espanha, Estados Unidos, México e Portugal, deu suporte à Organização dos Estados Americanos (OEA) e ao Centro Carter na mediação que resultou no referendo de 2004, que decidiu pela permanência de Hugo Chávez no governo.

Não foram poucas as trocas de gentilezas entre os presidentes do Brasil e da Venezuela desde que Lula chegou à presidência. Durante a participação de Lula no Fórum Econômico Mundial de Davos, em 2003, por exemplo, o presidente venezuelano declarou que esta era uma conquista dos que não costumavam ter direito de falar. O presidente brasileiro por sua vez, chegou a participar da campanha de Chávez à reeleição em 2006, e em inúmeras oportunidades reafirmou seu entendimento de que a Venezuela vive um regime de democracia plena.

Houve também diversas ocasiões de tensão entre os dois países. Uma delas ocorreu em maio de 2006, quando o presidente boliviano Evo Morales anunciou a nacionalização das reservas de gás natural do país, o que afetou diretamente interesses brasileiros na região, onde a Petrobrás possuía enormes investimentos. Chávez foi acusado por diversos setores, incluindo a oposição e por boa parte da grande mídia brasileira, de ser o mentor da ação de Morales, num movimento visto como uma tentativa de assumir a liderança política da América do Sul. Apesar de reconhecer o desconforto causado pela situação, Lula defendeu o que entendeu como o exercício de um direito soberano do povo boliviano sobre suas riquezas, e manteve o bom entendimento com o presidente venezuelano.

A prova de que a crise gerada pelo incidente com a Bolívia não teve maiores reflexos na relação com Chávez foi que, cerca de dois meses depois, a Venezuela formalizou sua adesão como membro pleno do Mercosul, em cerimônia realizada em Caracas e na qual compareceram os presidentes de todos os países do grupo, além do presidente da Bolívia, que atualmente figura no bloco econômico com o status de país associado, sem direito a voto. No entanto, até hoje a adesão da Venezuela não foi

plenamente concretizada, o que gerou novo desentendimento em meados de 2007. Para obter direito de voto, o novo membro deve ter sua adesão ratificada pelos legislativos de todos os integrantes plenos do Mercosul, o que não ocorreu ainda no Paraguai e no Brasil.

Apesar da aprovação do ingresso da Venezuela no bloco econômico tramitar com pouca resistência no Congresso brasileiro, o anúncio da não renovação da concessão à emissora de RCTV gerou pesadas críticas no Brasil, em especial por parte dos partidos de oposição ao governo Lula. O Senado aprovou moção proposta pelo senador Eduardo Azeredo (PSDB – MG) para que Chávez reconsiderasse a decisão, ao que o venezuelano reagiu chamando o Congresso brasileiro de “papagaio de Washington”, desencadeando sucessão de declarações enfáticas de repúdio por parte do meio político do Brasil. Além disso, o governo brasileiro acionou seu serviço diplomático e exigiu retratação do presidente venezuelano. A situação se agravou quando Chávez passou a pressionar o Congresso para que aprovasse o ingresso no Mercosul, sob a ameaça de retirar seu país do bloco. Novamente houve forte reação verbal por parte dos deputados e senadores, e o Governo brasileiro rechaçou a tentativa de pressão. Como resultado, até hoje não houve a ratificação definitiva da adesão venezuelana.

Apesar das rugas, a relação de Chávez e Lula não parece ter sofrido maiores abalos. Ambos seguem reafirmando admiração recíproca e intenção cooperativa entre os países que representam. A guisa de exemplo, ressaltamos a posição do presidente brasileiro por ocasião do conflito de fronteiras entre a Colômbia e o Equador, afirmando ter sido Chávez o “grande pacificador”, e as recentes ações conjuntas na área energética, como a assinatura da parceria na Refinaria Abreu de Lima, em Recife – PE, quando houve troca de elogios e declarações de boas perspectivas de futuro. Ambos seguem reafirmando admiração recíproca e intenção cooperativa entre os países que representam.

4. Análise

4.1. Democracia e ditadura

Antes de buscar nos textos de Veja as marcas discursivas que criam e reforçam a imagem de Hugo Chávez como um ditador, vamos expor alguns conceitos sobre ditadura que servirão de guia para esta tarefa. A expressão ditadura tem origem em Roma, por volta do século V a.C., quando designava um órgão extraordinário da república ativado em situações de emergência, com poderes e tempo de vigência delimitados constitucionalmente. Ao longo da história, no entanto, o significado de ditadura sofreu grandes transformações, assumindo seu sentido moderno um caráter indubitavelmente negativo. Conforme Bobbio, Matteucci e Pasquino (1986, p. 370), a ditadura moderna

designa a classe dos regimes antidemocráticos ou não-democráticos modernos. Como tal se contrapõe, como o termo negativo ao termo positivo de uma grande dicotomia, à democracia moderna, por sua vez entendida como designação da classe dos regimes liberal-democráticos. Neste sentido, a democracia liberal, como termo positivo da dicotomia, caracteriza-se pela divisão de fato e de direito do poder e pela transmissão da autoridade política de baixo para cima; como termo negativo, a Ditadura se distingue, em contraposição, por uma acentuada concentração do poder e pela transmissão da autoridade política de cima para baixo.

Ao contrário da ditadura romana, a ditadura moderna não está regulamentada por normas constitucionais, nem tem seu poder limitado juridicamente. Instaure-se de fato ou subverte a ordem política preexistente. Costumeiramente, utiliza-se da mobilização política de parte da sociedade para se instaurar, ao mesmo tempo em que lança mão da força ou violência para subjugar a parte restante. Tende ainda a querer

se apresentar como a resposta para os anseios do povo e, para marcar esta condição, serve-se de diversos recursos, como plebiscitos e grandes reuniões das massas em contato direto com o chefe de Estado, dentre outros.

Para os autores, são três as características fundamentais das ditaduras³⁶. A primeira é a concentração e o caráter ilimitado do poder, que pode ser exercido tanto por um único indivíduo quanto por um pequeno grupo de pessoas. O governo ditatorial não sofre limitações legais, transformando as leis de acordo com seus interesses ou colocando-se acima destas. Mesmo quando subsistem leis específicas que resguardam direitos ou cerceiam o poder do governo, estas costumam servir somente como fachada, já que podem ser ignoradas pelo Estado ditatorial ou confrontadas por outras leis ou princípios alegadamente superiores, conferindo ao poder ditatorial um caráter absolutista.

A segunda característica das ditaduras está relacionada com as condições políticas e sociais existentes.

O ambiente mais típico dos regimes ditatoriais é o de uma sociedade abalada por uma profunda transformação econômica e social, a qual ativa o interesse e a participação política de faixas cada vez maiores da população e faz emergir o princípio da soberania popular. (BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO, 1986, p. 373).

O terceiro aspecto é o da legitimação do poder e das regras de sucessão. Na ditadura, o poder é transmitido de cima para baixo, e não de baixo para cima, ou seja, como expressão manifesta da vontade popular, como acontece na democracia. Por mais que, como já referimos, o governo ditatorial pretenda apresentar-se como expressão da vontade popular, é essencial olharmos para a forma ou a legitimidade com que lhe foi concedido o poder. Aqui entra também o problema da sucessão, em especial quando falamos de ditaduras republicanas, caso em que se enquadra a grande maioria das ditaduras modernas. Sartori (apud³⁷ BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO, 1986, p. 374) resume esta questão na seguinte proposição: “um absolutismo republicano não pode – enquanto absolutismo – ‘eleger’ o novo ditador, mas não pode tampouco ‘herdar’ por causa do princípio republicano”.

No caso específico da América Latina, o histórico recente de ditaduras reforça o caráter simbólico negativo deste regime de governo. No Brasil, em especial, ainda que

³⁶ Para tornar a leitura mais fluente, quando fizermos referência ao que Bobbio, Matteucci e Pasquino (1986) denominam “ditadura moderna”, utilizaremos somente a expressão “ditadura”.

³⁷ SARTORI, G. Appunti per una teoria generale della dittadura. In *Theorie und Politik: Festschrift zum 70. Geburtstag für. L’Aia*: Nijhoff, 1971.

por vezes surjam defensores saudosistas do longo período ditatorial que se instaurou a partir de 1964, o imaginário coletivo majoritário remete à associação da ditadura com o militarismo, o autoritarismo, a supressão de direitos e liberdades, a repressão, a censura, o desaparecimento de militantes e presos políticos, dentre outros aspectos negativos. Assim, a construção da imagem de um político como um ditador leva fatalmente a uma perspectiva negativa em relação a ele, como a revista *Veja* pretende no caso de Hugo Chávez, como veremos adiante.

Levando em conta a afirmação de Bobbio, Matteucci e Pasquino (1986) de que a ditadura seria o termo dicotômico contraposto à democracia, podemos também buscar, por meio da oposição, características da primeira ao delinear a segunda. Os autores destacam nove “regras universais” para as quais convergem as definições de democracia dos estudiosos do tema, que são:

1) o órgão político máximo, a quem é assinalada a função legislativa, deve ser composto por membros direta ou indiretamente eleitos pelo povo, em eleições de primeiro ou segundo grau; 2) junto do supremo órgão legislativo deverá haver outras instituições com dirigentes eleitos, como órgãos de administração local ou o chefe de Estado (tal como acontece nas repúblicas); 3) todos os cidadãos que tenham atingido a maioria, sem distinção de raça, de religião, de censo e possivelmente de sexo, devem ser eleitores; 4) todos os eleitores devem ter voto igual; 5) todos os eleitores devem ser livres em votar segundo a própria opinião formada o mais livremente possível, isto é, numa disputa livre de partidos políticos que lutam pela formação de uma representação nacional; 6) devem ser livres também no sentido em que devem ser postos em condições de ter reais alternativas (o que exclui como democrática qualquer eleição de lista única ou bloqueada); 7) tanto para as eleições dos representantes como para as decisões do órgão político supremo vale o princípio da maioria numérica, se bem que podem ser estabelecidas várias formas de maioria segundo critérios de oportunidade não definidos de uma vez para sempre; 8) nenhuma decisão tomada por maioria deve limitar os direitos da minoria, de um modo especial o direito de tornar-se maioria, em paridade de condições; 9) o órgão do Governo deve gozar de confiança do Parlamento ou do chefe do poder executivo, por sua vez, eleito pelo povo. (BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO, 1986, p. 326-327)

Os autores destacam, ainda, que ao longo de toda história regime nenhum observou simultaneamente todas estas regras, e tampouco se pode determinar quantas destas regras devem ser observadas para que se possa definir um regime como democrático, sendo portanto possível falarmos na existência de regimes mais ou menos democráticos.

No caso específico da Venezuela contemporânea, ainda que se possa questionar a observância de algumas das características democráticas referidas pelos autores, certamente a maior parte delas se encontra em vigência. É preciso destacar que

o presidente Hugo Chávez foi eleito e reeleito em eleições democráticas, avalizadas por observadores internacionais e dentro das normas constitucionais; há eleições diretas tanto para o Poder Legislativo quanto para o Executivo; é garantido o direito de voto para todos os cidadãos maiores de idade, sem distinção; e é observado o princípio da maioria numérica. Não se vislumbra, portanto, a existência de um regime ditatorial naquele país.

Há outro aspecto acerca do conceito de democracia que se configura relevante para o presente trabalho. As discussões em torno deste tema desenvolveram-se especialmente a partir da confrontação de duas ideologias distintas, e que disputaram a hegemonia ao longo dos séculos XIX e XX: o liberalismo e o socialismo. Cada uma delas acabou por dar contornos específicos às regras que deveriam reger os regimes democráticos sob sua orientação. O conceito mais popular hoje em dia, até por conta da derrocada da maior parte dos regimes socialistas, é o de democracia liberal, utilizada muitas vezes como a concepção única de democracia. Em linhas gerais,

foi-se afirmando [...] a idéia de que a única forma de Democracia compatível com o Estado liberal, isto é, com o Estado que reconhece e garante alguns direitos fundamentais, como são os direitos de liberdade de pensamento, de religião, de imprensa, de reunião, etc., fosse a Democracia representativa ou parlamentar, onde o dever de fazer leis diz respeito, não a todo o povo reunido em assembléia, mas a um corpo restrito de representantes eleitos por aqueles cidadãos a quem são reconhecidos direitos políticos. (BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO, 1986, p. 323-324)

Estas idéias foram-se alargando em direção à multiplicação dos órgãos representativos (da existência de um único parlamento ou assembléia legislativa à criação de órgãos representativos em instâncias cada vez mais locais) e à universalidade dos direitos, em especial os políticos, com a extensão da possibilidade de voto e participação decisória a todos.

Na concepção socialista, no entanto, a democracia, ainda que desejável e necessária, não se configura como elemento constitutivo, “porque a essência do socialismo sempre foi a idéia da revolução das relações econômicas e não apenas das relações políticas, da emancipação social [...] e não apenas da emancipação política do homem” (BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO, 1986, p. 324). Os autores marcam a diferença entre as concepções socialista e liberal de democracia:

O que muda na doutrina socialista a respeito da doutrina liberal é o modo de entender o processo de democratização do Estado. Na teoria marxista-engelsiana, para falar apenas desta, o sufrágio universal, que para o liberalismo em seu desenvolvimento histórico é o ponto de chegada do

processo de democratização do Estado, constitui apenas o ponto de partida. Além do sufrágio universal, o aprofundamento do processo de democratização da parte das doutrinas socialistas acontece de dois modos: através da crítica da Democracia apenas representativa e da conseqüente retomada de alguns temas da Democracia direta e através da solicitação de que a participação popular e também o controle do poder a partir de baixo se estenda dos órgãos de decisão política aos de decisão econômica, de alguns centros do aparelho estatal até a empresa, da sociedade política até a sociedade civil pelo que se vem falando de Democracia econômica, industrial ou da forma efetiva dos novos órgãos de controle (chamados “conselhos operários”), colegial, e da passagem do autogoverno para a autogestão. (BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO, 1986, p. 324-325)

Esta divergência conceitual acerca de democracia se mostra fundamental para compreendermos a reiterada posição da revista *Veja* na classificação de Hugo CHávez como um ditador. Adepta do neoliberalismo³⁸, que tem origem na ideologia liberal, *Veja* trabalha com uma concepção de democracia adequada aos seus valores e perspectiva de mundo. Para ela, admitir a existência de um outro tipo de democracia, alicerçada numa ideologia contrária ao neoliberalismo, seria admitir também a possibilidade de uma alternativa à economia de mercado, à globalização e à livre iniciativa, o que contraria diametralmente os valores que afirma constantemente, de seu lugar (auto) constituído de detentora do saber e responsável por “explicar” o mundo a seus leitores.

4.2. O Ditador: primeiras considerações

O *corpus* do presente trabalho é constituído por 15 matérias de 12 edições da revista *Veja*, publicadas entre abril de 2002 e março de 2008, acessadas através do sítio eletrônico da revista³⁹. Foram analisadas as edições de nº 1.747, 1.903, 1.935, 1.937, 1.955, 1.986, 2.012, 2.033, 2.036, 2.039, 2.041 e 2.051. A seleção destas edições levou em conta as capas nas quais havia destaque para o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, seja como assunto principal, seja em chamada secundária, seja em referência explícita dentro de outras matérias. O lapso temporal de praticamente seis anos existente

³⁸ O neoliberalismo é um termo que designa as políticas liberais adotadas por diversos governos nacionais desde fins do século XX, inspiradas no liberalismo clássico. Tem entre seus principais preceitos a intervenção mínima do Estado na economia, que deve ser regulada somente pelos interesses do mercado, e a defesa plena da propriedade privada. Curiosamente, a primeira experiência neoliberal posta em prática no mundo aconteceu durante a ditadura de Augusto Pinochet no Chile (1973 a 1990).

³⁹ veja.abril.com.br, acessos entre 17/02 e 12/05/2008.

entre a primeira e a última edições em questão, a quantidade de edições selecionadas (12, de um universo de 304 edições entre 17/04/2002 e 12/03/2008, representando quase 4% do total) e a frequência com que o tema mereceu destaque nas capas da revista, em especial nos últimos anos (1 vez em 2002, 3 em 2005, 2 em 2006, 5 em 2007 e 1 nos primeiros meses de 2008) apontam para a relevância dada por Veja a Hugo Chávez.

A fim de identificarmos os sentidos manifestados pela revista, utilizamos a Análise de Discurso francesa, por entendermos ser a metodologia mais adequada para a obtenção dos resultados pretendidos dentro da perspectiva teórica a partir da qual pensamos o jornalismo, a Teoria Construcionista. A busca levou em conta não só os textos das matérias, mas também capas, títulos, fotos, legendas e infográficos. Junto com o texto, estes elementos direcionam a leitura, destacam determinados aspectos da matéria em detrimento de outros, complementam as informações e “explicam” os sentidos pretendidos. Considerando que a pesquisa centrou-se nas capas e matérias obtidas através de consulta ao sítio eletrônico de Veja, e não nas revistas impressas, não foram analisados aspectos gráficos e diagramação.

A análise do *corpus* permite perceber, como veremos a seguir, a clara intenção de Veja em retratar o presidente venezuelano de forma negativa, sendo uma das construções simbólicas de maior presença a associação de sua imagem à de um ditador. Para atingir esse fim, além da referência explícita a Hugo Chávez como um ditador, que aparece com enorme frequência, a publicação lança mão de outros movimentos de paráfrase para a construção de sentidos secundários, que em conjunto reforçam o sentido principal. Agrupamos estes movimentos em quatro formações discursivas (FDs), às quais nomeamos como: 1) o autoritário; 2) o caudilho populista; 3) o clone; e 4) a ameaça. Evidentemente há seqüências discursivas (SDs) que se enquadram em mais de uma das formações identificadas. Quando isso ocorreu, optamos por destacar o sentido que entendemos como o mais significativo de cada SD.

Passaremos agora à exposição destas FDs, ressaltando as seqüências discursivas que as compõem de forma ilustrativa, e não exaustiva, ou seja, traremos somente alguns exemplos, e não a totalidade das SDs analisadas⁴⁰. As SDs ressaltadas estão grafadas com recuo esquerdo de 1,5cm, letra em corpo 11 e entrelinhamento simples. As marcas indicativas de sentidos, que surgem em forma de palavras ou trechos, estão destacadas em negrito. A fim de facilitar a identificação dos textos dos

⁴⁰ Nossa análise trabalhou com um total 212 seqüências discursivas, que se encontram listadas no Anexo 2.

quais foram extraídas as seqüências discursivas, criamos um código para as matérias analisadas, conforme indicação abaixo:

- T 1 – O falastrão caiu (Edição nº 1747, de 17/04/2002)
- T 2 – O clone do totalitarismo (Edição nº 1903, de 04/05/2005)
- T 3 – Viagem ao circo de Chávez (Edição nº 1935, de 14/12/2005)
- T 4 – Índio não quer Petrobrás (Edição nº 1937, de 28/12/2005)
- T 5 – Os líderes e o liderado (Edição nº 1955, de 10/05/2006)
- T 6 – Ingenuidade e ideologia (Edição nº 1955, de 10/05/2006)
- T 7 – Um Fidel com petróleo (Edição nº 1986, de 13/12/2006)
- T 8 – Chávez e sua elite bolivariana (Edição nº 2012, de 13/06/2007)
- T 9 – À sombra de *El Supremo* (Edição nº 2033, de 07/11/2007)
- T 10 – Em que os militares miram (Edição nº 2036, de 28/11/2007)
- T 11 – A Venezuela depois do não (Edição nº 2039, de 19/12/2007)
- T 12 – Cadê o “sim” que estava aqui? (Edição nº 2041, de 29/12/2007)
- T 13 – Por que Chávez quer a guerra (Edição nº 2051, de 12/03/2008)
- T 14 – O lado B da diplomacia (Edição nº 2051, de 12/03/2008)
- T 15 – Sob o domínio das Farc (Edição nº 2051, de 12/03/2008)

4.3. O Autoritário (FD 1)

A denominação “regimes autoritários” é utilizada, em sentido geral, para designar toda a classe de regimes não-democráticos, se aproximando muito, portanto, do sentido geral atribuído à ditadura. Bobbio, Matteucci e Pasquino (1986, p. 100) destacam, no entanto, que seu conceito mais estrito seve para designar “não todos os sistemas antidemocráticos, mas apenas uma sua subclasse”. Algumas das características comumente atribuídas ao autoritarismo são: a ausência de Parlamento e de eleições populares, ou a manutenção destas instituições somente em caráter cerimonial; o predomínio do Poder Executivo sobre os demais; a falta de uma ideologia elaborada e propulsiva; a ausência ou supressão da oposição política; a proibição do pluripartidarismo ou sua conversão em um mero simulacro, sem efetividade; e a destruição da autonomia de outros grupos politicamente relevantes, ou sua tolerância

somente enquanto não representem ameaça real ao poder do governo. No contexto histórico latino-americano, onde eram comuns até recentemente regimes ditatoriais de cunho militar marcadamente autoritários, é inevitável a associação desta expressão também ao exército e à militarização.

A revista *Veja* traz como principal marca discursiva, no que se refere a Hugo Chávez, a associação da figura do presidente venezuelano ao autoritarismo. Para isso, retoma com insistência construções que remetem a este conceito, e que vão desde a adjetivação direta até conceitos mais elaborados, nos quais são atribuídas a Chávez ações típicas de regimes autoritários e/ou contrárias ao conceito de democracia defendido pela publicação brasileira.

Um dos traços marcantes do discurso de *Veja* são as constantes alusões ao golpe de Estado do qual Chávez tomou parte em 1992. Lembramos que Chávez esteve preso por quase dois anos por sua participação na insurreição, tendo pago legalmente por seu ato, e quando chegou ao poder anos depois o fez pela via democrática, eleito pelo voto popular. No entanto, *Veja* segue a destacar seu passado golpista, havendo um grande número de referências neste sentido:

O destino dramático do presidente contém certa dose de **justiça**: há dez anos, quando era **tenente-coronel do corpo de pára-quedistas, comandou uma sangrenta tentativa de golpe de Estado**. (SD 27, T 1)

Hugo Chávez tem em seu currículo uma **tentativa sangrenta de tomar o poder pelas armas**, em 1992. (SD 41, T 3)

Miquilena ficou amigo de Chávez em 1992, quando o coronel [Chávez] foi preso por um **golpe fracassado**. (SD 86, T 11)

Na esteira desta construção, *Veja* “denuncia” o caráter golpista do presidente venezuelano mesmo após a ascensão ao poder por meio do voto:

Eleito de forma democrática, Chávez recorreu a **golpes brancos e plebiscitos para se tornar senhor do Judiciário**, incluindo aí a Justiça Eleitoral e o Ministério Público, e do Legislativo. (SD 39, T 3)

A construção deste sentido aparece também em posicionamentos atribuídos a algumas fontes:

O **Executivo venezuelano controla tudo**. Até as manifestações de estudantes são **reprimidas à força**. Chávez está usando as Forças Armadas para dar um **golpe de estado** na Constituição. Eu sou um homem de esquerda, mas não quero uma **ditadura do proletariado**. (SD 76, T 9, depoimento do deputado venezuelano Ismael García)

[...] o militar [general Raúl Isaiás Baduel], respeitado entre os chavistas, passou a denunciar o **caráter autoritário** da reforma constitucional, classificada por ele como uma **tentativa de golpe de estado**. (SD 82, T 11)

Cabe aqui destacar que as fontes compõem uma das vozes que, idealmente, conferem ao discurso jornalístico um caráter polifônico. No entanto, nem sempre é isso que ocorre no caso da revista *Veja* que, com frequência, busca nas fontes apenas a corroboração de um discurso preestabelecido. Prado (2003, p. 91) afirma que “*Veja* não as ouve [as fontes] e, quando o faz, resume os ditos a poucas frases, encaixadas no enquadre pré-construído da revista.”

As reiteradas críticas de *Veja* em relação ao “golpismo” de Hugo Chávez contrastam com o posicionamento adotado quando da tentativa de golpe contra Chávez, ocorrida em 2002. Neste caso, o discurso de manifesta principalmente pelo silêncio, pela ausência. A capa da edição de 17/04/2002 fala somente da “queda” de Chávez, que é, aliás, tratado pela alcunha depreciativa de “presidente fanfarrão”.

A **queda do presidente fanfarrão** (SD 1, T 1, chamada de capa)

O título da matéria da mesma edição segue sem fazer qualquer menção a golpe, limitando-se a aludir a uma “rebelião militar”.

O falastrão caiu: **Multidões nas ruas** e **rebelião militar** tiram Hugo Chávez da Presidência da Venezuela (SD 6, T 1)

A referência à multidão nas ruas, associada à rebelião, deixa transparecer ainda uma idéia generalista de que havia uma posição uníssona, ou ao menos majoritária, na Venezuela, desejando a deposição do presidente eleito. Entendemos pertinente referir que esta edição da revista circulou quando Hugo Chávez já havia contornado a tomada de poder e circulava na imprensa internacional a denúncia de golpe.

O texto publicado em momento algum nomeia o que ocorreu na Venezuela como golpe. Insiste em silenciar a respeito, buscando outras formas de se referir à derrubada do presidente. Além disso, aponta a queda de Chávez como algo positivo, e atribui a este a responsabilidade pelos aspectos violentos do confronto político:

[...] uma **multidão de 200.000 venezuelanos** [...] marchou para o palácio presidencial e **foi recebida a bala por partidários do presidente**. Morreram quinze manifestantes e 350 ficaram feridos. (SD 25, T 1)

“Tomara que a **queda de Chávez** represente uma **vacina contra salvadores da pátria** na região”, disse à *VEJA* Andrés Oppenheimer, colunista do jornal americano *Miami Herald* e **respeitado especialista em América Latina**. (SD 93, T 1)

O ponto positivo na queda de Chávez foi a demonstração de que o **oportunismo populista já não consegue enganar uma sociedade latino-americana por muito tempo.** (SD 29, T 1)

Sua queda foi recebida como boa notícia no mundo: melhorou o índice risco país da Venezuela, a bolsa de Caracas disparou (alta de 8%) e o preço internacional do petróleo caiu 9%. (SD 94, T 1)

Como já vimos, Chávez retornou ao poder após a tentativa frustrada de golpe, continuando como presidente eleito pelo voto popular. Veja passa, então, a desconstruir o caráter democrático de seu governo. A primeira capa em que é feita referência a Chávez desde então, na edição nº 1935, de 14/12/2005, traz uma chamada no canto superior direito com uma pequena foto de Hugo Chávez, com semblante sério e vestindo uma boina vermelha, que como veremos adiante é largamente utilizada por Veja nas imagens do presidente da Venezuela, acabando por constituir-se quase num ícone deste. A boina, peça muito usada por um dos grandes ícones da esquerda, Che Guevara, e a cor vermelha, tem um grande valor simbólico, funcionando como elementos de associação ao comunismo.



Figura 1 - Edição nº 1935, de 14/12/2005

A manchete é direta:

Nossos repórteres na Venezuela contam como Chávez está **destruindo a democracia** (SD 2, 14/12/2005, chamada de capa)

A aludida “destruição da democracia” é reiterada no título da matéria veiculada na mesma edição, e já fora expressa em título de edição anterior:

Viagem ao circo de Chávez: A excentricidade de Chávez disfarça sua **lenta e obstinada destruição da democracia** na Venezuela. O cotidiano do país mostra uma imensa **popularidade comprada com submissão, subsídios e ameaças** – tudo pago com o lucro do petróleo (SD 8, T 3)

Na Venezuela, Chávez adotou um **governo centralizador**, mudou as leis para **controlar melhor a oposição e aumentou o tamanho do Estado**, levando à **derrocada de uma das mais antigas democracias** da região. Resultado: a **população ficou mais pobre**, os **investidores externos sumiram** e a **dívida pública aumentou** (SD 7, T 2)

Nesta última SD, Veja deixa transparecer sua ideologia neoliberal, talvez um dos motivos de uma campanha tão obstinada contra Chávez, associando aspectos do regime supostamente ditatorial a elementos como a estatização, empobrecimento e fuga de capital internacional.

Ao longo das matérias, Veja reafirma a associação do Governo Chávez com a ruína da democracia venezuelana, e aponta até mesmo o uso de mecanismos tidos como democráticos para isso:

"Chávez está **usando os mecanismos democráticos para destruir a democracia**", entende o economista Gerver Torres, ex-conselheiro do Banco Mundial que dirige uma ONG de formação de líderes políticos, em Caracas. (SD 40, T 3)

Eficiente em **usar os mecanismos democráticos para acabar com a liberdade**, Chávez também tem se mostrado capaz de sucatear a economia do país. (SD 63, T 9)

Veja age de forma didática, como detentora de um saber, constantemente “explicando” ao seu leitor como Chávez está agindo contra a democracia.

Uma boa maneira de entender quais são as armas de Chávez no seu **projeto de destruir a democracia venezuelana** é percorrer as ruas de Caracas. (SD 46, T 3)

Agrega a esta postura a opinião de fontes que avalizam seu posicionamento, conferindo-lhe credibilidade:

O estado que o novo texto constitucional cria, a meu ver, **não é socialista, ao contrário do que diz o governo**. O que **está sendo criado é um estado todo-poderoso** que, entre outras coisas, **pisoteia o direito do povo de escolher seus representantes, princípio fundamental de uma democracia**. A nova Constituição permite ao presidente da República **passar por cima da autoridade de prefeitos e governadores eleitos pelo povo**. (SD 73, T 9, depoimento do deputado venezuelano Ismael García)

Por cinco razões, alinhadas pelo cientista político mexicano Adrián Gurza Lavalle, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, **a Venezuela já não pode ser considerada um Estado democrático**.

- **A autonomia de poderes, princípio básico da democracia, foi suprimida.** [...]
- Numa democracia, se a oposição perde as eleições, ela continua a participar do jogo político. Na Venezuela **a oposição está sendo amordaçada.** [...]
- **A lei da mordaza obriga a imprensa a adotar a autocensura.** [...]
- **As regras do jogo político e institucional mudam constantemente**, uma vez que **Chávez se investiu de poderes extraordinários** nos sete plebiscitos que convocou e venceu.
- **Não há mais respeito pelas normas** que regem o **direito à propriedade privada.** [...] (SD 35, T 2)

Neste último trecho, mais uma vez Veja marca sua posição capitalista, ao mesmo tempo em que deixa transparecer sua visão de que a única democracia válida é a de cunho liberal, que entre outras coisas garante o direito à propriedade privada⁴¹. A concepção de democracia da revista aparece em outros momentos:

Curiosamente – mas não surpreendentemente – a **operação desmonte da democracia venezuelana** foi feita pelo que se acredita ser **um dos meios mais democráticos de representação** – os plebiscitos. Foram sete consultas populares em seis anos. **Essa democracia direta passou por cima das instituições e permitiu ao chavismo reescrever a Constituição e demolir os outros poderes** da República. (SD 34, T 2)

Foi um momento extraordinário para um presidente que vive proclamando as virtudes da **“democracia participativa”** sobre a **democracia meramente “representativa”**, pois o povo escolheu não participar. (SD 38, T 3)

Interessante observar que, a despeito de todas as críticas que faz aos referendos e plebiscitos propostos por Chávez, que classifica como mecanismos para “atropelar as instituições”, Veja ressalta na matéria de 19/12/2007 a validade da opinião manifesta nas urnas. Não por coincidência, exatamente nesta ocasião ocorreu a primeira grande derrota eleitoral sofrida pelo presidente Chávez desde que chegou à presidência, em 1998:

Para Villegas, não foi possível **aprovar a reforma constitucional no referendo** pelo seguinte motivo: "O povo não entendeu direito nossa proposta socialista, mas vamos tentar de novo", diz o chavista. "Afim, não podemos esquecer que a Revolução Bolivariana é uma referência para movimentos sociais de toda a América Latina." **Como os venezuelanos já opinaram nas urnas, algo que o chavismo custa a compreender, trata-se de uma referência fracassada.** (SD 212, T 11)

A concepção única de Veja sobre democracia aparece também em um infográfico, expressivamente denominado “A ditadura em forma de lei”, onde a revista interpreta o significado de algumas leis da reforma constitucional proposta por Hugo Chávez em 2007. Chamamos atenção, em especial, para a interpretação dada ao artigo 16, onde podemos vislumbrar precisamente uma das divergências de concepção entre a

⁴¹ A idéia aqui não é defender ou atacar a ideologia de Veja. Pretendemos somente assinalar que existem outras concepções ideológicas acerca da democracia, conforme já referimos.

democracia liberal e a socialista, conforme mencionamos nas páginas 48 e 49 deste trabalho:

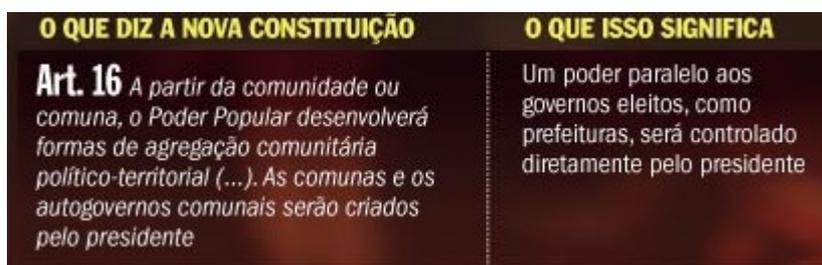


Figura 2 - Edição nº 2033, de 07/11/2007

Ao longo do tempo, Veja sobe o tom do discurso e o torna mais explícito. Deixa de usar o eufemismo da “destruição da democracia”, que marcou em especial as edições de 04/05/2005 e 14/12/2005, e passa a nomear Chávez diretamente como ditador. A primeira vez que a revista usa tal palavra em relação ao presidente da Venezuela ocorre na edição de 14/12/2005, mas apenas para afirmar que ele tem ao seu dispor as condições para vir a ser um ditador:

Hoje, ele pode dispensar o golpe de Estado para **se transformar em ditador. As ferramentas estão todas em sua mão.** (SD 95, T 3)

Até então, apesar da construção das matérias destacarem o caráter não-democrático que Veja atribuíra ao governo, as palavras ditador e ditadura eram usadas somente para nomear outros personagens políticos e regimes com quem Chávez se relacionava ou se identificava (nos deteremos mais aprofundadamente sobre este aspecto quando abordarmos a FD que denominamos “o clone”). A partir daí, no entanto, passaram a nomear também Chávez e seu governo. A capa de 07/11/2007 é significativa.

Chávez: à sombra do **ditador** – Como o **desvario ideológico chavista** abala a vida dos venezuelanos (SD 3, 07/11/2007, chamada de capa).

Como imagem, a capa traz somente a boina vermelha que Veja utiliza reiteradas vezes nas fotos de Chávez.



Figura 3 - Edição nº 2033, de 07/11/2007

Chama a atenção, porém, uma associação sutil presente nesta edição. Uma das três pequenas chamadas para outras matérias, na parte superior da capa, é de uma pauta fria⁴² com o título:

História: A tentação de **esticar o mandato** (SD 4, 07/11/2007, chamada de capa)

Os títulos das matérias desta edição e da de 19/12/2007 também remetem diretamente à ditadura, assim como diversas passagens das matérias.

À sombra de El Supremo: Com a reforma constitucional aprovada na semana passada, Hugo Chávez consolida seu **regime autoritário e personalista** na Venezuela. Em Caracas, VEJA ouviu a história de dez venezuelanos que tiveram a vida transformada pela **ditadura do “socialismo do século XXI”** (SD 9, T 9)

A Venezuela depois do não: Chávez enfrenta **agora uma nova oposição**. Além dos estudantes, ela recebeu o reforço de chavistas descontentes, que se opõem à **ditadura** (SD 10, T 11)

Para quem não tem a memória pessoal de ter vivido sob uma **ditadura**, ouvir depoimentos de venezuelanos é uma **experiência educativa – e sufocante**. O regime que o presidente Hugo Chávez está construindo na Venezuela **não apenas é autoritário** como se propõe a criar uma **nação à imagem e semelhança de seu governante**. (SD 55, T 9)

⁴² No jargão jornalístico, “pauta fria” diz respeito a uma matéria que não é datada, isto é, não perde o sentido ou a pertinência com o tempo. Muitas vezes esse tipo de matéria é utilizada para preencher o espaço da publicação que não foi ocupado pelas matérias “datadas”, ou “quentes”, seja por uma questão de opção editorial, seja pela ausência de outros temas mais relevantes, dentro dos critérios de noticiabilidade de cada publicação

Chamar Chávez de ditador e referir-se ao seu governo como uma ditadura são apenas algumas das construções utilizadas por Veja, que somente soam coerentes ao leitor porque há um grande embasamento simbólico que as ampara, sempre remetendo ao caráter autoritário e não-democrático do regime venezuelano. A centralização de poder, o aparelhamento estatal, o personalismo e a ambição pelo poder absoluto são constantemente afirmados:

O país vivia aos sobressaltos por causa do **comportamento imprevisível do presidente Chávez**, que **mudava leis e substituía autoridades de acordo com seu humor**. (SD 30, T 1)

O presidente Hugo Chávez completou na semana passada um ciclo em sua **busca pelo poder absoluto** na Venezuela. (SD 37, T 3)

Para ser estável, o **poder nos Estados autoritários deve se concentrar nas mãos de um indivíduo** ou de um pequeno grupo dirigente. **São as personalidades – não as instituições – que importam** em tais países. [...] **Não há na Venezuela vestígio da independência dos poderes, a pedra fundamental da democracia moderna**. Além do Executivo, **Chávez controla 100% do Legislativo, o Judiciário, o comitê eleitoral e a PDVSA**, a estatal do petróleo. Seu plano agora é reunir todos os grupos da base aliada em um **único partido**. "**Líder único, partido único e ideologia única – só falta instituir uma imprensa única para vivermos sob o regime cubano**", disse a VEJA o analista político venezuelano Alberto Garrido, de Caracas. (SD 50, T 7)

A terceira fase do governo chavista começou dois anos atrás, com o anúncio de que seu objetivo era a construção do "socialismo do século XXI". O elemento ideológico mais evidente desse conceito é o **desejo de Chávez de concentrar o poder em suas mãos pelo maior tempo possível**. (SD 60, T 9)

Chávez tem os meios e a disposição para conseguir seus fins – o **poder absoluto** –, mas a vitória do "não" foi um facho de luz num ano pouco auspicioso para as instituições democráticas. (SD 91, T 12)

A censura, a repressão e a supressão da liberdade, tão conhecidos e tão combatidos pelos brasileiros durante os anos de ditadura no país, também aparecem com regularidade. Junto com referências à militarização da Venezuela, estes temas ajudam a direcionar o imaginário dos leitores. Uma das fotos publicadas em 13/06/2008 é emblemática, trazendo como elemento central um cartaz com a foto de uma criança amordaçada, e a legenda "Quiero crecer sin CENSURA!" (quero crescer sem censura, tradução nossa).



Figura 3 – Edição nº 2012, de 13/06/2007

Passagens dos textos reforçam estes sentidos:

Uma **novidade escandalosa** do novo código penal da Venezuela é a **revogação da presunção de inocência**. [...] **Abolir garantias individuais** como essa foi justamente uma das **primeiras penas de Fidel Castro** quando chegou ao poder em Cuba. (SD 36, T 2)

"Na verdade, a **Venezuela não tem um verdadeiro inimigo externo** do qual se defender", diz o especialista militar Fernando Sampaio, professor da Escola Superior de Geopolítica e Estratégia, em Porto Alegre. "Portanto, o mais provável é que **Chávez esteja se armando para se proteger de seu próprio povo**, no dia em que os venezuelanos se cansarem dele." (SD 97, T 9)

Processar jornalistas é uma das estratégias adotadas pelo regime chavista para **calar a oposição**. "Como **não há independência de poderes na Venezuela** e o **governo também controla os juízes, somos submetidos a verdadeiros julgamentos kafkianos**", diz Marianella Salazar, radialista e colunista do jornal El Nacional. (SD 98, T 9)

Os jovens só despertaram para o **risco da perda de liberdade representada por Chávez** em maio deste ano, quando **o governo fechou o canal RCTV**, a emissora mais popular do país. (SD 84, T 11)

Mas Veja vai além, e aponta para a existência de perseguição política em níveis ainda mais elevados, a ponto de atemorizar a população e desestimular qualquer tentativa de ação opositora. Uma imagem publicada em 14/12/2005 apresenta uma página de um programa de computador que conteria dados sobre o voto de milhões de venezuelanos.

Santa Inés (Rev.06/07/2004) R. E. P. (Marzo-2004)

Registros: 12.394.109

Leeme

Ingrese su Número de Cédula: 4258228 **Firmó Contra Diputados Opositores** Fecha Nac: 28/07/1954

Apellidos y Nombre: CHAVEZ FRIAS HUGO RAFAEL

Dirección: CARACAS MIRAFLORES MIRAFLORES URDANETA ALACIO DE MIRAFLORE TEL:4791158

>> Listar Cédulas de mi Centro de Votación << >> Florentino <<

Centro de Votación: B2 COL UNIV FRANCISCO DE MIRANDA

Dirección: ESQUINA DE MIJARES

Región: DTTO. CAPITAL MP. LIBERTADOR PQ. ALTAGRACIA

Fallecido: NO

Abstencionista: NO

Misión RIBAS: NO

Vuelvan Caras: NO

Figura 4 – Edição nº 1935, de 14/12/2005

A legenda indica o uso do programa pelo Governo venezuelano com a finalidade de perseguir os opositores:

O **big brother do chavismo**: O programa de computador acima, conhecido como Lista Maisanta, contém **informações eleitorais e a posição política** de 12.394.109 venezuelanos. Ali, com uma simples busca por nome e sobrenome ou pelo número da carteira de identidade, descobre-se, entre outros dados, **se o eleitor assinou contra ou a favor de Chávez** no referendo de 2004. **O governo usa a lista para negar emprego público ou passaporte aos eleitores que votaram contra o presidente.** (SD 20, T 3)

A esta somam-se outras referências similares:

Os venezuelanos tem seus motivos para acreditar que o governo se interessa em saber como cada um vota – e **temer que isso seja usado contra eles**. Uma prova de que o **segredo do voto virou pó na Venezuela** é um CD, cujas cópias acabaram vazando, com os dados de 12 milhões de eleitores, em que consta também a orientação política do cidadão e como ele votou no referendo do ano passado. [...] **E a perseguição política vai mais longe.** (SD 45, T 3)

No último referendo, esses quadros fiéis ao regime **quebraram o sigilo do voto e permitiram que as informações fossem usadas pelo governo para punir os cidadãos que se opuseram ao presidente.** (SD 58, T 9)

Ao nos guiarmos pelas reportagens de Veja, podemos supor que a oposição simplesmente não agia na Venezuela, ou era impedida de agir. A publicação brasileira não destaca as situações em que a oposição se fez presente, como quando obteve, por vias legais, a realização do referendo sobre a permanência de Chávez no poder, em 2004, e nas greves ocorridas em 2002 e 2003, por exemplo. Silencia também quanto aos números das urnas, que apontam em muitos casos percentuais significativos de votos contrários ao presidente (foram mais de 40% dos votos contrários a Chávez no

referendo de 2004, e cerca de 37% dos votos para o opositor Manuel Rosales, segundo colocado nas eleições de 2006, por exemplo). Assim, mais uma vez posiciona-se através da omissão, dando ênfase às situações em que pode direcionar seu discurso de forma condizente com sua posição de associar a imagem de Chávez à de um ditador.

Para Veja, a oposição na Venezuela somente se fez, ou pode se fazer presente de forma efetiva em dois momentos, não por acaso nos dois em que foram impingidas derrotas à Chávez. Na primeira, em 2002, quando Chávez foi afastado do poder por um golpe de Estado (ainda que em nenhum momento a revista assim tenha se referido a ele, como já referimos). A foto que abre a matéria mostra uma multidão nas ruas, agitando bandeiras do país.



Figura 5 – Edição nº 1747, de 17/04/2002

A legenda da foto reafirma o que a imagem expressa, e acrescenta o indicativo de que até mesmo atores políticos normalmente antagônicos estavam unidos contra Hugo Chávez:

Manifestação convocada por **empresários e sindicalistas** em Caracas: **200.000** pessoas (SD 11, T 1)

A reportagem segue destacando a existência de uma oposição unida, generalizada, chegando a sugerir que contempla toda a sociedade venezuelana.

Sua artilharia verbal, **contra tudo e todos** (certa vez chamou a Igreja de "tumor"), permitiu que a **oposição se unisse**. (SD 33, T 1)

"Houve uma **crescente repulsa** pelo **estilo autoritário e marxista do presidente**. **Tanto a sociedade quanto o Exército** achavam que **Chávez foi longe demais** e não o respeitavam", afirma o cientista político Carlos Romero, da Universidade Central da Venezuela. (SD 32, T 1)

Em 2007, logo após a derrota de Chávez no referendo sobre a reforma constitucional realizado em dezembro daquele ano, Veja comemora, já na capa, o ressurgimento da oposição, ao mesmo tempo em que sugere a ausência desta anteriormente, ou sua existência como mero simulacro.



Figura 6 - Edição nº 2039, de 19/12/2007

A chamada, no canto superior esquerdo, encontra-se ao lado de uma imagem de Chávez com expressão preocupada:

Chávez: **agora com oposição de verdade** (SD 5, 19/12/2007, chamada de capa)

Também no texto é saudado o surgimento de uma nova oposição, ao mesmo tempo em que Veja alerta, através de uma fonte, para uma possível reação do presidente e para a continuidade de seu projeto autoritário:

Mais do que uma simples derrota eleitoral infligida a um caudilho que se considerava imbatível, **o referendo teve o efeito de criar uma nova oposição**. Esta é composta de tal forma que o coronel não a pode acusar de golpismo, de ser porta-voz do "império americano" ou das "oligarquias da Venezuela" sem morder a língua. As acusações simplesmente não colam nos **estudantes** ou nos **chavistas moderados que se rebelaram contra a tentativa de implantar uma ditadura no país**. As **duas novas forças políticas** – o movimento estudantil e a ala democrática do chavismo – **são agora motivo de esperança para os venezuelanos e uma dor de cabeça para Hugo Chávez**. (SD 79, T 11)

"O 'não' dos eleitores ao **projeto autoritário** terá um efeito semelhante ao cala-boca do rei Juan Carlos, ao qual **Chávez reagiu tornando-se ainda mais intransigente**",

diz o analista político venezuelano José Vicente Carrasquero. **Instrumentos para endurecer não faltam.** (SD 81, T 11)

4.4. O Caudilho Populista (FD 2)

O caudilhismo foi um regime que vigorou em grande parte dos países da América espanhola nos primeiros anos de sua independência, durante a primeira metade do século XIX. Originou-se da divisão do poder entre os chefes locais após a luta pela independência. Estes líderes, os caudilhos, não raro oriundos de classes populares ou de etnias discriminadas (mestiços, índios ou negros), construíam sua ascensão lutando nas forças paramilitares que combatiam pela liberdade das colônias. Com a desmobilização dos exércitos, valiam-se do carisma e magnetismo pessoal com que conduziam as tropas para continuar exercendo poder sobre estas, de forma autoritária e paternalista, recebendo como retribuição o apoio incondicional de seus liderados (BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO, 1986).

Mesmo sem uma ideologia política definida, o caudilhismo se constituiu num obstáculo para a implantação de Estados liberais, conforme era o desejo das elites urbanas da época, e muitas vezes representou a defesa da estrutura econômica local contra a indústria européia. Atualmente, o termo “caudilho” continua a ser usado na América Latina para designar líderes políticos regionais com características demagógicas.

O populismo, por sua vez, é uma forma de exercício de poder mais típica do século XX, durante o qual teve alguns expoentes emblemáticos na América Latina, como Getúlio Vargas, no Brasil, e Juan Domingo Perón, na Argentina. Caracteriza-se por basear-se numa certa mitificação do povo, visto como uma massa homogênea e “autêntica”, depositária dos valores positivos da sociedade. No populismo, a luta de classes dá lugar à oposição entre o “povo” e o “não-povo”, que pode ser representado não só por tudo o que vem “de fora”, como os valores e modelos estrangeiros, mas também pelas elites locais de caráter cosmopolita, imperialista ou portadora de valores incompatíveis com os considerados “genuinamente populares” (BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO, 1986). Pela extrema valorização dos padrões autóctones,

o populismo é incompatível com o internacionalismo e, por extensão, com a globalização, sendo marcadamente nacionalista.

O populismo, como o caudilhismo, costuma ser marcado pela ausência de uma ideologia balizadora bem definida e pela existência de um líder carismático que centraliza o poder e é capaz de conduzir as massas, muitas vezes de forma paternalista e assistencialista. O governante populista, no entanto, geralmente se cerca de um grupo de apoiadores que compõem uma espécie de “elite iluminada”, à qual é atribuída a capacidade de interpretar as aspirações populares.

Apesar de não ser necessariamente autoritário, no imaginário latino-americano, e em especial no brasileiro, a associação de tal característica ao populismo é inevitável, em especial por conta de seus expoentes máximos, os já referidos Perón e Vargas. Apesar de somente o segundo ter governado em um regime declaradamente ditatorial⁴³, ambos exerciam o poder de forma autoritária e por vezes repressora (o que não impediu que fossem idolatrados por uma grande parcela da população de seus países, sendo até hoje lembrados por muitos com grande admiração).

Veja atribui a ambos os modelos de governo, o caudilho e o populista, um caráter absolutamente negativo, até pelo fato destes contrariarem diametralmente a ideologia defendida pela revista. Centralização e assistencialismo, com a conseqüente dilatação da área de atuação estatal, tanto quanto o nacionalismo, são valores incompatíveis com economia de mercado, globalização e Estado mínimo.

Em nosso *corpus*, percebemos a clara intenção de Veja em atribuir a Hugo Chávez um caráter caudilhista e populista, ressaltando as características que despreza nestes regimes e aproveitando para, por vezes de forma sutil, e em outras de forma explícita, associar estes regimes a posturas esquerdistas.

Foram três anos e dois meses de **interminável retórica revolucionária** – ou, melhor, daquela **sopa de lugares-comuns esquerdistas** que o presidente Hugo Chávez chamava “**revolução bolivariana**”. A tônica da **discurseira** eram as **promessas populistas** e as **infindáveis acusações à Igreja Católica, aos empresários, à imprensa e aos Estados Unidos, responsabilizados por todos os males da Venezuela**. (SD 99, T 1)

⁴³ Vargas foi presidente do Brasil por dois períodos: de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954. Para o segundo período, foi eleito democraticamente. O primeiro período, no entanto, foi bastante heterogêneo, e pode ser dividido em três fases: a) de 1930 a 1934, o Governo Provisório, uma ditadura informal, com governo por decretos; b) de 1934 a 1937, o Governo Constitucional, quando foi eleito indiretamente (pelo voto da Assembléia Constituinte), e c) de 1937 a 1945, o Estado Novo, uma ditadura plena.

Estima-se que tenha o apoio de metade dos venezuelanos – exatamente **a parte mais pobre**, que ele cativa com um **discurso populista e uma ampla ação assistencialista**. (SD 103, T 3)

“Desde o princípio, **Fidel sempre foi muito narcisista e não queria que nenhuma outra pessoa ofuscasse sua liderança**”, disse a VEJA o americano Brian Latell, autor do livro *After Fidel* (Depois de Fidel). **A descrição casa perfeitamente com a personalidade de Chávez** e está de acordo com o **caudilhismo latino-americano**. (SD 108, T 7)

Mais do que uma simples derrota eleitoral infligida a um **caudilho que se considerava imbatível**, o referendo teve o efeito de criar uma **nova oposição**. (SD 111, T 11)

Uma vez que a relação de caudilhismo e populismo com a ditadura não é tão explícita, Veja faz também movimentos discursivos no sentido de associar estes conceitos, ora diretamente, ora relacionando os dois primeiros a características de governos autoritários e antidemocráticos:

Petróleo e populismo. Essa é a fórmula que permitiu a Chávez **concentrar poder e iniciar o controle da sociedade venezuelana** em diversos setores, da economia à cultura. (SD 104, T 3)

Jorge Castañeda, ex-ministro de Relações Exteriores do México e estudioso da esquerda latino-americana, prefere colocar as analogias em outro patamar. Para ele, **Chávez é um Domingos Perón com petróleo**. [...] O argentino Perón é o protótipo do caudilho populista, na tradição latino-americana, que acaba por conquistar a lealdade da esquerda. Para esse tipo de governante, o desempenho econômico, os valores democráticos, os objetivos programáticos e as boas relações com os Estados Unidos são apenas aborrecimentos. Só interessa **manter a popularidade a qualquer custo**. **Há dois recursos básicos no arsenal populista: o nacionalismo desavergonhado** (que é alimentado pela entrada em quantas brigas for possível com Washington) e a **distribuição assistencialista**. (SD 107, T 7)

Essa dissociação entre a figura do presidente e suas políticas é própria de ditaduras personalistas, que têm no argentino **Juan Domingo Perón**, no mexicano **Antonio López de Santa Anna** e no paraguaio **Francisco** alguns de seus expoentes históricos. (SD 151, T 9)

O **destempero verbal** é uma **característica dos caudilhos fanfarrões** e, na maior parte das vezes, não deve ser tomado ao pé da letra. A **saraivada de insultos e ameaças disparados por Hugo Chávez** contra o governo da Colômbia pertence a uma **dimensão mais perigosa** – aquela na qual trafega o **projeto de poder totalitário da esquerda radical na América Latina**, único lugar do mundo onde essas **sandices que envenenaram o século XX** ainda parecem ter algum fôlego. (SD 113, T 13)

Esta última SD traz também outro dos componentes do discurso de Veja ao tratar Chávez como um caudilho populista, o anacronismo. Veja apresenta o presidente da Venezuela como uma manifestação extemporânea de um regime ultrapassado.

Nesse ponto, **distante de ser a promessa de novidades "século XXI"**, como proclama, **Chávez é fiel à tradição caudilhesca do continente. O estilo centralizador, a intolerância em relação a opiniões divergentes e, sobretudo, o modo como tenta transformar as instituições públicas em um apêndice de sua vontade e idiosincrasias** parecem saídos das páginas de **Eu O Supremo**, a obra magistral do paraguaio Augusto Roa Bastos. O personagem do título é José Gaspar Rodríguez de Francia, "**ditador perpétuo**" do Paraguai no **século XIX e protótipo do perfeito déspota sul-americano**. (SD 110, T 9)

É um espanto que tanta gente o festeje [Chávez] e não o Chile, o único país latino-americano a diminuir a pobreza pela metade. É a **maldição do caudilhismo, a doença senil do esquerdismo**. (SD 102, T 2)

4.5. O Clone (FD 3)

Estabelecer associações com personalidades facilmente reconhecidas é uma excelente maneira de agregar valores e sentidos. Falando em termos de discurso, desde que haja um referencial comum entre quem fala (locutor) e aquele para quem o texto se dirige (alocutário), as associações e comparações são mecanismos eficientes de agregar um grande número de sentidos em poucas palavras. Esta estratégia será tanto mais eficiente quanto maior for a credibilidade conferida ao locutor. Veja, falando de um lugar auto-atribuído de detentora de saber, dirige-se a um público que lhe confere boa dose de credibilidade (69% dos leitores, por exemplo, acredita que Veja traz informações confiáveis – ver dados completos na p. 22). Ao mesmo tempo, vale-se da estratégia da associação comparando Chávez a algumas das figuras mais conhecidas da história política internacional, e em relação às quais há um referencial preponderantemente consolidado e negativo. Essa é outra forma largamente utilizada para consolidar a noção de que o presidente venezuelano é um ditador.

A associação preferida da revista Veja é com Fidel Castro, que recentemente deixou a presidência de Cuba, e em relação ao qual há poucas controvérsias no senso comum quanto ao fato de ter exercido seu governo de forma ditatorial. Fidel foi o último dos grandes ditadores que fizeram parte da história da América Latina durante o século XX a deixar o poder, e é o mais expressivo, se não o único, a manter uma posição declaradamente esquerdista. A proximidade geográfica e as boas relações que o líder cubano sempre manteve com Chávez facilitam o estabelecimento de um paralelo

entre ambos. Além disso, o fato de a imagem de Fidel ser bastante característica e largamente conhecida é bem explorada pela revista, que se utiliza de fotos para marcar a associação.



Figura 7 – Edição nº 1903, de 04/05/2005

O PATRONO - **Fidel e Chávez**: o dinheiro e o petróleo venezuelanos estão permitindo a **Fidel** endurecer ainda mais a **ditadura cubana** (SD 121, T 2, legenda da foto acima)

Chávez é constantemente apresentado como o sucessor de Fidel como o grande ditador esquerdista latino. A capa de 04/05/2005 demonstra claramente esta intenção de Veja:



Figura 8 - Edição nº 1903, de 04/05/2005

Quem precisa de um **novo Fidel**? Com milícias, censura, intervenção em países vizinhos e briga com os EUA, **Hugo Chávez está fazendo da Venezuela uma nova Cuba** (SD 114, T 2)

Outro exemplo é um infográfico publicado na edição de 13/12/2006, que traz a foto de um Chávez enérgico, erguendo o punho cerrado, em oposição a um Fidel abatido e doente. A relação de sucessão é explicitada pelo título, pelas legendas e pelo texto que acompanha as fotos, estabelecendo a analogia entre os presidentes.

O FILHOTE DO DITADOR

O presidente venezuelano está seguindo os passos do cubano moribundo

CHÁVEZ

META DE SE PERPETUAR NO PODER

No poder há oito anos e reeleito para mais seis, Chávez anunciou a intenção de criar a reeleição contínua, sem limite

DESEJO DE EXPORTAR A REVOLUÇÃO

Usa o dinheiro da venda de petróleo para bancar aventureiros esquerdistas em outros países

NARCISISTA E PROLIXO

Tem um programa dominical na televisão em que canta, discursa durante horas e faz palhaçadas

INVENÇÃO DE UM INIMIGO EXTERNO

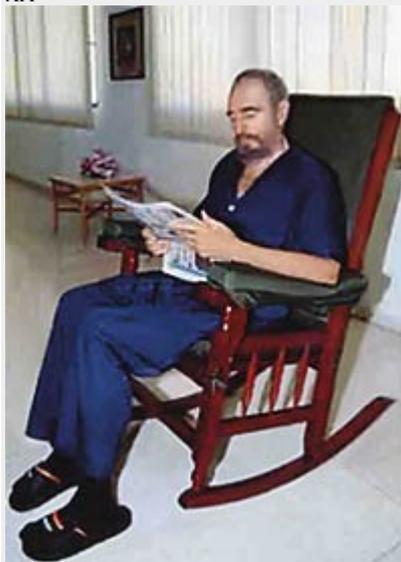
Escolheu os Estados Unidos como desafeto, apesar de o país ser o principal parceiro comercial da Venezuela

Juan Barreto/AFP



O presidente Chávez: ele quer se reeleger indefinidamente, criar partido único e pôr sua ideologia no currículo escolar

AFP



Nesta foto publicada em setembro no jornal oficial *Granma*, Fidel aparece no quarto do hospital: Cuba já prepara seu funeral

FIDEL

META DE SE PERPETUAR NO PODER

Está no poder desde 1959

DESEJO DE EXPORTAR A REVOLUÇÃO

Tentou exportar a Revolução Cubana para outros países da América Latina e a África

NARCISISTA E PROLIXO

Dono de retórica magnética, usou a TV e o rádio para intermináveis discursos

INVENÇÃO DE UM INIMIGO EXTERNO

Pôs no embargo americano a culpa pela pobreza de Cuba

Figura 8 – Edição nº 1986, de 13/12/2006

As matérias reforçam esta construção, citando Chávez ora como uma cópia do líder cubano, ora como seu sucessor:

A cantilena se completava com **juras de amor a Cuba e a seu ditador, Fidel Castro, de quem o presidente venezuelano copiou a mania** de proferir discursos que se prolongavam por várias horas. (SD 132, T 1)

Chávez demonstra necessidade quase patológica de se exibir como clone de Fidel Castro, o decano dos ditadores. Ambos se exibem em fardas militares e discursam por horas, misturando banalidades com assuntos de Estado. (SD 136, T 2)

Com o cubano **Fidel Castro no leito de morte**, o **coronel Hugo Chávez, ditador eleito** da Venezuela, está se apresentando como o **novo farol da esquerda revolucionária** na América Latina. (SD 146, T 7)

Como na ditadura de Fidel Castro, Chávez adotou o preceito de que o país entrou em processo de **revolução permanente**. (SD 153, T 9)

Mas Veja vai além da mera comparação e, contrariando seu posicionamento sistematicamente depreciativo em relação a Fidel Castro, consegue ver no presidente cubano atributos positivos em relação ao seu “sucessor”. Chávez seria, portanto, uma versão piorada, ou mais perigosa, do ditador cubano:

Chávez usou o cargo para iniciar a construção em seu país de uma **versão extemporânea do regime totalitário que existe em Cuba**. O coronel ainda não atingiu a **sofisticação que garante a sobrevivência de Fidel Castro**, este sim um **esquerdista autêntico**, um **fóssil da Guerra Fria** que sobrevive em sua ilha particular como um **capataz magnânimo mas repressor**. Chávez, porém, já atingiu o patamar de **comandante de um regime tipicamente autoritário**, que **compromete as liberdades essenciais**. (SD 135, T 2)

"**Chávez é um Fidel Castro sem cérebro e com petróleo**", definiu a VEJA Andrés Oppenheimer, colunista do jornal americano Miami Herald e respeitado especialista em América Latina. (SD 138, T 2)

Faltam ao coronel venezuelano a respeitabilidade e as circunstâncias históricas que deram transcendência a Fidel Castro – mas sobra-lhe dinheiro. "**Em termos de idéias, de capacidade para elaborar um conceito ideológico, Chávez não conseguiria suceder a Fidel**", disse a VEJA o historiador venezuelano Elias Piño, da Universidade Andrés Bello, em Caracas. (SD 148, T 7)

A diferença entre o presidente venezuelano e outros líderes esquerdistas com delírios similares é que Chávez tem poder econômico para bancar aventuras. "Por falta de recursos, **Fidel Castro foi forçado a restringir o financiamento e o treinamento de grupos guerrilheiros**", diz o ensaísta peruano Álvaro Vargas Llosa. "Como tem dinheiro, **Chávez partiu para um patamar superior**, influenciando diretamente grupos e países." (SD 157, T 13)

Ainda no âmbito latino-americano, Veja procura associar Chávez a outras figuras políticas, como Evo Morales e Rafael Corrêa, respectivamente presidentes da Bolívia e do Equador. Esta associação, no entanto, se dá com o intuito de marcar a influência de Chávez sobre outros governos, sugerindo os riscos de que o regime autoritário e nacionalista da Venezuela se espalhem pela América Latina, tudo isso de acordo com a concepção da revista brasileira. Além disso, vincular Chávez a outros

líderes amplia as possibilidades de Veja criticar indiretamente o presidente Venezuelano.

A matéria publicada na edição de 28/12/2005, por exemplo, trata da eleição de Evo Morales. No entanto, Veja busca estabelecer uma ligação com o líder venezuelano, aproveitando para criticá-lo.

Chávez, o mentor de Evo Morales: populismo nos Andes (SD 126, T 4, legenda de foto)

O **principal mentor político** do novo **presidente boliviano** é o seu colega venezuelano, **Hugo Chávez. Morales imita Chávez** em seu **discurso populista, nacionalista e antiimperialista.** (SD 143, T 4)

Mas as vinculações acontecem também em outros momentos:

Da mesma forma, seu **mais notório pupilo, o boliviano Evo Morales**, não deve ser visto como um Che Guevara indígena. Ele é apenas um **populista habilidoso e totalmente irresponsável.** (SD 162, T 7)

Na Bolívia, ele [Chávez] financiou a carreira de seu **clone, Evo Morales. Rafael Corrêa é grato** pelo petróleo equatoriano que a Venezuela refina a preços camaradas. (SD 158, T 13)

Na edição de 10/05/2006 (T 5), uma foto traz Chávez ao mesmo tempo junto de Fidel Castro e Evo Morales, reforçando as ligações com ambos e a idéia de sucessão e de influência ideológica. Ao lado desta, uma foto de Lula, abatido. É bom ressaltar que as duas fotos foram tiradas em locais e momentos distintos e reunidas por Veja, que cria uma associação visual que não existe diretamente, numa clara estratégia discursiva. A legenda, ao mesmo tempo em que aproxima Lula dos três (ele se considera “da turma”), sugere que esta relação é ruim para o presidente brasileiro, que foi “excluído” do grupo.



Figuras 9 e 10 - Edição nº 1955, de 10/05/2006

Los tres amigos: Chávez, Fidel Castro e Morales reúnem-se em Cuba dois dias antes de o boliviano decretar a nacionalização do gás no país: **Lula, que se considera da turma, foi o último a saber** (SD 163, T 5, legenda das fotos acima)

É essa reiterada associação que permite a Veja publicar a capa de 12/03/2008, apresentando de forma caricatural Hugo Chávez como o líder de uma matilha de cães agressivos, e propor um sentido que poderá ser facilmente compreendido pelos leitores:



Figura 11 - Edição nº 2051, 12/03/2008

Esta capa agrega um outro elemento bastante explorado por Veja para tornar Chávez mais ameaçador: a associação com o terrorismo. Isso se dá não só pela presença da imagem do líder das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC)⁴⁴, como pela manchete:

América Latina – **As feras radicais**: Seu objetivo é evitar a derrota dos **terroristas das Farc** e criar um **clima de guerra no continente** (SD 117, 12/03/2008, chamada de capa)

Ao longo da matéria desta mesma edição, a relação com as FARC ganha vinculação com a suposta luta de Chávez contra a democracia:

Nas sombras, por procuração, **Chávez já se envolveu na luta armada contra o governo democrático do país vizinho. O governo chavista é hoje o principal**

⁴⁴ Cabe lembrar que as FARC, em que pese serem consideradas por Veja, bem como pela Colômbia, pelos Estados Unidos e pela União Européia, como um grupo terrorista, não são assim reconhecidas pelo governo brasileiro e por outros governos sul-americanos, que as tem como um grupo guerrilheiro.

patrocinador político e financeiro das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). (SD 205, T 13)

Chávez identifica na **Colômbia o maior obstáculo a seu plano de expansão da revolução bolivariana**, especialmente na América do Sul. O país é uma **democracia**, usufrui **economia próspera** e se tornou um **aliado-chave dos Estados Unidos**. **O povo apóia majoritariamente o governo** do presidente Álvaro Uribe e o **sistema democrático**. Quer distância do **chavismo** e de outras excentricidades. **A Colômbia é exatamente o contrário de tudo aquilo que Chávez acredita e defende**. O presidente da Venezuela sabe que, **enquanto as FARC mantiverem a campanha de terror**, não apenas o presidente Uribe mas a própria Colômbia estarão impedidos de exercer um papel de liderança na região. (SD 92, T 13)

As FARC não são o único grupo que Veja vincula a Chávez para reforçar o caráter ditatorial que atribui a este. O Movimento Sem-Terra brasileiro (MST) também aparece junto a Chávez e, tendo em vista o tratamento dispensado pela revista a este grupo⁴⁵, já há longo tempo, reforça a idéia de não-democracia. Esta vinculação por vezes se dá de forma sutil, como em imagens da Venezuela que remetem a uma situação similar brasileira de ocupação de terras, com a respectiva legenda:



Figuras 12 e 13 – Edição nº 1935, de 14/12/2005

INVASÃO GARANTIDA PELO GOVERNO: A fazenda de Alfonso Puche, de 32 anos (à esq.) foi invadida em julho por um **grupo de 230 sem-terra** com apoio do governador do Estado, aliado de Chávez. Puche apresentou documentos de 1832 provando a propriedade das terras no estado de Yaracuy. **Quatro juízes que lhe deram ganho de causa foram demitidos pelo governo chavista**. "Tivemos cursos de técnicas agrícolas durante um ano, antes de sermos chamados para 'independentizar' essas terras", diz Javier Duran, de 24 anos (de boné azul), presidente da cooperativa que ocupa a fazenda de Alfonso. "Estávamos desempregados e o governo baixou um decreto para podermos ficar aqui." (SD 125, T 3)

Outras vezes, a referência é mais explícita, como num infográfico publicado em 04/05/2005, que traz, além do MST, outras relações “ameaçadoras” de Chávez, como os já citados Fidel Castro, Evo Morales e FARC, ou em um conjunto de fotos,

⁴⁵ A título de exemplo, citamos as matérias “A lei, ora a lei...” (Veja, edição 2010, 30/05/2007), e “O que eles querem” (Veja, edição 1549, 03/0/1998)

dentre as quais vê-se o presidente venezuelano conversando com o líder do MST João Pedro Stédile:



Figura 14 – Edição nº 1903, de 04/05/2005



Figuras 15, 16 e 17 - Edição nº 1903, de 04/05/2005

OS AMIGOS DO CORONEL: Com o ditador **Muammar Kadafi**, em visita à Líbia, no ano passado (acima, à esq.). **Chávez com o líder do MST João Pedro Stédile**, em janeiro, em um assentamento no Rio Grande do Sul (acima). **O venezuelano elogia a estratégia de invasão de terras** do grupo. Em 2000, Chávez foi o primeiro chefe de Estado a visitar **Saddam Hussein** desde 1991 (à esq.) (SD 122, T 2, legenda do conjunto de três fotos acima)

Este último conjunto de fotos traz outras associações, agora já extrapolando as fronteiras americanas. Sempre trabalhando a idéia de ditadura e repressão, a revista aproxima Chávez de outras figuras internacionais que gozam de uma simbologia consolidada e negativa junto ao seu público, como Kadafi, Saddam Hussein, Josef Stálin e Leon Trotsky, ou a suas ações e práticas políticas.



Figura 18 - Edição nº 1747, de 17/04/2002

Em aberto desafio aos Estados Unidos, o presidente visitou o **ditador Saddam Hussein** em Bagdá, a quem propôs aumentar o preço do petróleo (SD120, T 1, legenda da foto acima)

Josef Stalin fazia o mesmo que Chávez. Era um pouco mais difícil, sem computador. Mas o objetivo era o mesmo. (SD 142, T 3)

O perigo do **narcisismo aliado ao autoritarismo** é o de Chávez atribuir-se tarefas quase divinas, como a de formar um "novo homem" inspirado em si próprio. "Nesse ponto, Chávez se parece muito com o **paraguaio Francia**, que chegou a proibir o casamento das jovens brancas com descendentes de espanhóis porque queria criar uma nação mestiça", disse a VEJA o cientista político americano Paul Sondrol, especialista em ditaduras latino-americanas da Universidade do Colorado. **A Revolução Russa tinha ambições similares**, como escreveu **Leon Trotsky** em 1916: "Produzir uma versão melhorada do homem, essa é a tarefa futura do comunismo". A tentativa soviética de **extirpar do novo homem** tudo o que fosse **humano e natural** resultou, como era de esperar, no **fim do comunismo** e na sobrevivência do que é **humano e natural**. (SD 154, T 9)

Esta última SD é bastante emblemática, pois Veja interpreta um trecho escrito por Trotsky em relação ao comunismo, atribuindo a este regime um caráter desumano e contrário à natureza, e estende esta interpretação a Hugo Chávez,. Assim, não é de se estranhar que Veja compare o presidente venezuelano também a uma das figuras mais execradas da história da humanidade, Adolf Hitler. A primeira referência é relativamente discreta, ainda que apareça em uma capa. A imagem traz um boneco de Chávez, com farda militar e boina vermelha, projetando uma sombra com a forma da silhueta de Fidel Castro. O detalhe sutil é a posição do boneco, que tem um braço erguido à semelhança da saudação nazista.

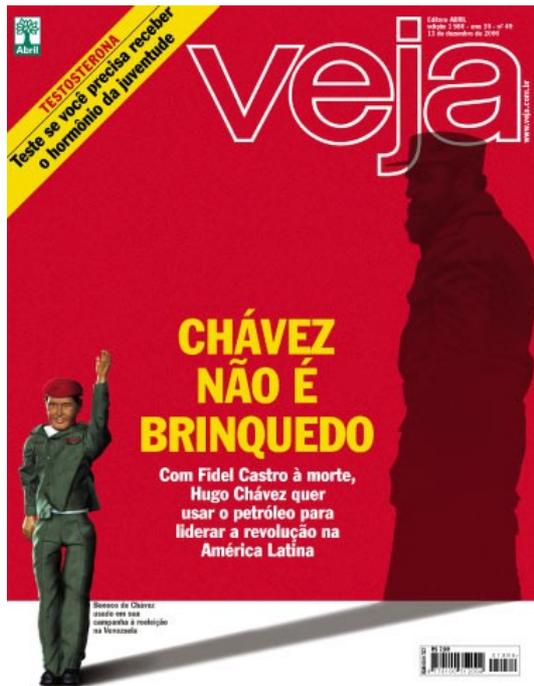


Figura 19 - Edição nº 1986, 13/12/2006

Muito mais evidente é o infográfico veiculado em 07/11/2007, que estabelece supostas semelhanças entre Chávez, Hitler e Benito Mussolini. Além do infográfico propriamente dito, sob o título “A falsa democracia”, há uma montagem com a sobreposição das imagens destes três personagens.

A FALSA DEMOCRACIA

Há semelhanças entre as trajetórias de Hugo Chávez, Adolf Hitler e Benito Mussolini. Os três aproveitaram-se de mecanismos democráticos para destruir as liberdades

CHEGADA AO PODER POR VIAS LEGAIS Hugo Chávez foi escolhido em eleições democráticas em 1999. O partido nazista teve um terço dos votos em 1933. À frente de sua milícia, Mussolini impôs sua nomeação como primeiro-ministro	GOVERNO POR DECRETO Chávez, Hitler e Mussolini arrancaram do Parlamento a autorização para governar sem o Parlamento	PLEBISCITOS E REFERENDOS O ditador nazista e o coronel venezuelano consolidaram o poder com consultas diretas à população	MILÍCIAS ARMADAS Hitler e Mussolini institucionalizaram suas milícias depois de tomar o poder. Chávez só agora está criando sua própria tropa de choque	EXPURGO DO JUDICIÁRIO Hitler, Mussolini e Chávez expurgaram o Judiciário e nomearam juízes afinados com a ideologia oficial	CONTROLE IDEOLÓGICO DA EDUCAÇÃO Na tentativa de criar um “homem novo”, fiel à ideologia do regime, os três investiram pesado na lavagem cerebral da juventude	EQUIPARAÇÃO DE SEUS OPOSITORES A INIMIGOS DA PÁTRIA Na Alemanha nazista e na Itália fascista, a divergência de idéias podia ser punida com a morte. Na Venezuela, por enquanto, rende perseguição e ameaças de morte
A CONSEQUÊNCIA Para todos eles, isso foi a etapa inicial da ditadura	A CONSEQUÊNCIA Em termos concretos, a concessão de tal poder significa o fim do regime democrático	A CONSEQUÊNCIA O artifício permite acumular poder à revelia dos mecanismos republicanos, como o Congresso	A CONSEQUÊNCIA Uma milícia que só obedece ao ditador é ótima para perseguir opositores e submeter o braço armado do estado, como o Exército e a polícia	A CONSEQUÊNCIA Um Judiciário servil torna-se um mecanismo aparentemente legal para cercar a liberdade	A CONSEQUÊNCIA A tentativa de mudar a natureza humana e criar um indivíduo sem vontade própria foi, felizmente, um fracasso em todas as ditaduras	A CONSEQUÊNCIA O ditador tira dois proveitos dessa estratégia: livra-se dos opositores e passa a idéia de que ele e a pátria são a mesma coisa

Figura 20 - Edição nº 2033, de 07/11/2007

Há ainda outras referências significativas:

O uso da **democracia para destruir a democracia** não é original. **Adolf Hitler** era líder de uma bancada parlamentar eleita com 33% dos votos quando foi escolhido chanceler da Alemanha. Um ano depois, ele acumulou o posto de presidente, deixado vago pela morte do marechal Hindenburg, obtendo para isso a **aprovação dos alemães em plebiscito**. Nos anos seguintes, fechou os sindicatos, calou a imprensa livre e suprimiu, pela violência diária, os demais partidos. (SD 140, T 3)

Há **semelhanças entre a trajetória de Hitler e a de Chávez**. Sobretudo num aspecto: como ocorreu com Hitler nos primeiros anos, a **comunidade internacional** não está dando a devida atenção à forma sistemática com que **Chávez vem corroendo a liberdade na Venezuela**. (SD 141, T 3)

4.6. A Ameaça (FD 4)

Toda a construção discursiva de Veja acerca de Hugo Chávez não teria muito sentido se as críticas permanecessem centradas na Venezuela e nas suas relações com os Estados Unidos, Cuba, Colômbia e Bolívia. É necessário estabelecer uma ligação com o Brasil, onde a revista Veja é produzida, por onde circula majoritariamente e no qual tem interesse em exercer sua influência. Assim, há um movimento de Veja no sentido de relacionar o líder venezuelano com o Brasil. O sentido delineado pela revista é o de que Chávez representa uma ameaça, ora latente, ora evidente, que extrapola as fronteiras de seu país e atinge outras partes da América Latina, incluindo a nação brasileira.

Um dos riscos mais ressaltados nas páginas de Veja é o de que Chávez pode ser o pivô de uma guerra no continente, ou que estimule outros países a deflagrarem um conflito bélico por conta de sua influência. A primeira etapa desta construção é chamar a atenção para uma “corrida armamentista” venezuelana, que estaria montando um grande aparato beligerante, e para a tentativa de expansão da influência sobre outros países latino-americanos, respaldada pelo dinheiro do petróleo.



Figuras 21 e 22 - Edição nº 1903, de 04/05/2005

A guarda de Chávez: O presidente venezuelano passa em revista a tropa de **30.000 voluntários da milícia** que iniciou treinamento no mês passado (à dir.): **força armada popular contra qual inimigo?** (SD 173, T 2, legenda das fotos acima)

Uma das **preocupações americanas** decorre de compras de **armas em quantidade muito acima do que seria razoável** num país cujo Exército tem apenas 35.000 homens. [...] **fuzis AK-47**, como os comprados pela Venezuela, são o **armamento-padrão da narcoguerrilha colombiana e de guerrilheiros em geral**. (SD 182, T 2)

A petropolítica de Chávez: O presidente Hugo Chávez usa seus **petrodólares e barris de petróleo** para **aumentar sua influência e pavimentar o caminho para o bolivarianismo na América Latina** (SD 187, T 3, título de infográfico)

O infográfico do qual a SD acima é título retoma, com grande similaridade, as ações descritas no infográfico publicado em 04/05/2005, “A geopolítica de Chávez”, que reproduzimos no item 5 do capítulo 3. As alusões ao armamentismo e à influência prosseguem:



Figura 23 – Edição nº 2036, de 28/11/2005



Figura 24 - Edição nº 2051, de 12/03/2008

Em pé de guerra: Tropas do Equador marcham para a fronteira com a Colômbia: reação exagerada, instigada por Hugo Chávez (SD 177, T 13, legenda da foto acima)

A edição de 28/11/2007 aproxima o propalado armamentismo de Chávez do Brasil. A matéria principal, “Em que os militares miram”, traz uma série de informações sobre as forças armadas brasileiras: seus conflitos, problemas, interesses e preocupações. A pesquisa que serviu de base à reportagem foi feita pela CNT/Sensus, em parceria com a Veja. É evidente, portanto, que a revista participou da seleção dos temas abordados na pesquisa. Não surpreende, dessa forma, que um dos assuntos principais seja a opinião dos militares brasileiros sobre Chávez, o que é expresso já na chamada de capa:



Figura 25 - Edição nº 2036, 28/11/2007

Pesquisa inédita Veja-Sensus - radiografia dos militares: o que eles pensam sobre o...

...**sucateamento do arsenal**

...**populismo na América Latina**

...**armamentismo de Hugo Chávez**

...combate ao crime nas ruas (SD 168, 28/11/2007, chamada de capa)

Chama a atenção, ainda, que dos quatro temas citados na capa, três possam ser relacionados ao presidente venezuelano. Além do armamentismo, o sucateamento do arsenal brasileiro (que seria um motivo de preocupação, diante do fortalecimento da Venezuela) e o populismo na América Latina (constantemente associado por Veja a Hugo Chávez, como já referimos). A matéria segue pelo mesmo caminho:

Em que os militares miram: Com o caos aéreo e a **corrida armamentista da Venezuela**, militares brasileiros voltaram ao centro da atenção do país. VEJA faz uma radiografia das Forças Armadas e traz dados da primeira pesquisa da história com os homens de farda, mostrando o que eles querem e o que pensam. (SD 170, T 10)

Ouvido com a condição de manter o anonimato, o comandante de uma das Armas diz o seguinte: "**A situação na América do Sul é alarmante. Chávez está armando a Venezuela e planeja armar a Bolívia** de Evo Morales. O Chile tem aumentado o orçamento militar e aplica o treinamento mais intensivo e eficiente da região. **Se Chávez construir uma rede de apoios** com países mais ao sul e bases para sua Força Aérea, **será uma ameaça grave. O Brasil não pode pensar que não há ameaça**. Vivemos tempos de paz, mas **essa paz pode não ser tão duradoura**". (SD 201, T 10)

Os dados numéricos trazidos pela reportagem contradizem a idéia de que a Venezuela é o país mais ameaçador da América Latina. O país não é o que mais investe no exército (em termos de percentual do PIB, ocupa apenas a 6ª colocação na América do Sul, atrás inclusive do Brasil) e está longe do primeiro posto na relação entre o número de militares e de habitantes (5º lugar nas Américas), como mostra o infográfico "O mapa dos fardados". No entanto, o teor do texto conduz para outras conclusões, e chega a sugerir que o Brasil deve temer a perda da supremacia militar na América do Sul, inclusive alertando para uma falta de noção da gravidade da situação por parte da população brasileira.

O MAPA DOS FARDADOS

Os militares reclamam — com razão — dos salários baixos e dos equipamentos sucateados, que ameaçam a supremacia brasileira na América do Sul, mas eles próprios montaram uma força mal distribuída, magra na base e gorda na cúpula

O CERCO AOS MILITARES



* Parcela prevista no Orçamento. Até 21 de novembro passado, o governo gastara efetivamente apenas 2,1% do Orçamento

AERONÁUTICA
88% dos aviões têm mais de quinze anos de uso e apenas 37% deles podem combater

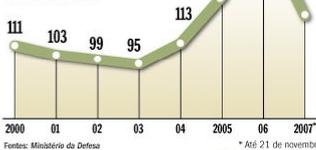
Uma força operacional deve ter pelo menos:
50% dos aviões com menos de dez anos de uso e 50% dos aviões em condições de combate

MARINHA
Dos 21 navios de guerra, apenas 10 estão em operação. Só dois dos cinco submarinos estão operacionais

EXÉRCITO
Todas as nove baterias anti-aéreas do país estão fora de combate. Os tanques M11 são do tempo da Guerra da Coreia (1950-1953), inúteis em uma guerra moderna

O AUTOCERCO DOS MILITARES

EVASÃO CRESCENTE
Nos últimos anos, vem aumentando o número de oficiais das Forças Armadas que decidem abandonar a farda



Fontes: Ministério da Defesa e gabinete do deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ)

GORDURA NA CÚPULA
Apesar de um efetivo reduzido e mal distribuído pelo país, o Exército tem generais em excesso — mais do que países em guerra — em relação ao efetivo de militares



Fonte: Military Power Review



O CERCO AO BRASIL

PERDENDO PARA OS VIZINHOS

Nos últimos anos, o Brasil perdeu posições de liderança e passou a ocupar o último pelotão entre os sul-americanos que mais investem nas Forças Armadas (em porcentual do PIB)

	1999-2000	2005-2006
Equador	2,9	3,7
Chile	3,7	3,5
Colômbia	3,2	3,3
Bolívia	1,6	2,2
BRASIL	3,2	1,8
Venezuela	1,5	1,7
Argentina	1,8	1,1

Fonte: The Military Balance, com dados da ONU

AMEAÇA À SUPREMACIA

O Brasil ainda mantém a liderança militar na América do Sul, mas está perdendo pontos*

	2004-2005	2006-2007
BRASIL	653	630
Peru	423	449
Chile	387	419
Argentina	419	402
Venezuela	282	316
Colômbia	314	303
Equador	254	244

* Os pontos são atribuídos conforme a quantidade e a qualidade de equipamentos militares e o tamanho do contingente militar

Fonte: Military Power Review

FALTANDO GENTE

Com 290 000 homens, o Brasil tem hoje o 15º maior efetivo militar do mundo em números absolutos. Nas Américas, perde apenas para os Estados Unidos, com 1,4 milhão de homens. Em termos proporcionais, no entanto, a situação é bem diferente (número de militares por grupo de 1 milhão de habitantes)

Chile	5 500
EUA	4 800
Cuba	4 000
Colômbia	3 600
Venezuela	2 350
México	1 900
Argentina	1 850
BRASIL	1 650

Figura 26 - Edição nº 2036, de 28/11/2007

O fantasma da corrida armamentista foi exorcizado na América do Sul depois da onda de democratização dos anos 80, mas seu espectro está de volta à região, e o motivo é um só: a Venezuela de Hugo Chávez. Com o sexto maior Exército do subcontinente, o país está se armando até os dentes. (SD 197, T 10)

A manobra de Chávez [compra de armamentos modernos em grande quantidade], que reivindica uma fatia robusta do território da Guiana, já provocou alarme do ex-presidente José Sarney, para quem o ditador venezuelano está querendo criar "uma potência militar". O próprio comandante do Exército brasileiro, general Enzo Peri, numa referência velada à escalada de Caracas, disse recentemente que o Brasil precisa se preocupar com sua "capacidade de dissuasão". (SD 198, T 10)

Tais temores ainda não repercutem entre a população em geral. A pesquisa do Sensus realizada em parceria com VEJA mostra que 57,9% dos brasileiros não acreditam na possibilidade de um conflito armado com os vizinhos e 46,5% não acham que os governos populistas de Venezuela, Bolívia e Equador representem ameaça ao país. Os militares estão mais alarmados. A preocupação com vizinhos, em especial a Venezuela, pode ser mero pretexto dos militares para valorizar seu papel ou faz sentido mesmo fora da caserna? É certo que, neste momento, o Brasil detém a supremacia militar na região, como acontece desde a Independência, em 1822, mas é crescente o risco de perdê-la. (SD 199, T 10)

Além do risco bélico que Veja atribui a Chávez, são constantes as referências ao risco que ele representa para a própria democracia no continente:

Por três razões principais, **Chávez hoje representa perigo para a democracia e ameaça à estabilidade na América Latina**. A primeira é que, claramente, ele não se contenta em infernizar a vida do próprio venezuelano e **começa a lançar pseudópodes** por toda uma **crecente área de influência no continente americano**. Segundo, porque tem a mover seu **expansionismo o dinheiro fácil dos petrodólares** oriundos da riqueza do subsolo venezuelano. Terceiro, mas não menos preocupante, **Chávez está semeando insurreição e instabilidade** em países que, embora nominalmente democráticos, ainda lutam para solidificar suas instituições políticas e jurídicas e suas bases econômicas de progresso material. A combinação das três razões acima faz de **Chávez um risco novo e grande no horizonte da sofrida América Latina**. (SD 180, T 2)

A esquerda radical da América Latina, liderada por Chávez, sonha usar essa organização [FARC], cuja especialidade são os seqüestros e o narcotráfico, para **criar um clima de guerra que cause a desestabilização dos governos democráticos do continente**. (SD 164, T 13)

O alerta da revista em relação à ameaça que a Venezuela representa para a liderança brasileira na América do Sul não fica restrita à questão militar. Também no campo político Chávez é apontado como um inimigo a ser combatido. Ao mesmo tempo, Veja critica Lula pelo seu despreparo e alerta para os prejuízos que o líder venezuelano traz para o Brasil, seja em termos de imagem internacional, seja financeiramente. A capa e a chamada da edição de 10/05/2006 são bons exemplos:



Figura 27 - Edição nº 1955, 10/05/2006

O ataque à Petrobrás – Essa Doe: **Lula** dormiu como o “**grande guia**” da **América Latina** e acordou como mais um **bobó da corte do venezuelano Hugo Chávez**, que tramou o **roubo do patrimônio brasileiro** na Bolívia (SD 166, 10/05/2006, chamada de capa)

Mas esta vertente do discurso de Veja perpassa também outros momentos:

A seqüência de governantes derrubados pela multidão nas ruas e o **governo caótico do presidente-coronel da Venezuela** são mais um papelão daqueles que reforçam a imagem da **América Latina como uma região instável e pouco séria**. [...] Dos grandes países latino-americanos, só o México, atrelado aos Estados Unidos por um acordo de comércio, e o Brasil são estáveis do ponto de vista político e econômico. Com uma **vizinhança tão encrocada**, o **esforço do Brasil para se provar um país estável** aos olhos dos investidores estrangeiros e criar barreiras contra o estigma **terá que ser redobrado**. (SD 178, T 1)

Ao mesmo tempo em que alerta para os riscos que Chávez representa, Veja ressalta a admiração da esquerda pelo venezuelano, aproveitando para tecer críticas fortes a ambos.

Muito do clima de **instabilidade se deve ao esquerdismo folclórico de Chávez**. [...] Suas **bravatas esquerdistas chegaram a encantar setores da esquerda brasileira**. Na Venezuela, o discurso soava mal. (SD 179, T 1)

Não é surpresa que **Chávez fascine tantos esquerdistas**, que o vêem como uma novidade saudável na política latino-americana. **Fazer avaliações desastrosas e seguir qualquer um que antagonize os Estados Unidos está no DNA dos militantes de esquerda**. (SD 184, T 2)

Se o que acontecerá em Cuba daqui em diante interessa, basicamente, apenas aos cubanos, **os rumos políticos da Venezuela trazem risco para toda a região**. A partir desse momento, **a esquerda revolucionária, órfã de pai e mãe, só pode se voltar para Chávez**. (SD 193, T 7)

A vinculação com o Partido dos Trabalhadores brasileiro (PT) e com Lula nem sempre é direta, mas fica evidente no discurso, que costuma lembrar a “impropriedade” da companhia. A capa de 28/12/2005 estabelece uma tênue, porém eficiente associação por meio de uma montagem de imagens:

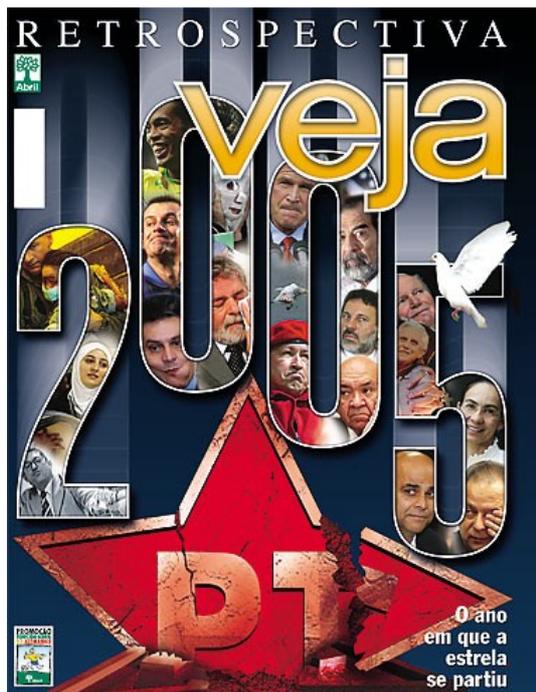


Figura 28 - Edição nº 1937, de 28/12/2005

Em um ano marcado por crises políticas e CPIs relacionados ao governo Lula, Chávez aparece ao lado do presidente brasileiro, “despencando” sobre a estrela símbolo do PT, ao lado de outros personagens associados aos escândalos petistas no imaginário brasileiro, como Roberto Jefferson, José Dirceu, Delúbio Soares, Marcos Valério e Severino Cavalcanti.

Na edição de 12/03/2008, logo após a matéria “Por que Chávez quer a guerra”, que vincula diretamente o presidente venezuelano às FARC, há outra sob o título “O lado B da diplomacia”, em que Veja critica a participação de Lula num foro que conta com as presenças de Chávez e das FARC e ressalta a existência de “esquerdistas radicais” na base de apoio de Lula. Além disso, destaca a ideologia adepta do autoritarismo do foro e mostra um infográfico que sugere sua influência sobre o posicionamento brasileiro na política internacional.

Ao deixar Marco Aurélio morder em público, enquanto assopra nos bastidores, **Lula exercita seu conhecido estilo ambíguo: age pragmaticamente com correção, mas não deixa de fazer umas embaixadinhas para a platéia.** Nesse caso, uma **platéia nacionalista, castrista, chavista e simpática à narcoguerrilha**, que tanto o presidente quanto Marco Aurélio conhecem muito bem. (SD 207, T 14)

Em 1990, inspirados por Fidel Castro, Lula, então presidente do PT, e seu hoje assessor especial fundaram o **Foro de São Paulo**, grupo que **reúne partidos e organizações latino-americanos de esquerda em torno de três ideologias: o**

antiamericanismo, o nacionalismo de cunho autoritário e a solidariedade à Cuba castrista. (SD 208, T 14)

<p>SERIAM APENAS COINCIDÊNCIAS?</p> <p>No caso do conflito entre Colômbia e Equador na semana passada, Lula e o governo tiveram atitudes soberanas, tomadas de acordo com a tradição da diplomacia brasileira e com os interesses nacionais. Mas nem sempre é assim. Outras posições do governo sugerem graus variados de influência negativa dos radicais do Foro de São Paulo</p>	<p>QUESTÃO DO QUE SE TRATA</p> <p>TROCA DE PRISIONEIRO ENTRE A COLÔMBIA E AS FARC</p> <p>Proposta de libertar alguns dos mais de 700 sequestrados pelas Farc em troca de integrantes da organização terrorista presos na Colômbia</p>	<p>PLANO COLÔMBIA</p> <p>Projeto americano de 4,5 bilhões de dólares destinado a ajudar a Colômbia a combater o narcotráfico</p>	<p>APOIO ÀS FARC</p> <p>Desde que assumiu a Presidência da Colômbia, em 2002, Álvaro Uribe pede aos países da América Latina que reconheçam as Farc como uma organização terrorista</p>	<p>RETIRADA DAS TROPAS DO HAITI</p> <p>Desde 2004, o Brasil lidera uma missão de paz da ONU, hoje com 1.300 soldados, com o objetivo de ajudar a estabilizar o Haiti</p>
<p>POSIÇÃO DO FORO</p> <p>Condiciona a troca de prisioneiros à criação de uma zona desmilitarizada no oeste colombiano e condena o resgate "por via militar" dos sequestrados pelas Farc</p>	<p>POSIÇÃO ADOTADA PELO GOVERNO BRASILEIRO</p> <p>Apóia a criação de uma zona desmilitarizada, defende a troca de prisioneiros e condena o resgate "por via militar" dos sequestrados pelas Farc</p>	<p>POSIÇÃO DO FORO</p> <p>É contra. Considera a iniciativa uma ingerência dos Estados Unidos, cujo real intuito seria exterminar as Farc</p>	<p>POSIÇÃO DO FORO</p> <p>Não só admite as Farc como um de seus membros como não as considera um grupo terrorista, mas "guerrilheiro"</p>	<p>POSIÇÃO DO FORO</p> <p>Pela retirada das tropas</p>
<p>GRAU DE ADESÃO AO FORO</p>	<p>Total</p>	<p>Total</p>	<p>Médio</p>	<p>Zero</p>

Figura 29 - Edição nº 2051, de 12/03/2008

Ao estabelecer vínculos de Lula com Chávez e destacar a ambigüidade entre o discurso e a *práxis* política do brasileiro, Veja procura exercer aquilo que entende ser sua missão: apontar o caminho da correção para a política brasileira, ou seja, distante do presidente venezuelano. Faz isso ora apontando o equívoco da proximidade, ora elogiando o comportamento de Lula, que se afasta ou mantém Chávez sob vigilância, ora alertando-o para não “passar dos limites”.

Nos primeiros momentos o governo **Lula trocou juras de amor eterno com Chávez**, a quem tratava como **membro da mesma confraria de presidentes esquerdistas**. As relações esfriaram bastante. **Hoje não são hostis**, mas as **ações de Chávez são atualmente a maior fonte de irritação do presidente Lula no campo externo**. (SD 183, T 2)

Até agora, sempre que defronta com uma situação-limite na América Latina, como a crise da semana passada, **Lula tem feito a coisa certa e falado (além de deixar falar) tolices inspiradas pelos documentos do tal Foro de São Paulo**. Ainda bem que a ação é mais forte que a palavra. **Ao agir com sabedoria e comedimento, Lula contribui, talvez até sem querer, para distanciar ainda mais sua imagem da de Hugo Chávez, o fanfarrão venezuelano**. (SD 211, T 14)

5. Conclusão

Ao realizarmos a análise do *corpus*, à luz do que construímos ao longo de toda a pesquisa, vimos confirmada a nossa hipótese inicial. Hugo Chávez aparece nas páginas da revista *Veja* de forma sempre negativa. A primeira pista para esta constatação foi explicitada no *corpus*, que trouxe o presidente da Venezuela sempre em situações negativas. Não há nenhuma matéria destacando um acerto, uma boa medida ou qualquer outra manifestação positiva. Nota-se, pelo contrário, um esforço para trazê-lo à pauta sob enfoques depreciativos, sendo a matéria “Em que os militares miram” (edição nº 2036, de 28/11/2007) um bom exemplo disto. Fica patente o movimento de planificação de *Veja*, que elimina o caráter complexo do presidente da Venezuela. O posicionamento desfavorável omite parte do contexto em que se desenrolam os acontecimentos relativos a Chávez, caracterizando a postura ideológica da revista em relação a ele.

Entrando de maneira mais específica nos objetivos desta monografia, percebemos claras marcas discursivas no sentido de apresentar Hugo Chávez como um ditador. Procuramos identificar que sentidos estariam mais claramente presentes nestas marcas, e acabamos por classificá-las em quatro grandes formações discursivas, que se articulam para construir uma imagem não-democrática e ameaçadora: 1) o Autoritário; 2) o Caudilho Populista; 3) o Clone; e 4) a Ameaça.

A primeira FD, a mais abrangente, reuniu uma série de indicadores, especialmente textuais, que remetiam ao que *Veja* identifica como características autoritárias do presidente venezuelano. Incluem-se nesta região de sentidos, por exemplo, as idéias de destruição da democracia, supressão de direitos, repressão e perseguição política, destruição das instituições, centralização de poder e controle sobre os demais poderes da Venezuela. A omissão também aparece com clareza nesta FD, em

especial nas referências à tentativa de golpe de Estado contra Chávez em 2002, jamais tratada assim por Veja, em oposição às reiteradas referências, todas categoricamente nominadas, à tentativa de golpe do qual Chávez tomou parte em 1994.

A segunda FD atua diretamente sobre a imagem que se tem dos governos autoritários sul-americanos, muitas vezes associada ao caudilhismo e ao populismo. Veja se utiliza deste campo simbólico historicamente construído e agrega-o ao líder venezuelano, conferindo-lhe ao mesmo tempo um caráter antidemocrático e anacrônico. Associa ainda estes regimes à esquerda, ao nacionalismo, ao assistencialismo e outros movimentos em relação aos quais marca sua oposição.

Em “o Clone” temos uma das construções mais interessantes. A revista aproveita-se de personalidades, regimes e movimentos políticos em relação às quais já há uma imagem formada e majoritariamente negativa junto à opinião pública e trata de estabelecer paralelos entre estes e Hugo Chávez. São comuns as associações com Fidel Castro, Hitler, e Saddam Hussein, por exemplo, e ao nazismo e terrorismo. Outro movimento é o de construir uma rede de influências de Chávez com outros líderes, de forma a abrir novos flancos para críticas. Nesta FD, destaca-se o uso de imagens, como fotografias, montagens e grafismos, aproveitando-se do fato de as personalidades escolhidas para as comparações serem figuras facilmente identificáveis.

Por fim, a última FD trata do estabelecimento de uma ligação mais estreita de Chávez com o Brasil, justificando o grande interesse de Veja. Nela o presidente venezuelano é apresentado como uma ameaça à democracia para além das fronteiras de seu país, representando riscos também à estabilidade econômica, à credibilidade e à paz na América do Sul. Os riscos à liderança continental do Brasil também são ressaltados. Este movimento traz ainda as recomendações de Veja à “correta” condução da política nacional, ao alertar para eventuais pontos convergentes e destacar positivamente os momentos de distinção entre Lula e Chávez, Brasil e Venezuela.

A presente análise, ao mesmo tempo em que deixa evidente a intenção da revista Veja em apresentar Chávez como um ditador, permite entrever outras intenções para tanto interesse e contundência de posicionamentos em relação ao presidente venezuelano. Ao “demonizar” Chávez como o ditador beligerante da Venezuela, a revista não deixa dúvidas quanto à necessidade de que qualquer um que se pretenda democrático e responsável permaneça afastado dele e de suas práticas políticas. Ao mesmo tempo em que constrói essa imagem, associa ao presidente venezuelano outras características, como o nacionalismo, a estatização da economia e o assistencialismo,

confundindo muitas vezes tais conceitos com o exercício do poder de uma forma que entende não-democrática. Dessa forma, aproxima tudo aquilo que abomina, no campo econômico, do conceito de ditadura, e contrapõe àquilo que afirma e propõe, como a economia de mercado e a globalização, estes associados à democracia.

No entanto, o estabelecimento de uma linha mais clara entre a imagem de Hugo Chávez como um ditador e a associação deste movimento discursivo com aspectos econômicos fogem dos objetivos do presente trabalho, que entendemos estarem cumpridos pela análise realizada, e demandariam uma pesquisa com novo enfoque dentro deste universo rico de possibilidades representado pelos posicionamentos de Veja em relação ao atual presidente da Venezuela.

Referências:

Analítica.com. Disponível em: www.analitica.com/bitbliblioteca/hchavez/turiamo.asp. Acesso em 26/04/2008.

AUDITORIA confirma vitória de Chávez na Venezuela. Folha on-line. 21/08/2004. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u75842.shtml. Acesso em 26/04/2008.

AUGUSTI, Alexandre. *Jornalismo e comportamento: os valores presentes no discurso da revista Veja*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: <http://www.biblioteca.ufrgs.br/bibliotecadigital/>.

BARTLEY, Kim; O'BRIAIN, Donnacha. *A revolução não será televisionada*. Irlanda: Power Picture, 2003. 1 DVD, 74 minutos.

BENETTI, Marcia. *A ironia como estratégia discursiva da revista Veja*. XVI Encontro Anual da Compós. Anais. CD-ROM. Curitiba: UTP/Compós, 2007.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

CERVO, Amado Luiz. A Venezuela e seus vizinhos. *Revista Cena Internacional*. Ano 3, n. 1, jul. 2001. Disponível em <http://mundorama.net/category/biblioteca/cena-internacional/>. Acesso em 04/06/2008.

CHÁVEZ reconhece derrota em referendo de reforma constitucional. Folha on-line. 03/12/2007. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u350670.shtml. Acesso em 26/04/2008

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul/dez, 1997.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993.

HERNANDES, Nilton. *A revista Veja e o discurso do emprego na globalização: uma análise semiótica*. Salvador: Edufba; Maceió: Edufal, 2004.

JARDIM, Cláudia. Reforma proposta por Chávez foi aprovada, diz boca-de-urna. *Brasil de Fato on-line*, edição de 02/12/2007. Disponível em www.brasildefato.com.br/v01/agencia/especiais/especial-venezuela/referendo-definir-mos-da-revolucao-bolivariana. Acesso em 26/04/2008.

- KUCINSKI, Bernardo. *A síndrome da antena parabólica*. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.
- LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MAROCCO, Beatriz. Dona Maria e os jacarandás. In: LEVACOV, Marília et al. *Tendências na comunicação*. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- MARCANO, Cristina; TYSZKA, Alberto Barrera. *Hugo Chávez sem uniforme: uma história pessoal*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2006.
- MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. As notícias como procedimento intencional. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993.
- NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. *Jornalismo em revista no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete*. São Paulo: Annablume, 2002.
- POSADA, Ana Maria Lalinde. La notícia: construcción de la realidad. In: LEREE, Beatriz Solis (coord.). *Las industrias culturales. Comunicación, identidad e integración latinoamericana II*. México: Opcion, 1992.
- PRADO, José Luiz Aidar. O perfil dos vencedores em Veja. *Revista Fronteiras: estudos midiáticos – UNISINOS*. São Leopoldo, vol. 5, n. 2, dez 2003.
- RAMONET, Ignácio. A conspiração contra Chávez. *Fazendo Media*. Edição de 15/04/2008. Disponível em fazendomedia.com/2008/internacional20080415.htm. Acesso em 24/04/2008.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- THOMPSON, John B. *Teoria Social Crítica na era dos meios de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são*. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2004.
- VEIGA, Marcia. *A parceria entre ONGs e mídia como possibilidade de transformação social*. Trabalho de conclusão de curso de graduação. Canoas: Universidade Luterana do Brasil, 2005.
- VILA-NOVA, Carolina. Nova lei de Chávez provoca auto-censura, dizem TVs. *Observatório da Imprensa*, edição de 14/12/2004. Disponível em www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=307ASP014. Acesso em 27/04/2008.

Anexos

Anexo I
Capas



TRASEIRO PESADO

O Estado paquidérmico é quem produz juros escorchantes



CRUZADA

Um filme revive a luta entre cristãos e muçulmanos



veja

Publicação mensal
criada em 1997 - Ano 18 - nº 18
7 de maio de 2006

www.veja.com.br

QUEM PRECISA DE UM NOVO FIDEL?

Com milícias, censura, intervenção em países vizinhos e briga com os EUA, Hugo Chávez está fazendo da Venezuela uma nova Cuba



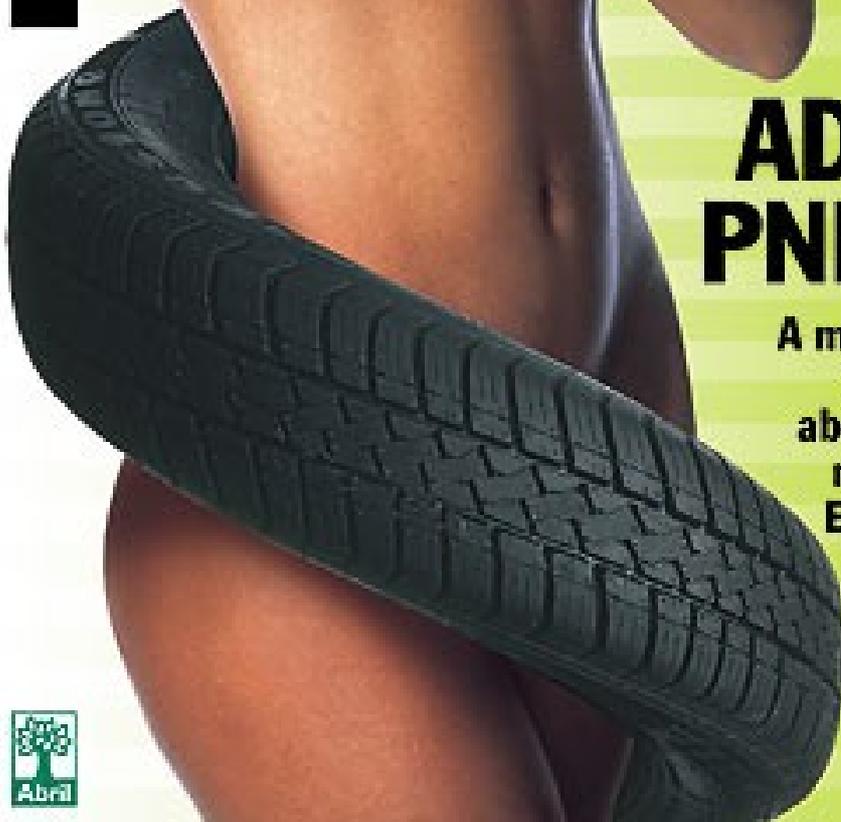


Nossos repórteres na Venezuela contam como Chávez está destruindo a democracia



José Alencar, o vice cara-de-pau e o enroscado das camisetas vendidas ao PT

veja

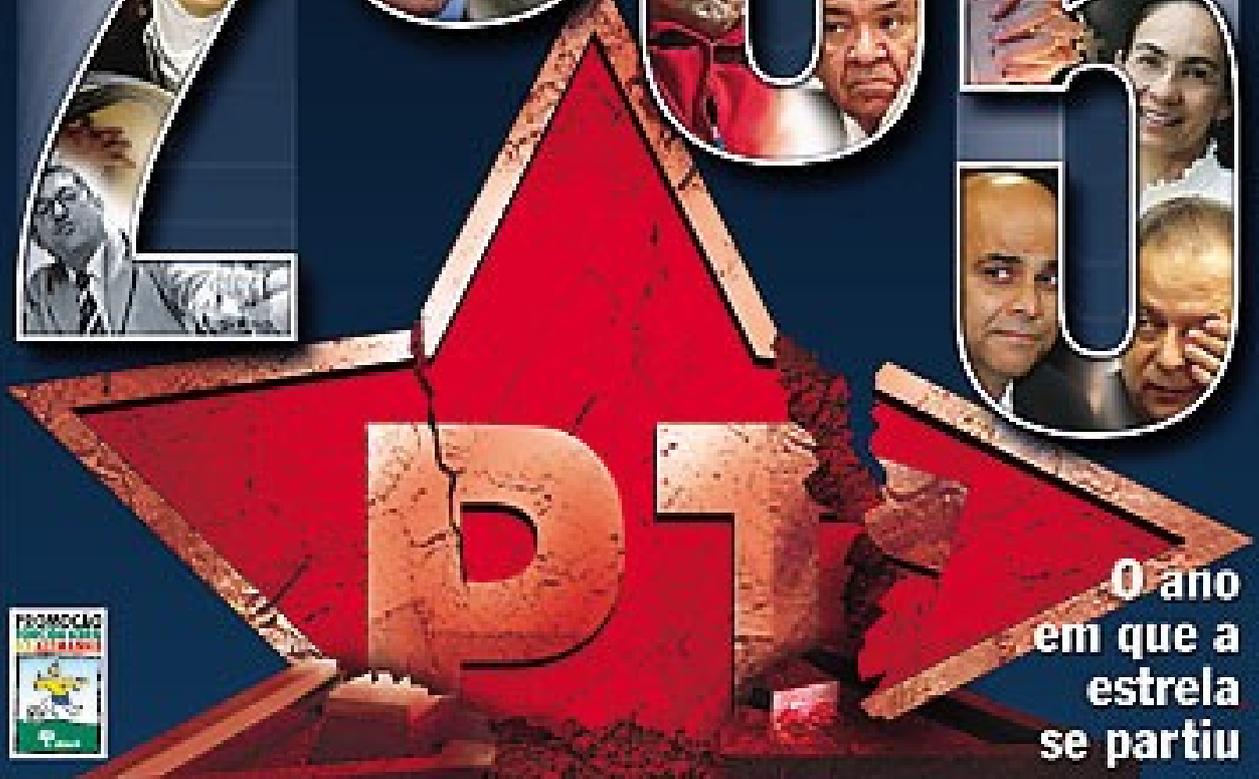
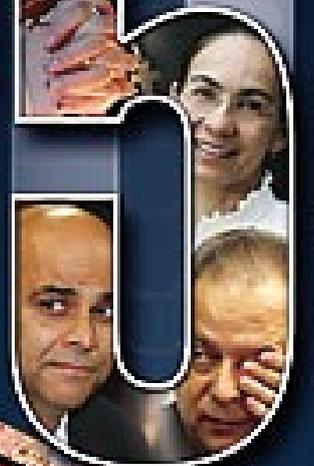
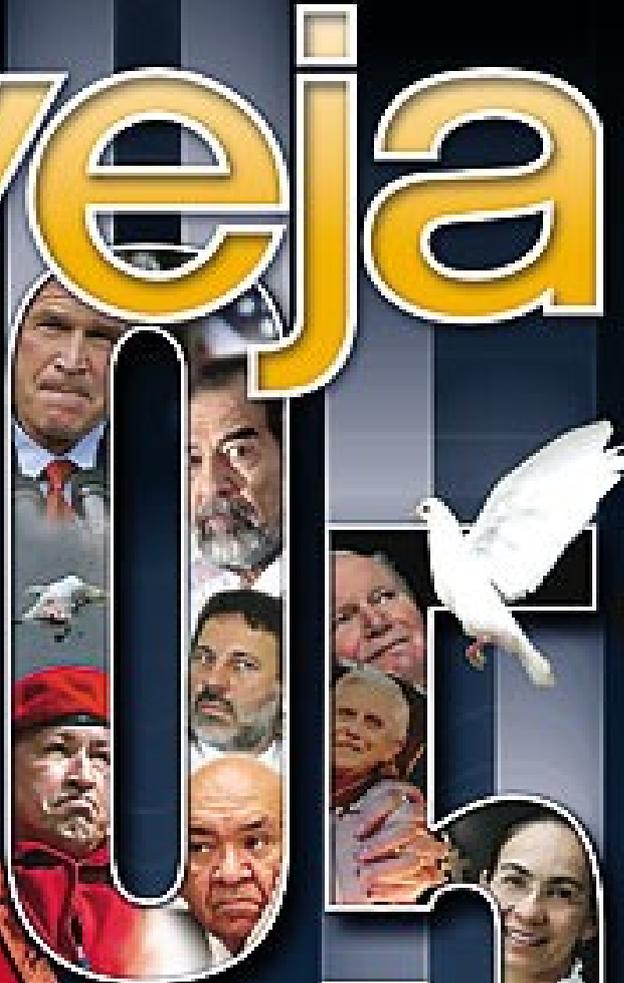


ADEUS AO PNEUZINHO

A medicina descobriu que a gordura abdominal é a mais nociva à saúde. E já encontrou o remédio para eliminá-la



RETROSPECTIVA



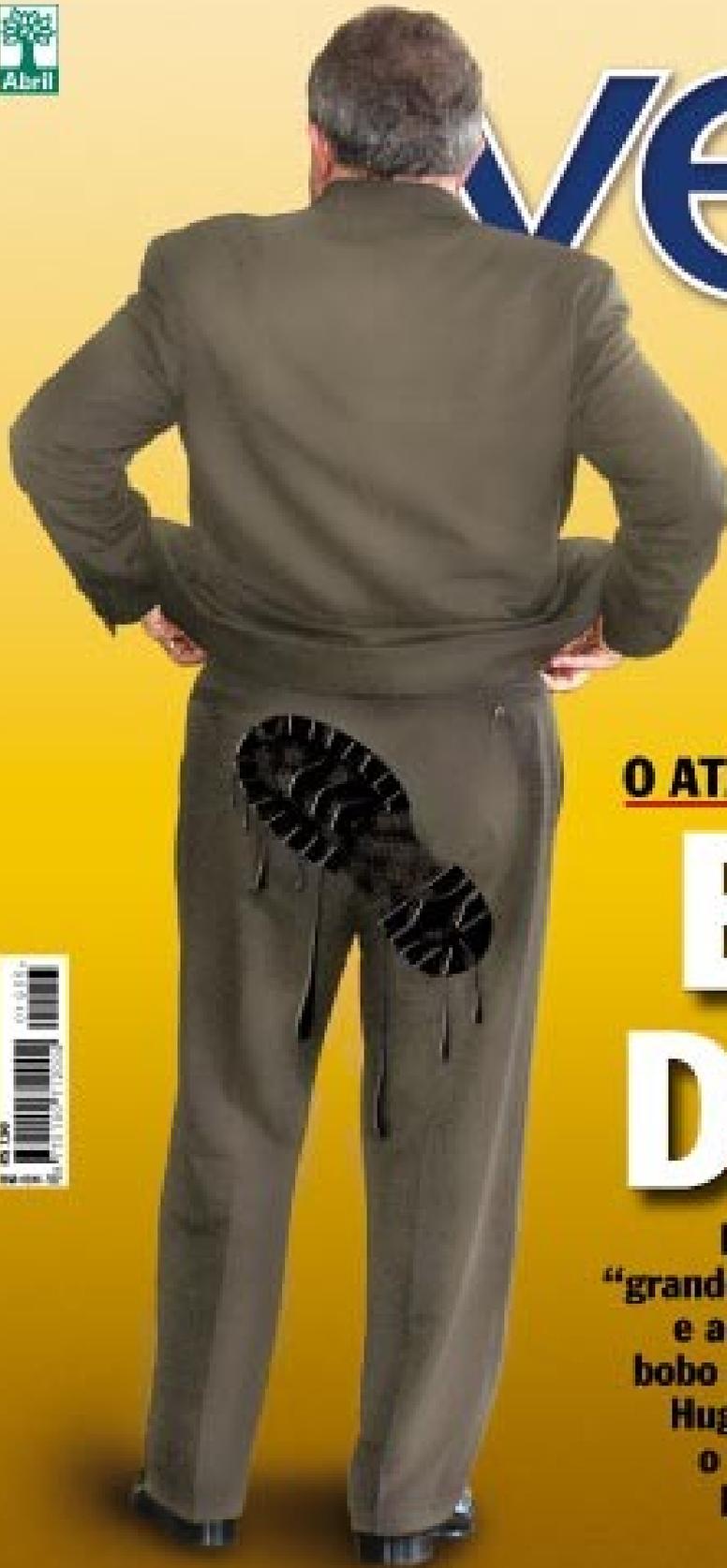
0 ano
em que a
estrela
se partiu



Edição 8891
edição 1.000 - ano 30 - nº 18
10 de maio de 2009

Veja

www.veja.com.br



O ATAQUE À PETROBRAS

ESSA DOEU!

**Lula dormiu como o
“grande guia” da América Latina
e acordou como mais um
bobo da corte do venezuelano
Hugo Chávez, que tramou
o roubo do patrimônio
brasileiro na Bolívia**





TESTOSTERONA
Teste se você precisa receber
o hormônio da juventude

Editora Abril
edição 3 2008 - ano 33 - nº 49
13 de dezembro de 2008

veja

www.veja.com.br

CHÁVEZ NÃO É BRINQUEDO

Com Fidel Castro à morte,
Hugo Chávez quer
usar o petróleo para
liderar a revolução na
América Latina



Boneco de Chávez usado em sua campanha à reeleição na Venezuela





O ASSASSINATO DE IFK
Um tiro nas teorias
conspiratórias



VIDA ARTIFICIAL
As criaturas
biossintéticas

VENEZUELA
A riqueza
dos chavistas



Coluna 4000
Setembro 2012 - ano 40 - nº 23
18 de junho de 2012

veja

www.veja.com.br

RENANGATE

AS REVELAÇÕES DE

MÔNICA VELOSO

**“Os advogados
de Renan apareceram
com duas sacolas
de dinheiro”**

■ **A intimidade do lobista
com as finanças de Renan**





Edição 800L
número 2402 - ano 43 - nº 04
7 de novembro de 2007

veja

www.veja.com.br



CHAVEZ

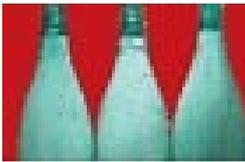
À SOMBRA DO DITADOR

Como o desvario ideológico chavista abala a vida dos venezuelanos

ECOLOGIA
O PLÁSTICO É O NOVO VILÃO

TROCA DE COMANDO
OS TUCANOS TENTAM REAGIR

MOEDAS
POR QUE O EURO DESBANCOU O DÓLAR






Edição 4888
edição 2006 - ano 40 - nº 13
28 de novembro de 2007

veja

www.veja.com.br



PESQUISA INÉDITA
VEJA-SENSUS

RADIOGRAFIA DOS MILITARES

O QUE ELES PENSAM SOBRE O...

- ...SUCATEAMENTO DO ARSENAL
- ...POPULISMO NA AMÉRICA LATINA
- ...ARMAMENTISMO DE HUGO CHÁVEZ
- ...COMBATE AO CRIME NAS RUAS





CHÁVEZ
Agora com
oposição
de verdade

CARREIRA
A hora e
a vez dos
engenheiros



DIANA
Uma nova biografia
revela a verdadeira
princesa



Editora ABRI
edição 2007 - ano 49 - nº 98
19 de dezembro de 2007

veja

www.veja.com.br



FIM DO IMPOSTO DO CHEQUE

O LEÃO VIROU PAPAI NOEL

**Um presente de
40 bilhões
para os brasileiros**

PAQUISTÃO
O assassinato de Benazir Bhutto
aumenta o risco de o arsenal atômico
do país cair nas mãos dos extremistas

Edição 828
Número 2011, ano 46, nº 52
29 de dezembro de 2007

Veja
www.veja.com.br

2007

RETROSPECTIVA

TESTE 100 perguntas para avaliar se você entra em 2008 antenado

Abri

0014-295X(200712)46:52:1-1

Edição ABRI
edição 2003 - ano 43 - nº 18
12 de março de 2003

veja

AMÉRICA LATINA

AS FERAS RADICAIS

Seu objetivo é evitar a derrota dos terroristas das Farc e criar um clima de guerra no continente

GRÁTIS veja 1808 EDIÇÃO ESPECIAL DESTACÁVEL
A história, a moda, os escândalos, as intrigas, as grandes idéias no Brasil e no mundo no ano da chegada da corte portuguesa

ESTE É O HOMEM
Que fez surgir o Brasil
e mudou o mundo

Anexo 2
Seqüências Discursivas

Seqüências Discursivas

1. A queda do presidente fanfarrão (T 1)
2. Nossos repórteres na Venezuela contam como Chávez está destruindo a democracia (14/12/2005, chamada de capa)
3. Chávez – À sombra do ditador: Como o desvario ideológico chavista abala a vida dos venezuelanos (07/11/2007, chamada de capa)
4. História: A tentação de esticar o mandato (07/11/2007, chamada de capa)
5. Chávez: Agora com oposição de verdade (19/12/2007, chamada de capa)
6. O falastrão caiu: Multidões nas ruas e rebelião militar tiram Hugo Chávez da Presidência da Venezuela (T 1)
7. Na Venezuela, Chávez adotou um governo centralizador, mudou as leis para controlar melhor a oposição e aumentou o tamanho do Estado, levando à derrocada de uma das mais antigas democracias da região. Resultado: a população ficou mais pobre, os investidores externos sumiram e a dívida pública aumentou (T 2)
8. Viagem ao circo de Chávez: A excentricidade de Chávez disfarça sua lenta e obstinada destruição da democracia na Venezuela. O cotidiano do país mostra uma imensa popularidade comprada com submissão, subsídios e ameaças – tudo pago com o lucro do petróleo (T 3)
9. À sombra de *El Supremo*: Com a reforma constitucional aprovada na semana passada, Hugo Chávez consolida seu regime autoritário e personalista na Venezuela. Em Caracas, VEJA ouviu a história de dez venezuelanos que tiveram a vida transformada pela ditadura do ‘socialismo do século XXI’ (T 9)
10. A Venezuela depois do não: Chávez enfrenta agora uma nova oposição. Além dos estudantes, ela recebeu o reforço de chavistas descontentes, que se opõem à ditadura (T 11)
11. Manifestação convocada por empresários e sindicalistas em Caracas: 200.000 pessoas (T 1)
12. O Senhor da Venezuela – Hugo Chávez: no passado, ele liderou um fracassado golpe militar. Agora, usa a democracia para acabar com a democracia (T 3)
13. Um único freguês: Manifestante em marcha chavista, acima, à esquerda, e cooperativa têxtil em Caracas: as costureiras estão recebendo uma antecipação mensal de 250 reais, de crédito do governo, enquanto não conseguem lucro. Quando isso acontecer, também será com dinheiro do Estado: as únicas encomendas consistem em camisas vermelhas com propaganda do governo e dos programas sociais. Próximo da cooperativa têxtil, há uma de calçados em que o princípio é o mesmo: os fregueses são o governo, a PDVSA e Cuba. Assim, Chávez garante a dependência dos cooperativistas em relação ao governo indefinidamente (T 3)
14. A fé das avós bolivarianas: "Chávez é o meu comandante", diz Vilma Torres, de 59 anos, moradora do *barrio* Manicomio, um dos mais antigos de Caracas. Estima-se que metade dos moradores da capital viva nos *barrios*, o equivalente venezuelano às favelas. Vilma é uma veterana militante socialista e admiradora de primeira hora do presidente da Venezuela. "Graças a Chávez, consegui me naturalizar venezuelana depois de anos e agora posso votar nele", diz Vilma, que nasceu no Peru. Ela se orgulha de participar de quase uma dezena de grupos chavistas, como a Organização das Avós Solidárias e a Frente Bolivariana de

- Mulheres, e não sai de casa sem levar consigo uma pilha de jornais de movimentos sociais para distribuir na rua. (T 3)
15. "Obrigado, senhor presidente": Na prova final do curso que alfabetiza um adulto em sete semanas, mantido pelo governo venezuelano, pede-se aos alunos que escrevam uma carta a Hugo Chávez. "Eu agradeço ao presidente a oportunidade que ele me deu", diz Yulibia Serrano, de 43 anos, que agora participa da segunda fase do curso e está se preparando para fazer parte de uma cooperativa de costureiras montada pelo governo. "Ele é o único político que se preocupa com os pobres." Yulibia e seu marido, que está desempregado, sustentam os seis filhos alugando duas peças de sua casa, no barrio La Pastora. Eles vivem com o equivalente a 270 reais por mês. "Nossa situação está pior do que antes, mas a culpa não é de Chávez, é do meu marido, que não consegue emprego", diz Yulibia. (T 3)
 16. A concorrência desleal do estado: As vendas do atacadista Luis Hernandez, de 53 anos, abaixo, na cidade de San Felipe caíram 20% desde que o governo começou a expandir a rede Mercal, a estatal de supermercados, com produtos da cesta básica 40% mais baratos, graças aos subsídios. "Os pequenos comerciantes não resistem quando abre um Mercal próximo de seus estabelecimentos", diz Luis, que viu três em cada dez de seus antigos clientes fechar as portas. Acima, fila em caixa do supermercado estatal, em Caracas, e embalagem de produto do Mercal com propaganda eleitoral. (T 3)
 17. Sob o cerco do fisco: "O governo atual concentrou poder demais e exagera na pressão fiscal", diz Victor Maldonado, diretor executivo da Câmara de Comércio de Caracas. "Está certo cobrar impostos, mas fechar uma empresa por dois dias apenas por uma irregularidade burocrática é exagero e às vezes cheira a perseguição política." (T 3)
 18. Um prefeito na cadeia: Henrique Capriles, prefeito de um distrito de Caracas, ficou quatro meses preso, acusado de ter participado da invasão da Embaixada de Cuba, em 2002. Na verdade, ele foi à embaixada para evitar uma invasão de manifestantes. O caso foi reaberto neste ano pelo Supremo Tribunal de Justiça. (T 3)
 19. A força da lei contra a oposição: Alejandro Plaz e outros três diretores da ONG Súmate, crítica do sistema eleitoral venezuelano, estão sendo processados por conspiração. O crime foi ter aceito 30.000 dólares de doação de uma ONG americana. 'Estou pessimista com meu julgamento, porque o juiz é chavista', diz Plaz (T 3)
 20. O Big Brother do chavismo: O programa de computador acima, conhecido como Lista Maisanta, contém informações eleitorais e a posição política de 12.394.109 venezuelanos. Ali, com uma simples busca por nome e sobrenome ou pelo número da carteira de identidade, descobre-se, entre outros dados, se o eleitor assinou contra ou a favor de Chávez no referendo de 2004. O governo usa a lista para negar emprego público ou passaporte aos eleitores que votaram contra o presidente. (T 3)
 21. Condenado a ser desempregado: Demitido da PDVSA durante a greve de 2002, Salvador Arrieta, então um alto executivo da estatal, entrou para a lista negra do governo e nunca mais conseguiu emprego. Ele e sua família vivem das economias feitas quando ele tinha trabalho. "Minha filha já saiu do país e meus outros dois filhos pensam em fazer o mesmo", diz Salvador. (T 3)
 22. Acima, estudantes e professores juntam-se para exigir direito à liberdade de expressão em protesto na semana passada, em Caracas. Abaixo, a loja Super

- Autos, na capital: a ostentação da burguesia estatal bolivariana contrasta com a pobreza do povo (T 8)
23. Propaganda chavista em Caracas: Chávez aumenta a pressão sobre oposição (T 11)
 24. Sem amparo: O oficial de Justiça Juan Pabón teve a mãe e o irmão seqüestrados pela própria polícia venezuelana: "Chávez recebe os familiares dos seqüestrados colombianos no hotel Gran Meliá, em Caracas. Nós não conseguimos sequer conversar com ele pelo telefone" (T 15)
 25. [...] uma multidão de 200.000 venezuelanos [...] marchou para o palácio presidencial e foi recebida a bala por partidários do presidente. Morreram quinze manifestantes e 350 ficaram feridos. (T 1)
 26. Na madrugada de sexta, com a nação mergulhada em comoção cívica, uma rebelião militar forçou Chávez a renunciar [...] (T 1)
 27. O destino dramático do presidente contém certa dose de justiça: há dez anos, quando era tenente-coronel do corpo de pára-quedistas, comandou uma sangrenta tentativa de golpe de Estado. (T 1)
 28. Chávez é o terceiro presidente sul-americano a ser corrido do palácio pelo povo nas ruas em apenas quatro meses. (T 1)
 29. O ponto positivo na queda de Chávez foi a demonstração de que o oportunismo populista já não consegue enganar uma sociedade latino-americana por muito tempo. (T 1)
 30. O país vivia aos sobressaltos por causa do comportamento imprevisível do presidente Chávez, que mudava leis e substituía autoridades de acordo com seu humor. (T 1)
 31. Desde que foi eleito, pouco mais de três anos atrás, Chávez endureceu o discurso populista que agradava aos mais pobres, que estavam cansados da miséria, da corrupção e da velha elite política da Venezuela. Com a popularidade no pico, o presidente venceu plebiscitos, o que lhe permitiu construir uma inacreditável estrutura de poder, colocando juízes e militares amigos nos principais postos. (T 1)
 32. "Houve uma crescente repulsa pelo estilo autoritário e marxista do presidente. Tanto a sociedade quanto o Exército achavam que Chávez foi longe demais e não o respeitavam", afirma o cientista político Carlos Romero, da Universidade Central da Venezuela. (T 1)
 33. Sua artilharia verbal, contra tudo e todos (certa vez chamou a Igreja de "tumor"), permitiu que a oposição se unisse. (T 1)
 34. Curiosamente – mas não surpreendentemente – a operação desmonte da democracia venezuelana foi feita pelo que se acredita ser um dos meios mais democráticos de representação – os plebiscitos. Foram sete consultas populares em seis anos. Essa democracia direta passou por cima das instituições e permitiu ao chavismo reescrever a Constituição e demolir os outros poderes da República. (T 2)
 35. Por cinco razões, alinhadas pelo cientista político mexicano Adrián Gurza Lavalle, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a Venezuela já não pode ser considerada um Estado democrático.
 - A autonomia de poderes, princípio básico da democracia, foi suprimida. [...]
 - Numa democracia, se a oposição perde as eleições, ela continua a participar do jogo político. Na Venezuela a oposição está sendo amordaçada. [...]
 - A lei da mordaca obriga a imprensa a adotar a autocensura. [...]

- As regras do jogo político e institucional mudam constantemente, uma vez que Chávez se investiu de poderes extraordinários nos sete plebiscitos que convocou e venceu.
 - Não há mais respeito pelas normas que regem o direito à propriedade privada. [...] (T 2)
36. Uma novidade escandalosa do novo código penal da Venezuela é a revogação da presunção de inocência. [...] Abolir garantias individuais como essa foi justamente uma das primeiras penas de Fidel Castro quando chegou ao poder em Cuba. (T 2)
 37. O presidente Hugo Chávez completou na semana passada um ciclo em sua busca pelo poder absoluto na Venezuela. (T 3)
 38. Foi um momento extraordinário para um presidente que vive proclamando as virtudes da “democracia participativa” sobre a democracia meramente “representativa”, pois o povo escolheu não participar. (T 3)
 39. Eleito de forma democrática, Chávez recorreu a golpes brancos e plebiscitos para se tornar senhor do Judiciário, incluindo aí a Justiça Eleitoral e o Ministério Público, e do Legislativo. (T 3)
 40. "Chávez está usando os mecanismos democráticos para destruir a democracia", entende o economista Gerver Torres, ex-conselheiro do Banco Mundial que dirige uma ONG de formação de líderes políticos, em Caracas. (T 3)
 41. Hugo Chávez tem em seu currículo uma tentativa sangrenta de tomar o poder pelas armas, em 1992. (T 3)
 42. Seu poder foi cimentado por plebiscito em que conseguiu maioria esmagadora. Plebiscitos podem ser instrumentos democráticos legítimos e dessa forma são usados em muitos países com objetivos específicos. Chávez lançou mão deles de forma antidemocrática, para atropelar a representação popular e recriar o Estado de acordo com sua vontade. (T 3)
 43. As circunstâncias da vitória esmagadora dos chavistas nas eleições legislativas da semana passada dão uma boa idéia do clima de autoritarismo e desconfiança que predomina na Venezuela. (T 3)
 44. Muitos eleitores não foram votar por medo. (T 3)
 45. Os venezuelanos tem seus motivos para acreditar que o governo se interessa em saber como cada um vota – e temer que isso seja usado contra eles. Uma prova de que o segredo do voto virou pó na Venezuela é um CD, cujas cópias acabaram vazando, com os dados de 12 milhões de eleitores, em que consta também a orientação política do cidadão e como ele votou no referendo do ano passado. [...] E a perseguição política vai mais longe. (T 3)
 46. Uma boa maneira de entender quais são as armas de Chávez no seu projeto de destruir a democracia venezuelana é percorrer as ruas de Caracas. (T 3)
 47. Com o respaldo das urnas, o presidente da Venezuela viu-se à vontade para anunciar a intenção de torcer mais uma vez a Constituição, escrita por ele próprio, de forma a se manter no poder por quanto tempo quiser. (T 7)
 48. Boa parte desses problemas se deve ao caos da administração pública bolivariana, provocado pela centralização do poder em Chávez. (T 7)
 49. Para ser estável, o poder nos Estados autoritários deve se concentrar nas mãos de um indivíduo ou de um pequeno grupo dirigente. São as personalidades – não as instituições – que importam em tais países. (T 7)
 50. Para ser estável, o poder nos Estados autoritários deve se concentrar nas mãos de um indivíduo ou de um pequeno grupo dirigente. São as personalidades – não as instituições – que importam em tais países. [...] Não há na Venezuela vestígio da

- independência dos poderes, a pedra fundamental da democracia moderna. Além do Executivo, Chávez controla 100% do Legislativo, o Judiciário, o comitê eleitoral e a PDVSA, a estatal do petróleo. Seu plano agora é reunir todos os grupos da base aliada em um único partido. "Líder único, partido único e ideologia única – só falta instituir uma imprensa única para vivermos sob o regime cubano", disse a VEJA o analista político venezuelano Alberto Garrido, de Caracas. Ele acredita que o único freio a impedir a censura à imprensa e a abolição da propriedade privada é o desejo de Chávez de manter as aparências diante da comunidade internacional. (T 7)
51. Durante as últimas duas semanas, na Venezuela, não se passaram dois dias sem que dezenas de estudantes protestassem contra o fechamento, pelo presidente Hugo Chávez, do canal de televisão RCTV. A tenacidade dos manifestantes em defender a liberdade de expressão em seu país deixou claro que os venezuelanos não compartilham dos planos do presidente de implantar na Venezuela o que ele chama de "socialismo do século XXI". Conforme o próprio Chávez não se cansa de repetir, seu projeto consiste em eliminar a "elite oligárquica" do país – através da expropriação de empresas privadas, da censura aos formadores de opinião e da criação de um partido único, entre outras medidas autoritárias. (T 8)
 52. A riqueza súbita dos chavistas se explica pela estrutura criada pelo presidente para permitir que seus partidários se beneficiem de sua permanência no poder. Quem apóia Chávez é premiado com a possibilidade de lucrar, de maneira lícita ou não. (T 8)
 53. Uma maneira "limpa" de enriquecer na Venezuela hoje, por exemplo, é abrir uma importadora e cair nas graças da nomenklatura chavista. (T 8)
 54. O coronel encolheu: Chávez foi reeleito em dezembro passado com 61% dos votos. Se as eleições fosse hoje, a vitória não seria tão certa. (T 8)
 55. Para quem não tem a memória pessoal de ter vivido sob uma ditadura, ouvir depoimentos de venezuelanos é uma experiência educativa – e sufocante. O regime que o presidente Hugo Chávez está construindo na Venezuela não apenas é autoritário como se propõe a criar uma nação à imagem e semelhança de seu governante. (T 9)
 56. Nas páginas seguintes estão as histórias de dez venezuelanos cuja vida foi transformada pelo chavismo. Elas comprovam que é impossível ficar imune a um regime como o de Chávez, um prepotente disposto a impor a sua visão de mundo a qualquer custo. Mesmo quem afeita os benefícios da adesão ao ditador torna-se prisioneiro de um esquema que exige submissão absoluta e provas freqüentes de fidelidade. Sobre os que discordam do governo, recai o peso do poder do aparato oficial, que corta o crédito dos empresários, proíbe os órgãos públicos de contratar opositores e pressiona a iniciativa privada a fazer o mesmo, e chega ao extremo de, à moda soviética, punir os filhos pelas posições políticas dos pais. A sufocante atmosfera política ganhou novas nuvens negras na semana passada, quando a Assembléia Nacional terminou de referendar um por um os artigos da proposta de reforma constitucional apresentada pelo presidente. (T 9)
 57. A nova Constituição, que teve 20% de seus artigos alterados, dá sustentação legal às medidas autoritárias que Chávez vem colocando em prática desde que foi eleito pela primeira vez, em 1998. A centralização do poder nas mãos do presidente, a militarização do país e o desrespeito ao direito de propriedade não são novidades no governo do coronel. Agora, no entanto, foram institucionalizados na Carta Magna da Venezuela. (T 9)

58. No último referendo, esses quadros fiéis ao regime quebraram o sigilo do voto e permitiram que as informações fossem usadas pelo governo para punir os cidadãos que se opuseram ao presidente. (T 9)
59. Para os venezuelanos, a confirmação da nova Constituição significará viver à sombra de um regime autoritário por um período cujas dimensões exatas talvez só possam ser traçadas pelo preço do petróleo. (T 9)
60. [...] A terceira fase do governo chavista começou dois anos atrás, com o anúncio de que seu objetivo era a construção do “socialismo do século XXI”. O elemento ideológico mais evidente desse conceito é o desejo de Chávez de concentrar o poder em suas mãos pelo maior tempo possível. (T 9)
61. Um mito proclamado pelos chavistas é o de que o discurso "bolivariano" do presidente tem o apoio da maioria dos venezuelanos. Uma pesquisa de opinião pública feita pela Universidade Central da Venezuela (UCV), em Caracas, mostra uma realidade mais crua. A identificação com Chávez de grande parcela dos venezuelanos, sobretudo os mais pobres, é pessoal e destacada de sua retórica ideológica. (T 9)
62. Um regime personalista, diz o sociólogo venezuelano Trino Márquez, costuma caracterizar-se por quatro princípios. O primeiro é a idéia de que o governante é o único capaz de liderar a nação para um futuro melhor. A noção de que o ditador é insubstituível é pernicioso porque o leva a acreditar que pode fazer qualquer coisa. [...] O segundo princípio do personalismo é que, independentemente de haver ou não respaldo popular para o regime, o governante necessita cimentar sua força política no controle das Forças Armadas ou de milícias de civis armados. Chávez tem os dois. [...] O terceiro princípio de um regime autoritário personalista é a destruição do estado de direito, já que todas as instituições públicas têm de se submeter à vontade do governante. Na Venezuela, além dos deputados, os juizes, as autoridades eleitorais e até os promotores públicos obedecem às ordens de Chávez. O coronel não apenas nomeou chavistas para os cargos mais altos dessas carreiras como tem o poder de demitir magistrados, já que 80% deles têm contratos temporários com o estado. O quarto elemento personalista, comum no chavismo, é o culto à imagem do líder. Chávez desenvolve esse seu lado narcisista de três maneiras. (T 9)
63. Eficiente em usar os mecanismos democráticos para acabar com a liberdade, Chávez também tem se mostrado capaz de sucatear a economia do país. (T 9)
64. O Clone do totalitarismo: o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, há mais de seis anos no poder, ameaça a estabilidade da América Latina com o financiamento e o apoio a grupos radicais de países vizinhos, a formação de uma milícia civil, o uso do petróleo para chantagear as repúblicas da América Central, a compra de armas e a aliança com a ditadura cubana de Fidel Castro, de quem está se tornando um clone malfeito e extemporâneo. (T 2)
65. Os servos fiéis da revolução (T 9)
66. Nela, o regime espera formar a próxima geração de líderes chavistas. (T 9)
67. “Não é verdade que o governo está contra o empresário”, diz. “Vejo justamente o contrário. As regras do jogo são claras, e Chávez tem nos chamado a trabalhar com ele.” (T 9)
68. O empresário amigo vai bem, obrigado (T 9)
69. Atriz de sucesso e candidata ao Miss Venezuela de 1994, Fabíola Colmenares acaba de descobrir que beleza e fama não garantem imunidade à perseguição ideológica do governo chavista (T 9)

70. O pai fez greve, a filha é punida [...] Com o pai fora de alcance, o regime chavista vingava-se na filha [...] (T 9)
71. Processar jornalistas é uma das estratégias adotadas pelo regime chavista para calar a oposição. (T 9)
72. Essa reforma impõe medidas que permitem ao estado venezuelano passar por cima do povo. (T 9)
73. O estado que o novo texto constitucional cria, a meu ver, não é socialista, ao contrário do que diz o governo. O que está sendo criado é um estado todopoderoso que, entre outras coisas, pisoteia o direito do povo de escolher seus representantes, princípio fundamental de uma democracia. A nova Constituição permite ao presidente da República passar por cima da autoridade de prefeitos e governadores eleitos pelo povo. (T 9)
74. Nós apoiamos Chávez, mas somos contra essa atitude autoritária. Vivemos um momento de muita intolerância política no país. (T 9)
75. Não pode conter artigos que pensávamos estar eliminados de nossa história, como o que prevê o fim da liberdade de expressão no caso de o presidente declarar estado de exceção. (T 9)
76. O Executivo venezuelano controla tudo. Até as manifestações de estudantes são reprimidas à força. Chávez está usando as Forças Armadas para dar um golpe de estado na Constituição. Eu sou um homem de esquerda, mas não quero uma ditadura do proletariado. (T 9)
77. Agora que o Brasil celebra 22 anos de democracia depois de 21 anos de ditadura, os militares, com uma intensidade rara, voltam a chamar a atenção do país, felizmente não em razão de rebuliços nos quartéis ou acenos à cólera das legiões. A atenção que atraem se deve a fatores que incluem o caos aéreo, a posse de um ministro da Defesa como Nelson Jobim, cujas ambições políticas só são menos notórias que seu talento para o marketing, e a escalada armamentista do ditador venezuelano Hugo Chávez. (T 10)
78. A piada que faz rir a Venezuela conta que Hugo Chávez proibiu enfeitar os presépios com imagens dos três reis magos. O motivo: se um rei, o da Espanha, já mandou o presidente venezuelano se calar em uma reunião de cúpula, imaginem três. O elemento assustador dessa anedota não é tanto a idéia de Chávez proibir um símbolo natalino (em 2006, ele chegou a abolir as árvores de Natal por considerá-las um ícone do imperialismo). O mais alarmante é o fato de refletir uma característica do governante: ele não tolera ser contrariado. (T 11)
79. Mais do que uma simples derrota eleitoral infligida a um caudilho que se considerava imbatível, o referendo teve o efeito de criar uma nova oposição. Esta é composta de tal forma que o coronel não a pode acusar de golpismo, de ser porta-voz do "império americano" ou das "oligarquias da Venezuela" sem morder a língua. As acusações simplesmente não colam nos estudantes ou nos chavistas moderados que se rebelaram contra a tentativa de implantar uma ditadura no país. As duas novas forças políticas – o movimento estudantil e a ala democrática do chavismo – são agora motivo de esperança para os venezuelanos e uma dor de cabeça para Hugo Chávez. (T 11)
80. Por fim, o partido único inventado pelo presidente foi visto, corretamente, como o fim da independência dos grupos políticos aliados ao governo. (T 11)
81. "O 'não' dos eleitores ao projeto autoritário terá um efeito semelhante ao calaboca do rei Juan Carlos, ao qual Chávez reagiu tornando-se ainda mais intransigente", diz o analista político venezuelano José Vicente Carrasquero. Instrumentos para endurecer não faltam. (T 11)

82. [...] o militar, respeitado entre os chavistas, passou a denunciar o caráter autoritário da reforma constitucional, classificada por ele como uma tentativa de golpe de estado. (T 11)
83. O levante dos caras-pintadas (T 11)
84. Os jovens só despertaram para o risco da perda de liberdade representada por Chávez em maio deste ano, quando o governo fechou o canal RCTV, a emissora mais popular do país. (T 11)
85. Freddy lamenta o fato de os estudantes venezuelanos que lutaram pela democracia jamais terem recebido alguma manifestação de apoio da UNE brasileira. (T 11)
86. Miquilena ficou amigo de Chávez em 1992, quando o coronel foi preso por um golpe fracassado. (T 11)
87. E completa: "Seu autoritarismo não desaparece com a derrota no referendo, pois Chávez criou na Venezuela uma estrutura fraudulenta, com o controle total de todos os poderes da república. Só ficou a fachada democrática". (T 11)
88. Entre os grupos armados que aterrorizaram as passeatas estudantis contra a reforma constitucional, no mês passado, foram identificados membros dos Tupamaros. (T 11)
89. O líder dos Tupamaros garante que já desistiu da luta armada. "Não é mais necessária, como prova o referendo: apesar de termos perdido, os 4 milhões de votos a favor da reforma demonstram que os venezuelanos já aceitam o atual processo socialista", diz Marrero, esquecendo-se de que muitos eleitores votaram pelo sim mais por simpatia ao presidente que por concordar com seus planos mirabolantes. [...] Marrero garante que, mesmo sem o respaldo legal de uma Constituição, Chávez vai continuar a implantação de seu plano de poder vitalício. (T 11)
90. Como os venezuelanos já opinaram nas urnas, algo que o chavismo custa a compreender, trata-se de uma referência fracassada. (T 11)
91. Chávez tem os meios e a disposição para conseguir seus fins – o poder absoluto –, mas a vitória do "não" foi um facho de luz num ano pouco auspicioso para as instituições democráticas. (T 12)
92. Chávez identifica na Colômbia o maior obstáculo a seu plano de expansão da revolução bolivariana, especialmente na América do Sul. O país é uma democracia, usufrui economia próspera e se tornou um aliado-chave dos Estados Unidos. O povo apóia majoritariamente o governo do presidente Álvaro Uribe e o sistema democrático. Quer distância do chavismo e de outras excentricidades. A Colômbia é exatamente o contrário de tudo aquilo que Chávez acredita e defende. O presidente da Venezuela sabe que, enquanto as FARC mantiverem a campanha de terror, não apenas o presidente Uribe mas a própria Colômbia estarão impedidos de exercer um papel de liderança na região. (T 13)
93. "Tomara que a queda de Chávez represente uma vacina contra salvadores da pátria na região", disse à VEJA Andrés Oppenheimer, colunista do jornal americano *Miami Herald* e respeitado especialista em América Latina. (T 1)
94. Sua queda foi recebida como boa notícia no mundo: melhorou o índice risco país da Venezuela, a bolsa de Caracas disparou (alta de 8%) e o preço internacional do petróleo caiu 9%. (T 1)
95. Hoje, ele pode dispensar o golpe de Estado para se transformar em ditador. As ferramentas estão todas em sua mão. (T 3)
96. O que o aspirante a ditador não diz (mas todo vendedor de artigos de luxo em Caracas sabe) é que ele está apenas substituindo a tradicional elite venezuelana

- por outra, formada por altos funcionários públicos corruptos, sindicalistas e empresários cujo principal mérito é bajular o ditador. (T 8)
97. "Na verdade, a Venezuela não tem um verdadeiro inimigo externo do qual se defender", diz o especialista militar Fernando Sampaio, professor da Escola Superior de Geopolítica e Estratégia, em Porto Alegre. "Portanto, o mais provável é que Chávez esteja se armando para se proteger de seu próprio povo, no dia em que os venezuelanos se cansarem dele." (T 9)
 98. Processar jornalistas é uma das estratégias adotadas pelo regime chavista para calar a oposição. "Como não há independência de poderes na Venezuela e o governo também controla os juizes, somos submetidos a verdadeiros julgamentos kafkianos", diz Marianella Salazar, radialista e colunista do jornal El Nacional. (T 9)
 99. Foram três anos e dois meses de interminável retórica revolucionária – ou, melhor, daquela sopa de lugares-comuns esquerdistas que o presidente Hugo Chávez chamava “revolução bolivariana”. A tônica da discursão eram as promessas populistas e as infundáveis acusações à Igreja Católica, aos empresários, à imprensa e aos Estados Unidos, responsabilizados por todos os males da Venezuela. (T 1)
 100. Curiosamente, o único presidente de países americanos que é uma bomba de efeito retardado, o coronel pára-queda Hugo Chávez, da Venezuela, não pode ser classificado como esquerdista. Ele não tem passado socialista ou marxista, nem teórico nem prático. Veio do meio militar e tornou-se um populista autoritário e fanfarrão. (T 2)
 101. O lado mais perverso dessa instabilidade é o sentimento de que o voto não é capaz de livrar o país dos corruptos ou de promover as reformas necessárias para melhorar a vida da população. É nesse ambiente que prosperam populistas como Chávez. (T 2)
 102. É um espanto que tanta gente o festeje e não o Chile, o único país latino-americano a diminuir a pobreza pela metade. É a maldição do caudilhismo, a doença senil do esquerdismo. (T 2)
 103. Estima-se que tenha o apoio de metade dos venezuelanos – exatamente a parte mais pobre, que ele cativa com um discurso populista e uma ampla ação assistencialista. (T 3)
 104. Petróleo e populismo. Essa é a fórmula que permitiu a Chávez concentrar poder e iniciar o controle da sociedade venezuelana em diversos setores, da economia à cultura. (T 3)
 105. O principal mentor político do novo presidente boliviano é o seu colega venezuelano, Hugo Chávez. Morales imita Chávez em seu discurso populista, nacionalista e antiimperialista. (T 4)
 106. Uma característica comum aos populistas – Chávez, Morales e, em menor medida, Néstor Kirchner – é revestir o discurso com retórica de esquerda. Na verdade, os contornos ideológicos do populismo são difusos e vão sendo moldados de acordo com as circunstâncias. [...] O que importa para esse tipo de líder é criar argumentos e mecanismos para se perpetuar no poder. Por isso, costuma-se dizer que uma das características do déspota latino-americano é o voluntarismo, doutrina que atribui à determinação do líder o poder de mudar a realidade a seu bel-prazer. (T 5)
 107. Jorge Castañeda, ex-ministro de Relações Exteriores do México e estudioso da esquerda latino-americana, prefere colocar as analogias em outro patamar. Para ele, Chávez é um Domingos Perón com petróleo. [...] O argentino Perón é o

- protótipo do caudilho populista, na tradição latino-americana, que acaba por conquistar a lealdade da esquerda. Para esse tipo de governante, o desempenho econômico, os valores democráticos, os objetivos programáticos e as boas relações com os Estados Unidos são apenas aborrecimentos. Só interessa manter a popularidade a qualquer custo. Há dois recursos básicos no arsenal populista: o nacionalismo desavergonhado (que é alimentado pela entrada em quantas brigas for possível com Washington) e a distribuição assistencialista. (T 7)
108. “Desde o princípio, Fidel sempre foi muito narcisista e não queria que nenhuma outra pessoa ofuscasse sua liderança”, disse a VEJA o americano Brian Latell, autor do livro *After Fidel* (Depois de Fidel). A descrição casa perfeitamente com a personalidade de Chávez e está de acordo com o caudilhismo latino-americano. (T 7)
109. Há, melhor dizer, dois tipos de governos esquerdistas, que não devem ser confundidos. Um deles é de corte moderno, mantém a mente aberta, respeita a democracia e a realidade econômica. Essa centro-esquerda, que inclui o Brasil, o Chile, o Uruguai, é a maioria. [...] Chávez lidera um número reduzido de governos de mente fechada, reconhecíveis pelos arroubos nacionalistas e populistas. (T 7)
110. Nesse ponto, distante de ser a promessa de novidades "século XXI", como proclama, Chávez é fiel à tradição caudilhesca do continente. O estilo centralizador, a intolerância em relação a opiniões divergentes e, sobretudo, o modo como tenta transformar as instituições públicas em um apêndice de sua vontade e idiosincrasias parecem saídos das páginas de *Eu O Supremo*, a obra magistral do paraguaio Augusto Roa Bastos. O personagem do título é José Gaspar Rodríguez de Francia, "ditador perpétuo" do Paraguai no século XIX e protótipo do perfeito déspota sul-americano. (T 9)
111. Mais do que uma simples derrota eleitoral infligida a um caudilho que se considerava imbatível, o referendo teve o efeito de criar uma nova oposição. (T 11)
112. Hugo Chávez perdeu a pose populista duas vezes em 2007. Por meio da indignação do rei Juan Carlos da Espanha, levou o inesquecível cala boca. Pela reação heróica do povo venezuelano, amargou a vitória do "não" no plebiscito que lhe daria quantos mandatos quisesse. (T 12)
113. O destempero verbal é uma característica dos caudilhos fanfarrões e, na maior parte das vezes, não deve ser tomado ao pé da letra. A saraivada de insultos e ameaças disparados por Hugo Chávez contra o governo da Colômbia pertence a uma dimensão mais perigosa – aquela na qual trafega o projeto de poder totalitário da esquerda radical na América Latina, único lugar do mundo onde essas sandices que envenenam o século XX ainda parecem ter algum fôlego. (T 13)
114. Quem precisa de um novo Fidel? Com milícias, censura, intervenção em países vizinhos e briga com os EUA, Hugo Chávez está fazendo da Venezuela uma nova Cuba (04/05/2005, chamada de capa)
115. CHÁVEZ NÃO É BRINQUEDO: Com Fidel Castro à morte, Hugo Chávez quer usar o petróleo para liderar a revolução na América Latina (13/12/2006, chamada de capa)
116. [...] a Assembléia Nacional era a derradeira instituição de governo em que a oposição ainda dispunha de alguma influência. (T 3)

117. AMÉRICA LATINA – AS FERAS RADICAIS: Seu objetivo é evitar a derrota dos terroristas das Farc e criar um clima de guerra no continente (12/03/2008, chamada de capa)
118. Um Fidel com petróleo: Fidel está à morte. Com ele será enterrada a ruínosa experiência do socialismo caribenho. Com petrodólares e planos de expandir sua revolução, Hugo Chávez já se apresenta como novo líder da esquerda latino-americana. Fidel teve a história ao lado dele e muito carisma. Fracassou. Chávez tem petróleo e nenhuma autocensura. Vai fracassar também. Mas a que preço? (T 7)
119. Sob o domínio das Farc: Ao dar guarida a terroristas, Chávez expôs os venezuelanos a seqüestros e assassinatos (T 15)
120. Chávez faz festa com o povo (acima, à esq.) e joga beisebol com Fidel Castro (acima, à dir.), em Caracas. Em aberto desafio aos Estados Unidos, o presidente visitou o ditador Saddam Hussein em Bagdá, a quem propôs aumentar o preço do petróleo (à esq.) (T 1)
121. O patrono - Fidel e Chávez: o dinheiro e o petróleo venezuelanos estão permitindo a Fidel endurecer ainda mais ditadura cubana (T 2)
122. Os amigos do coronel: Com o ditador Muammar Kadafi, em visita à Líbia, no ano passado (acima, à esq.). Chávez com o líder do MST João Pedro Stédile, em janeiro, em um assentamento no Rio Grande do Sul (acima). O venezuelano elogia a estratégia de invasão de terras do grupo. Em 2000, Chávez foi o primeiro chefe de Estado a visitar Saddam Hussein desde 1991 (à esq.) (T 2)
123. A geopolítica do coronel Chávez (T 2)
124. 'Honor al Jefe': Hugo Chávez adotou um culto à personalidade ao estilo stalinista. Sua imagem está por toda parte, e só ele é responsável pelos sucessos do governo. Os erros, por sua vez, são atribuídos aos ministros e deputados. Todo domingo, o presidente chega a passar cinco horas falando de tudo na TV. Seu tema predileto é xingar a oposição. (T 3)
125. Invasão garantida pelo governo: A fazenda de Alfonso Puche, de 32 anos (à esq.) foi invadida em julho por um grupo de 230 sem-terra com apoio do governador do Estado, aliado de Chávez. Puche apresentou documentos de 1832 provando a propriedade das terras no estado de Yaracuy. Quatro juizes que lhe deram ganho de causa foram demitidos pelo governo chavista. "Tivemos cursos de técnicas agrícolas durante um ano, antes de sermos chamados para 'independentizar' essas terras", diz Javier Duran, de 24 anos (de boné azul), presidente da cooperativa que ocupa a fazenda de Alfonso. "Estávamos desempregados e o governo baixou um decreto para podermos ficar aqui." (T 3)
126. Chávez, o mentor de Evo Morales: populismo nos Andes (T 4)
127. A Constituição será submetida à aprovação popular daqui a um mês. O processo é assim, acelerado, porque na Venezuela a Justiça Eleitoral está sob controle de funcionários leais a Chávez. (T 9)
128. O filhote do ditador: o presidente venezuelano está seguindo os passos do cubano moribundo (T 7)
129. Evo Morales: estatização da economia (T 7)
130. Há semelhanças entre a trajetória de Hugo Chávez, Adolf Hitler e Benito Mussolini. Os três aproveitaram-se de mecanismos democráticos para destruir as liberdades (T 9)
131. O terror se diverte: Raúl Reyes (à dir.) e companheiros das Farc: festa na selva. O terror se diverte (T 13)

132. A cantilena se completava com juras de amor a Cuba e a seu ditador, Fidel Castro, de quem o presidente venezuelano copiou a mania de proferir discursos que se prolongavam por várias horas. (T 1)
133. Procurar briga com os Estados Unidos, que compram 60% do petróleo venezuelano, e ficar amigo de Cuba foram ações contra as tradições do país. Até 1974, o petróleo venezuelano era explorado pelos americanos, que colocaram o país no mapa, nos anos 20. O beisebol é o esporte mais popular da Venezuela. Os venezuelanos jamais perdoaram Chávez por ter criticado os ataques americanos no Afeganistão. Por pouco, eles entravam de graça no eixo do mal, a lista de países declarados inimigos pelos Estados Unidos. (T 1)
134. Muito do clima de instabilidade se deve ao esquerdismo folclórico de Chávez. Adorava exibir sua amizade com Fidel Castro. Visitou os aiatolás do Irã e até o ditador iraquiano Saddam Hussein, com quem se sentia completamente à vontade. Era repetidamente acusado pelas autoridades da Colômbia de dar abrigo a guerrilheiros colombianos, e até Vladimiro Montesinos, o chefe do esquema corrupto de Alberto Fujimori, esteve foragido em Caracas, provavelmente com a autorização do coronel. (T 1)
135. Chávez usou o cargo para iniciar a construção em seu país de uma versão extemporânea do regime totalitário que existe em Cuba. O coronel ainda não atingiu a sofisticação que garante a sobrevivência de Fidel Castro, este sim um esquerdista autêntico, um fóssil da Guerra Fria que sobrevive em sua ilha particular como um capataz magnânimo mas repressor. Chávez, porém, já atingiu o patamar de comandante de um regime tipicamente autoritário, que compromete as liberdades essenciais. (T 2)
136. Chávez demonstra necessidade quase patológica de se exibir como clone de Fidel Castro, o decano dos ditadores. Ambos se exibem em fardas militares e discursam por horas, misturando banalidades com assuntos de Estado. (T 2)
137. Sem a mesada que recebia da União Soviética, Cuba perdeu o fôlego para aventuras fora da ilha. Também já teria desmoronado sem o auxílio financeiro de Chávez. Fidel idolatra o presidente venezuelano. (T 2)
138. "Chávez é um Fidel Castro sem cérebro e com petróleo", definiu a VEJA Andrés Oppenheimer, colunista do jornal americano Miami Herald e respeitado especialista em América Latina. (T 2)
139. No passado, a esquerda também seguiu alegremente outros pais da pátria, como Juan Domingo Perón, cuja promessa era resolver todos os problemas com um estalar de dedos e, claro, colocando a culpa de tudo nos Estados Unidos. (T 2)
140. O uso da democracia para destruir a democracia não é original. Adolf Hitler era líder de uma bancada parlamentar eleita com 33% dos votos quando foi escolhido chanceler da Alemanha. Um ano depois, ele acumulou o posto de presidente, deixado vago pela morte do marechal Hindenburg, obtendo para isso a aprovação dos alemães em plebiscito. Nos anos seguintes, fechou os sindicatos, calou a imprensa livre e suprimiu, pela violência diária, os demais partidos. (T 3)
141. Há semelhanças entre a trajetória de Hitler e a de Chávez. Sobretudo num aspecto: como ocorreu com Hitler nos primeiros anos, a comunidade internacional não está dando a devida atenção à forma sistemática com que Chávez vem corroendo a liberdade na Venezuela. (T 3)
142. Josef Stalin fazia o mesmo que Chávez. Era um pouco mais difícil, sem computador. Mas o objetivo era o mesmo. (T 3)

- 143.O principal mentor político do novo presidente boliviano é o seu colega venezuelano, Hugo Chávez. Morales imita Chávez em seu discurso populista, nacionalista e antiimperialista. (T 4)
- 144.Com seu sistema de apadrinhamento comercial, ele está tentando criar uma versão latinizada do antigo Comecon, o sistema comercial entre os países do bloco soviético. [...] Com o barril do petróleo a 70 dólares, Chávez tem cacife para substituir a União Soviética como provedor de Cuba. (T 5)
- 145.Nos últimos oito anos, seu governo passou por três fases. Na primeira, um ano depois de eleito, quando o preço do petróleo andava baixo, ele tratou de aprovar uma nova Constituição, escrita por ele próprio, que lhe permitiu colonizar com aliados a Suprema Corte, removendo esse obstáculo à sua pretensão de governar acima das instituições e da lei. (T 9)
- 146.Com o cubano Fidel Castro no leito de morte, o coronel Hugo Chávez, ditador eleito da Venezuela, está se apresentando como o novo farol da esquerda revolucionária na América Latina. (T 7)
- 147.Tanto em Cuba quanto na Venezuela – e de resto em todos os outros lugares onde a experiência foi testada – a construção do socialismo coincide sempre com a destruição dos países nos quais o sistema é implantado. Cubanos e venezuelanos são hoje povos com horizonte menor do que tinham antes de ser submetidos a ditaduras socialistas. (T 7)
- 148."Em termos de idéias, de capacidade para elaborar um conceito ideológico, Chávez não conseguiria suceder a Fidel", disse a VEJA o historiador venezuelano Elias Piño, da Universidade Andrés Bello, em Caracas. (T 7)
- 149.Ela corre o risco de acabar na cadeia por ter denunciado planos governamentais de se equipar para a guerra eletrônica. Devido às ameaças de morte feitas por militantes chavistas, há cinco anos Marianella não sai sem sua escolta de guardacostas. (T 9)
- 150.“Os destinos preferidos da elite chavista são, claro, Miami e Orlando, sempre em classe executiva”, diz a funcionária da agência. Taí, se a idéia de Chávez é imitar Cuba, nesse particular ele conseguiu: a meca dos chavistas são os Estados Unidos. (T 8)
- 151.Essa dissociação entre a figura do presidente e suas políticas é própria de ditaduras personalistas, que têm no argentino Juan Domingo Perón, no mexicano Antonio López de Santa Anna e no paraguaio Francia alguns de seus expoentes históricos. (T 9)
- 152.É irônico que Chávez seja amigo de Fidel Castro e elogie seu regime marxista, visto que Karl Marx simplesmente desprezava Bolívar. Em carta a seu amigo Friedrich Engels, o ideólogo do comunismo escreveu: "Simon Bolívar é o canalha mais covarde, brutal e miserável". (T 9)
- 153.Como na ditadura de Fidel Castro, Chávez adotou o preceito de que o país entrou em processo de revolução permanente. (T 9)
- 154.O perigo do narcisismo aliado ao autoritarismo é o de Chávez atribuir-se tarefas quase divinas, como a de formar um "novo homem" inspirado em si próprio. "Nesse ponto, Chávez se parece muito com o paraguaio Francia, que chegou a proibir o casamento das jovens brancas com descendentes de espanhóis porque queria criar uma nação mestiça", disse a VEJA o cientista político americano Paul Sondrol, especialista em ditaduras latino-americanas da Universidade do Colorado. A Revolução Russa tinha ambições similares, como escreveu Leon Trotsky em 1916: "Produzir uma versão melhorada do homem, essa é a tarefa futura do comunismo". A tentativa soviética de extirpar do novo homem tudo o

- que fosse humano e natural resultou, como era de esperar, no fim do comunismo e na sobrevivência do que é humano e natural. (T 9)
- 155.O racionamento de alimentos é um dos primeiros sinais daquilo que os venezuelanos mais temem: a transformação da Venezuela em uma nova Cuba. (T 9)
- 156.Esta é composta de tal forma que o coronel não a pode acusar de golpismo, de ser porta-voz do "império americano" ou das "oligarquias da Venezuela" sem morder a língua. (T 11)
- 157.A diferença entre o presidente venezuelano e outros líderes esquerdistas com delírios similares é que Chávez tem poder econômico para bancar aventuras. "Por falta de recursos, Fidel Castro foi forçado a restringir o financiamento e o treinamento de grupos guerrilheiros", diz o ensaísta peruano Álvaro Vargas Llosa. "Como tem dinheiro, Chávez partiu para um patamar superior, influenciando diretamente grupos e países." (T 13)
- 158.Na Bolívia, ele financiou a carreira de seu clone, Evo Morales. Rafael Corrêa é grato pelo petróleo equatoriano que a Venezuela refina a preços camaradas. (T 13)
- 159.Por isso, todos se perguntam onde anda Manuel Marulanda, o chefe supremo da organização. Os boatos são de que se refugiou na Venezuela, sob as asas de Hugo Chávez. (T 13)
- 160.A correspondência entre o secretariado das Farc e Hugo Chávez confirma a ajuda financeira do presidente venezuelano. Os terroristas receberam 300 milhões de dólares e a oportunidade de criar empresas de investimentos na Venezuela, com possibilidade de obter contratos públicos no país. Chávez, veja só, tem uma dívida de gratidão pelos 150.000 dólares presenteados pelas Farc quando ele esteve preso. (T 13)
- 161.Perseguidos pelo Exército colombiano, os terroristas das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) estão sendo recebidos de braços abertos na Venezuela. (T 15)
- 162.Da mesma forma, seu mais notório pupilo, o boliviano Evo Morales, não deve ser visto como um Che Guevara indígena. Ele é apenas um populista habilidoso e totalmente irresponsável. (T 7)
- 163.Los tres amigos: Chávez, Fidel Castro e Morales reúnem-se em Cuba dois dias antes de o boliviano decretar a nacionalização do gás no país: Lula, que se considera da turma, foi o último a saber (T 5)
- 164.A esquerda radical da América Latina, liderada por Chávez, sonha usar essa organização, cuja especialidade são os seqüestros e o narcotráfico, para criar um clima de guerra que cause a desestabilização dos governos democráticos no continente. (T 13)
- 165.Fidel tem no currículo uma revolução fracassada, mas que inspirou uma geração. O ditador cubano também conta com o alicerce do discurso marxista-leninista, que durante meio século deu as cartas em metade do planeta. Já o presidente venezuelano é da categoria caudilho iluminado, típico da América hispânica, cujos sonhos revolucionários resultam de fantasias muito próprias. (T 2)
- 166.O ataque à Petrobrás – Essa Doe: Lula dormiu como o “grande guia” da América Latina e acordou como mais um bobo da corte do venezuelano Hugo Chávez, que tramou o roubo do patrimônio brasileiro na Bolívia (10/05/2006, chamada de capa)
- 167.Venezuela: a riqueza dos Chavistas (13/06/2007, chamada de capa)

168. Pesquisa inédita Veja-Sensus - radiografia dos militares: o que eles pensam sobre o...
- ...sucateamento do arsenal
 - ...populismo na América Latina
 - ...armamentismo de Hugo Chávez
 - ...combate ao crime nas ruas (28/11/2007, chamada de capa)
169. Os líderes e o liderado: A nacionalização do gás boliviano mostra que Chávez é o líder da América Latina. E Lula? Ele não conseguiu sequer entender quais são os interesses brasileiros no caso (T 5)
170. Em que os militares miram: Com o caos aéreo e a corrida armamentista da Venezuela, militares brasileiros voltaram ao centro da atenção do país. VEJA faz uma radiografia das Forças Armadas e traz dados da primeira pesquisa da história com os homens de farda, mostrando o que eles querem e o que pensam (T 10)
171. Por que Chávez quer a guerra: O uso das Farc para desestabilizar a região tem um entrave: a Colômbia está vencendo o terror (T 13)
172. O lado B da diplomacia: O Brasil fez tudo certo na crise atual, mas participa de foro que inclui as Farc e segue orientações do grupo (T 14)
173. A guarda de Chávez: O presidente venezuelano passa em revista a tropa de 30 000 voluntários da milícia que iniciou treinamento no mês passado (à dir.): força armada popular contra qual inimigo? (T 2)
174. Esforço inútil: Kirchner, Morales, Lula e Chávez em reunião em Puerto Iguazú, na Argentina, para discutir a nacionalização boliviana: o que Chávez, que não compra gás da Bolívia, foi fazer lá? (T 5)
175. O céu é da Venezuela? Os caças russos Sukhoi 30, comprados pela Venezuela, são os mais modernos em atividade hoje na região (T 10)
176. O nome da crise: Para a cúpula militar, Chávez já criou uma “situação alarmante” na América do Sul (T 10)
177. Em pé de guerra: Tropas do Equador marcham para a fronteira com a Colômbia: reação exagerada, instigada por Hugo Chávez (T 13)
178. A seqüência de governantes derrubados pela multidão nas ruas e o governo caótico do presidente-coronel da Venezuela são mais um papelão daqueles que reforçam a imagem da América Latina como uma região instável e pouco séria. [...] Dos grandes países latino-americanos, só o México, atrelado aos Estados Unidos por um acordo de comércio, e o Brasil são estáveis do ponto de vista político e econômico. Com uma vizinhança tão encrascada, o esforço do Brasil para se provar um país estável aos olhos dos investidores estrangeiros e criar barreiras contra o estigma [...] (T 1)
179. Suas bravatas esquerdistas chegaram a encantar setores da esquerda brasileira. Na Venezuela, o discurso soava mal. (T 1)
180. Por três razões principais, Chávez hoje representa perigo para a democracia e ameaça à estabilidade na América Latina. A primeira é que, claramente, ele não se contenta em infernizar a vida do próprio venezuelano e começa a lançar pseudópodes por toda uma crescente área de influência no continente americano. Segundo, porque tem a mover seu expansionismo o dinheiro fácil dos petrodólares oriundos da riqueza do subsolo venezuelano. Terceiro, mas não menos preocupante, Chávez está semeando insurreição e instabilidade em países que, embora nominalmente democráticos, ainda lutam para solidificar suas instituições políticas e jurídicas e suas bases econômicas de progresso material.

- A combinação das três razões acima faz de Chávez um risco novo e grande no horizonte da sofrida América Latina. (T 2)
- 181.[...] são cinco as ações externas mais identificáveis com que ele busca ampliar sua influência na América Latina. (T 2)
- 182.Uma das preocupações americanas decorre de compras de armas em quantidade muito acima do que seria razoável num país cujo Exército tem apenas 35.000 homens. [...] fuzis AK-47, como os comprados pela Venezuela, são o armamento-padrão da narcoguerrilha colombiana e de guerrilheiros em geral. (T 2)
- 183.Nos primeiros momentos o governo Lula trocou juras de amor eterno com Chávez, a quem tratava como membro da mesma confraria de presidentes esquerdistas. As relações esfriaram bastante. Hoje não são hostis, mas as ações de Chávez são atualmente a maior fonte de irritação do presidente Lula no campo externo. (T 2)
- 184.Não é surpresa que Chávez fascine tantos esquerdistas, que o vêem como uma novidade saudável na política latino-americana. Fazer avaliações desastrosas e seguir qualquer um que antagonize os Estados Unidos está no DNA dos militantes de esquerda. (T 2)
- 185."No entanto, Chávez tem o que Fidel nunca teve: o dinheiro farto do petróleo, com o qual está se tornando o banqueiro continental da revolução bolivariana", diz Piño. (T 7)
- 186.Chávez está destruindo a economia de mercado, a democracia e a justiça venezuelanas. Não existe democracia sem instituições funcionais. Chávez as despreza. Por enquanto, o mundo o ignora. Quando acordar, pode ser tarde demais. (T 3)
- 187.A petropolítica de Chávez: O presidente Hugo Chávez usa seus petrodólares e barris de petróleo para aumentar sua influência e pavimentar o caminho para o bolivarianismo na América Latina (T 3)
- 188.O Brasil levou um chute no traseiro dado por Hugo Chávez e seu fantoche boliviano, Evo Morales. Antes, ambos foram a Cuba pedir a benção do patriarca Fidel Castro para o que planejavam fazer. Nenhum desses companheiros se deu à delicadeza de avisar o ocupante do Palácio do Planalto, que se julgava um líder regional com estofamento até para ser líder mundial. Pobre Lula. (T 5)
- 189.O presidente brasileiro foi discutir a crise numa reunião em Puerto Iguazú, na Argentina, à qual compareceram Evo Morales, o argentino Néstor Kirchner e o ubíquo Chávez. A presença da Argentina se entende, pois o país também compra gás da Bolívia, mas por que a Venezuela? A resposta possível: Chávez foi falar em nome de Morales, seu discípulo, e deixar claro quem dá as cartas na nova geografia do populismo latino-americano. (T 5)
- 190.O incidente expõe as fraturas regionais e deixa explícito o vigor do novo ciclo de populismo na América Latina, que tem Hugo Chávez e Evo Morales como expoentes. [...] O que ficará na memória dos investidores internacionais é o alerta para evitar uma região sem lei e sem ordem, onde os contratos são desrespeitados. (T 5)
- 191.Lula sonhou em resgatar a "liderança natural" do Brasil na América do Sul apoiado em seu carisma pessoal e no velho ideário da esquerda que preconiza "a união dos oprimidos contra a hegemonia do opressor". Deu-se mal, claro, e os motivos saltam aos olhos. O primeiro deles é que não se constrói uma liderança com base em retórica. "Quem quer influenciar nas decisões dos demais países tem de ter recursos humanos e materiais para oferecer", diz Marcos Azambuja,

- ex-embaixador brasileiro em Paris. Traduzindo: o exercício da liderança demanda um bom talão de cheques. O presidente venezuelano Hugo Chávez, um arruaceiro montado em petrodólares, não pára de sacar o seu. (T 6)
192. Mas que nossos “hermanos” não se enganem: se os atuais ocupantes de cadeiras em Brasília gostam de apanhar, o Brasil não é mulher de malando. (T 6)
193. Se o que acontecerá em Cuba daqui em diante interessa, basicamente, apenas aos cubanos, os rumos políticos da Venezuela trazem risco para toda a região. A partir desse momento, a esquerda revolucionária, órfã de pai e mãe, só pode se voltar para Chávez. (T 7)
194. Os russos também venderam aos venezuelanos uma fábrica de munições. [...] “Os planos de Chávez de montar uma fábrica desse tipo de munição devem preocupar não apenas os Estados Unidos, mas também os vizinhos da Venezuela”, disse recentemente o vice-secretário de Estado americano Robert Zoellick. Preocupam o Brasil, realmente. (T 2)
195. Segundo ele, a clientela mudou muito depois que Chávez assumiu o controle da PDVSA, a estatal de petróleo, em 2003. Até então, seus clientes eram pessoas conhecidas, na maioria empresários. Depois, tornaram-se frequentes os funcionários públicos, os donos de pequenas importadoras e até ex-camelôs. (T 8)
196. Na prática, portanto, o presidente venezuelano está tentando expulsar do país uma elite produtiva que cria empregos – como é o caso dos donos da RCTV e dos administradores do Hilton Caracas, hotel que vai ser nacionalizado em agosto – e pôr no lugar uma elite inepta e parasita, formada por aduladores presidenciais. (T 8)
197. O fantasma da corrida armamentista foi exorcizado na América do Sul depois da onda de democratização dos anos 80, mas seu espectro está de volta à região, e o motivo é um só: a Venezuela de Hugo Chávez. Com o sexto maior Exército do subcontinente, o país está se armando até os dentes. (T 10)
198. A manobra de Chávez, que reivindica uma fatia robusta do território da Guiana, já provocou alarme do ex-presidente José Sarney, para quem o ditador venezuelano está querendo criar “uma potência militar”. O próprio comandante do Exército brasileiro, general Enzo Peri, numa referência velada à escalada de Caracas, disse recentemente que o Brasil precisa se preocupar com sua “capacidade de dissuasão”. (T 10)
199. Tais temores ainda não repercutem entre a população em geral. A pesquisa do Sensus realizada em parceria com VEJA mostra que 57,9% dos brasileiros não acreditam na possibilidade de um conflito armado com os vizinhos e 46,5% não acham que os governos populistas de Venezuela, Bolívia e Equador representem ameaça ao país. Os militares estão mais alarmados. A preocupação com vizinhos, em especial a Venezuela, pode ser mero pretexto dos militares para valorizar seu papel ou faz sentido mesmo fora da caserna? É certo que, neste momento, o Brasil detém a supremacia militar na região, como acontece desde a Independência, em 1822, mas é crescente o risco de perde-la. (T 10)
200. Há uma tróica de países a ameaçar a superioridade brasileira – além da Venezuela, a conta fecha com o Chile e a Colômbia. [...] Os três países já têm, hoje, uma proporção mais confortável que a brasileira entre militares e civis. No Brasil, há 1.650 militares para cada milhão de habitantes. Na Venezuela, são 2.350 militares. Na Colômbia, 3.600. No Chile, 5.500. [...] O Brasil tem um militar para cada 45 quilômetros quadrados. Na Venezuela, é um fardado por 27 quilômetros. No Chile, um para 15. Na Colômbia, um para 8 quilômetros. (T 10)

201. Ouvido com a condição de manter o anonimato, o comandante de uma das Armas diz o seguinte: "A situação na América do Sul é alarmante. Chávez está armando a Venezuela e planeja armar a Bolívia de Evo Morales. O Chile tem aumentado o orçamento militar e aplica o treinamento mais intensivo e eficiente da região. Se Chávez construir uma rede de apoios com países mais ao sul e bases para sua Força Aérea, será uma ameaça grave. O Brasil não pode pensar que não há ameaça. Vivemos tempos de paz, mas essa paz pode não ser tão duradoura". (T 10)
202. "É preciso evitar que guerrilheiros das Farc colombianas ou paramilitares venezuelanos entrem no Brasil e usem a Amazônia como refúgio", diz o cientista político Eliézer Rizzo de Oliveira, professor aposentado da Unicamp e diretor do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina. Ele completa: "Hoje, as ameaças assumiram novas formas: narcotráfico, crime organizado, tráfico de pessoas e poder da delinquência sobre populações sem proteção do estado". (T 10)
203. Os venezuelanos já perderam a guerra contra Chávez. Ele precisa agora ser contido antes que consiga "construir o socialismo" e destruir mais países na América Latina. (T 7)
204. Para a cúpula militar, Chávez já criou uma 'situação alarmante' na América do Sul (T 10)
205. Nas sombras, por procuração, Chávez já se envolveu na luta armada contra o governo democrático do país vizinho. O governo chavista é hoje o principal patrocinador político e financeiro das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). (T 13)
206. O Brasil é mencionado nos documentos como um dos possíveis membros do Grupo Bolívar, conjunto de países que reconheceriam as Farc como força beligerante e receberiam terroristas em seu território. (T 13)
207. Ao deixar Marco Aurélio morder em público, enquanto assopra nos bastidores, Lula exercita seu conhecido estilo ambíguo: age pragmaticamente com correção, mas não deixa de fazer umas embaixadinhas para a platéia. Nesse caso, uma platéia nacionalista, castrista, chavista e simpática à narcoguerrilha, que tanto o presidente quanto Marco Aurélio conhecem muito bem. (T 14)
208. Em 1990, inspirados por Fidel Castro, Lula, então presidente do PT, e seu hoje assessor especial fundaram o Foro de São Paulo, grupo que reúne partidos e organizações latino-americanos de esquerda em torno de três ideologias: o antiamericanismo, o nacionalismo de cunho autoritário e a solidariedade à Cuba castrista. (T 14)
209. O próprio governo Lula tem atitudes que sugerem a influência, em graus variados, dos radicais do Foro – esse "filho nosso", como Lula chamou a entidade no discurso que fez em 2005, em São Paulo, em comemoração a seus quinze anos de existência. (T 14)
210. Para o sociólogo Demétrio Magnoli, o Foro de São Paulo não tem caráter operacional, está longe de definir as diretrizes da política externa brasileira, ou latino-americana, e perdeu seu sentido original, que era ostentar apoio ao regime cubano num momento em que o Muro de Berlim ruía e a União Soviética estava com os dias contados. Ainda assim, permanece como um palco conveniente para que Lula exercite sua retórica esquerdista e se fortaleça perante sua base política mais radical. A relação de Lula com o Foro, diz o sociólogo, é mais uma mostra da duplicidade de orientação que caracteriza a política externa brasileira, que

- tem como corolário uma série de "omissões vergonhosas" da parte do governo petista. (T 14)
211. Até agora, sempre que defronta com uma situação-limite na América Latina, como a crise da semana passada, Lula tem feito a coisa certa e falado (além de deixar falar) tolices inspiradas pelos documentos do tal Foro de São Paulo. Ainda bem que a ação é mais forte que a palavra. Ao agir com sabedoria e comedimento, Lula contribui, talvez até sem querer, para distanciar ainda mais sua imagem da de Hugo Chávez, o fanfarrão venezuelano. (T 14)
212. Para Villegas, não foi possível aprovar a reforma constitucional no referendo pelo seguinte motivo: "O povo não entendeu direito nossa proposta socialista, mas vamos tentar de novo", diz o chavista. "Afinal, não podemos esquecer que a Revolução Bolivariana é uma referência para movimentos sociais de toda a América Latina." Como os venezuelanos já opinaram nas urnas, algo que o chavismo custa a compreender, trata-se de uma referência fracassada. (T 11)